

VOLUME 04

ISSN: 2764-7528

TEOLOGIA *em revista*

Revista de Teologia SALT - Faculdade Adventista do Paraná
Volume 04 | Número 02 | 2º Semestre 2024



FAP

**Diretor Geral:**

Dr. Fabiano Leichsenring Silva (FAP, Brasil)

Diretor Financeiro:

Me. Juliano de Almeida (FAP, Brasil)

Diretor Acadêmico FAP:

Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)

Diretor SALT-FAP:

Me. João Luiz Marcon (FAP, Brasil)

Coordenador SALT-FAP:

Me. Flávio da Silva de Souza (FAP, Brasil)

Editores:

Dr. Felipe Masotti (FAP, Brasil)

Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)

Editores Associados:

Ms. Thiago Cesar Frediani Sant'Ana (FAP, Brasil)

Ms. Poliana Fragatti Cristovam (FAP, Brasil)

Conselho Editorial:

Esp. Adilson Pavan (FAP, Brasil)

Dr. Márcio Donizeti da Costa (FAP, Brasil)

Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)

Dr. Agenilton Marques Corrêa (FADBA, Brasil)

Dr. Silvano Barbosa dos Santos (UNASP, Brasil)

Dr. Marco Yañez Matamala (UNACH, Chile)

Ms. Karl Gunther Boskamp Ulloa (UAP, Argentina)

Dr. Roberto Pereyra (UAP, Argentina)

Dr. Daniel Plenc (UAP, Argentina)

Revisor:

Matheus Bernardo de Almeida Cardoso (FAP, Brasil)

Editóriação Eletrônica/Diagramação:

Bless Comunicação

Imagens:

Shutterstock

TEOLOGIA
em revista

Instituição Promotora:

Faculdade Adventista do Paraná

Gleba Paçandu, Lote 80 – Zona Rural, Ivatuba/PR – 87130-000.

Endereço Eletrônico:

teologiaemrevista@educadventista.org.br

Direitos Legais:

Teologia em Revista utiliza o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), software livre desenvolvido para a construção e gestão de publicações eletrônicas, traduzido e customizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Para esta revista, ele é alimentado pela FAP, em parceria com a Lepidus.



Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento. Sendo assim, está sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 (que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista), tendo cada artigo a representação dessa autorização através do seguinte selo:



T314 Teologia em Revista – Faculdade Adventista do Paraná, v. 4, n. 2
(Segundo semestre de 2024). Ivatuba: FAP Editora, 2024.

Semestral

eISSN: 2764-7528

1. Teologia. 2. Ciências da Religião. I. Título.

CDD 200
CDU 20

Ficha catalográfica elaborada por Poliana Fragatti Cristovam CRB 9/1727

SUMÁRIO

artigos

06 Editorial

08 O EVANGELISMO DA ESCOLA
SABATINA NA UNIÃO SUL-BRASILEIRA:
UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA

*THE EVANGELISM OF THE SABBATH SCHOOL IN THE
SOUTHERN BRAZILIAN UNION CONFERENCE: A BRIEF
HISTORICAL ANALYSIS*

Eronildes Oliveira Chagas

29 OS 1.290 E 1.335 DIAS DE DANIEL 12:
UM ESTUDO EXEGÉTICO

*THE 1.290 AND THE 1.335 DAYS OF DANIEL 12: AN
EXEGETICAL STUDY*

Natan Gomes de Lima

40 A INTERPRETAÇÃO ADVENTISTA DE
APOCALIPSE 13:10 FRENTE À NOVA
ALMEIDA ATUALIZADA

*THE ADVENTIST INTERPRETATION OF REVELATION 13:10
IN COMPARISON WITH THE NOVA ALMEIDA ATUALIZADA*

Marcus Clay Frutuoso de Souza

SUMÁRIO

artigos

56

A FUNÇÃO DE PROVÉRBIOS 9:8-12
E O CONTRASTE POÉTICO ENTRE A
SABEDORIA E A LOUCURA

*THE FUNCTION OF PROVERBS 9:8-12 AND THE POETIC
CONTRAST BETWEEN WISDOM AND MADNESS*

Henrique Kritkovski Roque | Felipe Alves Masotti

71

GESTÃO EFICIENTE NO BATISMO:
PROMOVENDO O CRESCIMENTO
SAUDÁVEL DA COMUNIDADE
ECLESIAÍSTICA

*EFFICIENT MANAGEMENT TOWARD BAPTISM:
PROMOTING THE HEALTHY GROWTH OF THE
ECCLESIASTICAL COMMUNITY*

Érico Tadeu Xavier | Juarez Machado Junior

EDITORIAL

FELIPE A. MASOTTI¹
ELMER A. GUZMAN²

O segundo número de *Teologia em Revista* de 2024 encerra as publicações do ano com uma composição multitemática. O periódico apresenta cinco artigos que abordam temas relacionados às teologias histórica, bíblica e pastoral. Essas contribuições reafirmam o compromisso da revista em produzir e disponibilizar materiais que incentivem o engajamento de seus leitores com diferentes aspectos da produção teológica acadêmica contemporânea.

O primeiro artigo deste número, intitulado “O evangelismo da escola sabatina na União Sul-Brasileira: uma breve análise histórica”, de Eronildes Oliveira Chagas, realiza uma investigação histórica sobre o papel da escola sabatina como agente evangelístico na União Sul-Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Através de uma análise bibliográfica de fontes primárias e secundárias, o autor destaca a função versátil, inovadora e plural da escola sabatina no plantio, consolidação e amadurecimento teológico do Adventismo na região Sul do Brasil.

Natan Gomes de Lima, no artigo “Os 1.290 e 1.335 dias de Daniel 12: um estudo exegético”, revisita as expressões temporais encontradas em Daniel 12:11-12. O autor realiza uma análise exegética dos 1.290 e 1.335 dias proféticos, situando-os dentro do contexto revelacional mais amplo da passagem. A conclusão do estudo é que o último período deve ser compreendido como uma extensão do primeiro, mantendo a natureza simbólico-profética dos demais períodos presentes em Daniel 7-12.

Marcus Clay Frutuoso de Souza, em “A versão portuguesa Nova Almeida Atualizada (NAA) e seu impacto na interpretação de Apocalipse 13:10”, analisa como a adoção do texto eclético da UBS5 na tradução da NAA pode influenciar o estudo e a interpretação de Apocalipse 13:10, com ênfase na popularização da versão. O autor mostra como essa tendência pode afetar a compreensão adventista de 1798 como o marco da retribuição divina contra os abusos do papado durante a Idade Média.

¹ Doutor em Exegese do Antigo Testamento (Ph.D., Andrews University). Editor de *Teologia em Revista* e Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: femasotti@yahoo.com.br

² Doutor em Teologia (Ph.D., Andrews University). Editor-associado de *Teologia em Revista*, Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR e Diretor Acadêmico da Faculdade Adventista do Paraná. E-mail: elmer.guzman@iap.org.br

Em “A função de Provérbios 9:8-12 e o contraste poético entre a sabedoria e a loucura”, Henrique Kritkovski Roque e Felipe Alves Masotti analisam a estrutura literária de Provérbios 9:8-12. Os autores demonstram que esse trecho não deve ser interpretado de forma isolada. A passagem deve ser lida dentro de seu contexto literário mais amplo. A conclusão refuta abordagens críticas que sugerem que o trecho possui uma organização acidental, defendendo uma estrutura intencionalmente organizada dentro do contexto geral do livro.

O último artigo propõe uma gestão eficiente para o processo batismal de novos conversos na Igreja Adventista do Sétimo Dia. No artigo “Gestão eficiente no batismo: promovendo o crescimento saudável da comunidade eclesial”, Érico Tadeu Xavier e Juarez Machado Junior realizam uma pesquisa bibliográfica sobre o processo batismal no Brasil. Eles enfatizam a importância de uma administração responsável do rito, que envolva cuidado pastoral na avaliação de marcadores reais de compreensão doutrinária e evidências práticas da fé adventista na vida do candidato. O estudo conclui ressaltando a necessidade de maturidade administrativa a respeito do batismo para fortalecer tanto a fé individual quanto a coletiva da comunidade adventista.

Boa leitura!

O EVANGELISMO DA ESCOLA SABATINA NA UNIÃO SUL-BRASILEIRA: UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA

ERONILDES OLIVEIRA CHAGAS¹

Resumo: Desde os seus primórdios no movimento adventista, a Escola Sabatina tem sido reconhecida como uma estrutura de vanguarda nas ações evangelísticas da igreja. No contexto de sua história na União Sul-Brasileira, essa instituição desempenhou um papel relevante ao reunir os membros dispersos, nutrir espiritualmente a igreja, inspirá-la e impulsioná-la na obra de cumprimento da missão por meio de múltiplas estratégias missionárias. A Escola Sabatina foi vital para o crescimento da igreja no vasto território da União Sul-Brasileira, tanto no âmbito geográfico quanto no numérico. Em tempos de severa escassez de obreiros e líderes capacitados para dirigir as atividades, e quando ainda não havia templos, essa escola foi essencial, apoiando o trabalho dos missionários voluntários e as séries de evangelismo público. Seu potencial evangelístico, de natureza inclusiva, foi exponencialmente maximizado nas estratégias das Escolas Sabinas Filiais, do Evangelismo Infantil, das Escolas Cristãs de Férias, do Projeto do Dia das Visitas e das ações de suas Unidades Evangelizadoras. A influência da Escola Sabatina foi decisiva para o crescimento saudável da igreja na geografia da União Sul-Brasileira.

Palavras-chave: Escola Sabatina. União Sul Brasileira. Evangelismo. Estratégias Missionais.

¹ Doutorando em Missiologia (UPeU). Secretário Executivo na Associação Sul Paranaense da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Contato: eronildes.chagas@adventistas.org

THE EVANGELISM OF THE SABBATH SCHOOL IN THE SOUTHERN BRAZILIAN UNION CONFERENCE: A BRIEF HISTORICAL ANALYSIS

Abstract: Since its beginnings in the Adventist movement, the Sabbath School has been recognized as a vanguard structure in the church's evangelistic actions. In the context of its history in the South-Brazilian Union Conference, this school played a relevant role in bringing together scattered brothers, spiritually nourishing the church, and inspiring and driving it to the work of fulfilling the mission through multiple missionary strategies. The Sabbath School was vital for the growth of the church in the vast territory of the South-Brazilian Union Conference, both geographically and numerically. When there was a severe shortage of workers and leaders qualified to direct the activities, and when there were no temples yet, this school was essential, making a difference in supporting the work of volunteer missionaries and the public evangelism series. Its evangelistic potential of an inclusive nature was exponentially enhanced in the strategies of the Branch Sabbath Schools, Children's Evangelism, Christian Vacation Schools, the Visiting Day Project, and the actions of its Evangelizing Units. The influence of the Sabbath School was a decisive factor in contributing to the healthy growth of the church in the geography of the South-Brazilian Union Conference.

Keywords: Sabbath School. South-Brazilian Union Conference. Evangelism. Missionary Strategies.

1. Introdução

Testemunhar de Cristo a outras pessoas é parte da identidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia em sua missão como remanescente profético (Godinho, 2022). Embora os adventistas tivessem essa percepção ainda nos primórdios do processo de sua organização eclesiástica, o conceito da “porta fechada” impactou a visão missionária da denominação em seus anos iniciais (Shwarz, 1979; Knight, 2000). Posteriormente a essa fase de bloqueio da visão evangelística, um despertar missionário foi se desenvolvendo paulatinamente no meio adventista até tornar-se um vigoroso movimento missionário de extensão mundial (Dybdahl, 1999; Knight, 2000).

Semelhantemente, a consciência missionária da Escola Sabatina também teve desenvolvimento gradual. Em 1885, após 33 anos do seu início no movimento do advento, uma nova mudança no foco do trabalho da Escola Sabatina começou a ganhar projeção, tornando-se o ponto de partida oficial para a compreensão do seu papel na missão global. De acordo com Chagas (2019), a grande comissão evangélica em Mateus 28:19-20 conscientizou os líderes da Escola Sabatina da urgente necessidade de avanço na proclamação mundial da mensagem do evangelho eterno, pregado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A respeito da visão evangelística da Escola Sabatina, o destacado pioneiro Goodloe Harper Bell (1883) escreveu:

O objetivo principal da Escola Sabatina é o mesmo de outros esforços organizados em favor do cristianismo, ou seja, a salvação das almas. Porém, o objetivo imediato e principal é promover um estudo sério, completo e habitual da Palavra de Deus. A Palavra é o meio divinamente designado para alcançar o coração dos homens.

Ao refletir sobre o assunto, Flora Plummer (1928, p. 30), a única mulher a exercer liderança global no Departamento de Escola Sabatina da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, declarou que

o propósito da Escola Sabatina é levar almas a Cristo e desenvolver o crescimento cristão. O trabalho da Escola Sabatina é preeminentemente um trabalho de salvação de almas. Este objetivo sagrado deve ser mantido em destaque em nossa mente na organização de cada programa, na condução de cada exercício e no uso de cada dispositivo. Não deve haver partes sem propósito ou sentido nos programas da Escola Sabatina; nessa maquinaria não deve haver movimentos perdidos ou cerimônias inúteis.

Por sua parte, Ellen G. White (1900, p. 47, grifo nosso), considerada como voz profética entre os adventistas do sétimo dia, ao tratar do testemunho como uma das ênfases da missão dessa obra de educação religiosa, esclarece que

se a Escola Sabatina não cumprir este objetivo missionário, ela está falhando em seu propósito. O objetivo da obra da Escola Sabatina deve ser a conquista de almas. *A organização do trabalho pode ser impecável, as instalações nada deixarem a desejar; mas se as crianças e os jovens não forem levados a Cristo, a escola será um fracasso; pois, a menos que as almas sejam atraídas a Cristo, elas se tornam cada vez mais inexpressíveis sob a influência de uma religião formal.*

2. A Escola Sabatina nos Primórdios da União Sul-Brasileira

A Escola Sabatina no território da União Sul-Brasileira, à semelhança do que aconteceu em outras partes do mundo, foi organizada antes da igreja, e muitos anos antes da existência dessa União como unidade administrativa. Seu início oficial ocorreu em 1895, por ocasião da visita de Frederic H. Westphal, o primeiro pastor adventista a visitar o Brasil. Naquela ocasião, em Indaiatuba, São Paulo, ele organizou a primeira Escola Sabatina em solo brasileiro (Westphal, 1895). A União Sul-Brasileira foi organizada como uma unidade administrativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia somente em 1919, 24 anos depois da realização da primeira Escola Sabatina no país.

No ato de sua organização, a União Sul-Brasileira ficou responsável pela administração da igreja na área que hoje compreende os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Tocantins, além do Distrito Federal e parte do estado de Minas Gerais. Esse grande território reunia quase 35% da geografia nacional. Com o crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, a União Sul-Brasileira passou por dois outros processos de reorganização territorial (Lessa, 1985; 2004). Atualmente a jurisdição administrativa da USB limita-se aos estados da Região Sul do Brasil.

Apesar de a organização da União Sul-Brasileira ter acontecido mais de duas décadas após as primeiras Escolas Sábatinas em seu território, a obra adventista enfrentava muitas dificuldades nos anos iniciais dessa União, especialmente devido ao escasso número de pastores para liderá-la. No vasto estado do Paraná, por exemplo, no final de 1918 não havia ministros ordenados. Num relatório de 1922 para a *Revista Mensal*, o pastor Germano Streithorst (1922, p. 8-10), então presidente da Missão Paranaense, narra uma longa viagem a cavalo que fez durante quatro meses seguidos, visitando 70 locais nos estados do Paraná e Santa Catarina, onde havia membros que se reuniam em Escolas Sábatinas. Ele chegou até Xanxerê, uma cidade catarinense onde existia uma Escola Sabatina, mas cujos fiéis não tinham recebido a visita de um pastor sequer por dez longos anos.

Oito anos após o texto de Streithorst, Moore (1926, p. 8-9) trouxe os seguintes números em um relatório na *Revista Mensal* sobre a igreja na Missão Paranaense: 515 membros, espalhados por seis igrejas, oito grupos e alguns locais isolados, os quais se reuniam em 14 Escolas Sabatinas. Em contrapartida, a igreja paranaense contava com apenas cinco obreiros, sendo dois ministros ordenados, dois obreiros bíblicos, um diretor de colportagem e dois professores (Moore, 1926). Esses exemplos, entre tantos outros, constituem um forte indicativo da relevância da Escola Sabatina na conservação da integridade espiritual dos membros da igreja.

Em um relatório posterior, Moore (1930), que passou a ser presidente da Associação Paulista, descreveu os desafios enfrentados pela igreja entre 1925 e 1927. Ele destacou a quantidade de obreiros no vasto território de São Paulo, seguido pelo número de templos (apenas três em São Paulo até 1928: Ibitinga, Espírito Santo do Pinhal e Santo Amaro) e de Escolas Sabatinas operantes no estado de São Paulo. Os números relatados foram:

4 pastores ordenados, um ministro licenciado, 1 secretário-tesoureiro, 1 obreiro bíblico, 1 diretor de colportagem, 2 funcionários de escritório da Associação, 27 colportores fiéis e 1 missionário enviado à África. [...] Espalhadas por este vasto estado, temos mais de 50 Escolas Sabatinas. Nossos irmãos se reúnem ali semanalmente, cantando, orando, doando suas ofertas e dízimos, preservando e salvando nosso povo, crianças, jovens e idosos (Moore, 1930, p. 6-7).

Nas primeiras décadas da União Sul-Brasileira, o evangelismo era realizado principalmente pelos membros leigos (Pereyra, 1964). Os adventistas acreditavam no valor da Escola Sabatina para a preservação da lealdade dos membros à mensagem, bem como para ajudar a igreja manter viva a chama do compromisso missionário de testemunhar de Cristo na comunidade local. Naquele período a Escola Sabatina era vista como elemento essencial para organizar um grupo de fiéis, o que resultou no crescimento e prosperidade do trabalho missionário (Moore, 1928).

Durante muitos anos a organização de Escolas Sabatinas foi uma das estratégias mais utilizadas pela igreja para alcançar as comunidades com a mensagem do evangelho. Embora pareça que essa estratégia tenha resultado de um evento espontâneo, uma vez que não foram encontradas provas concretas da existência de um planejamento elaborado para a sua implementação, pelo menos nas primeiras décadas de presença da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, adicionado os primeiros 15 anos de organização da União Sul-Brasileira, nada foi encontrado a esse respeito (Suessmann, 1919). Contudo, a Escola Sabatina foi considerada vital para a missão, sendo o local adequado de fomento ao espírito evangelístico e preparo de crianças e jovens para o campo missionário. Além disso, os pioneiros acreditavam que a Escola Sabatina, devidamente conduzida, seria um local apropriado para os membros convidarem seus amigos para participarem de suas reuniões (Rohde, 1920).

A relevância da organização de Escolas Sabatinas para nutrir espiritualmente a igreja e impulsioná-la a testemunhar do evangelho, alcançando as comunidades locais com a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:6-12, é evidente nas histórias registradas pelo pastor Rodolpho W. Belz, então presidente da Associação Paulista. Em suas viagens pelo interior de São Paulo, após um mês e meio visitando diversos lugares, ele declarou que o trabalho da Escola Sabatina foi a base do sucesso da igreja na evangelização de tantas comunidades locais (Belz, 1926).

Há inúmeros relatos na *Revista Adventista* confirmando que a Escola Sabatina foi um baluarte no trabalho de encorajar e inspirar a igreja a testemunhar de Cristo na comunidade, constituindo-se no principal fator para o seu crescimento saudável. Esses registros mostram

que tal estratégia acompanhou os esforços missionários da igreja em diversos lugares, próximos e distantes, durante muitos anos, confirmando a relevância da organização de Escolas Sabatinas nas primeiras décadas da história da União Sul-Brasileira para o êxito da missão de levar o evangelho de Cristo às comunidades do entorno.

A obra adventista no estado de Goiás, que fez parte da União Sul-Brasileira até meados da década de 1980, é um exemplo disso. A presença adventista ali começou com o trabalho de membros voluntários em 1923. Colportores pioneiros como Juliano Marques, Carlos Henrique, Pedro Souza e Longino Niz promoveram a semeadura da mensagem adventista em diversas cidades de Goiás. Naquele vasto estado (incluindo a região onde hoje é o estado de Tocantins e o Triângulo Mineiro, que integrava a Missão Goiano-Mineira, que administrava a igreja em toda aquela área gigantesca), havia apenas o pastor Oscar Reis para administrar todos os setores da obra e pastorear a igreja numa área de quase 700 mil quilômetros quadrados (Oliveira, 1946). Diante dessa realidade, a obra da Escola Sabatina exerceu um papel essencial na consolidação e expansão da igreja.

3. Apoio da Escola Sabatina aos Colportores e Missionários Voluntários

Além de nutrir espiritualmente a igreja e incentivá-la à missão, a Escola Sabatina também apoiou o trabalho pioneiro dos colportores. Esses heróis do evangelho ajudaram a espalhar o testemunho de Cristo em diversos lugares, alcançando até os cantos mais distantes das fronteiras da União Sul-Brasileira. Eles foram fundamentais para despertar o interesse de muitas pessoas pela mensagem adventista. Esses interessados na mensagem do advento, alcançados pelos colportores, geralmente eram levados às Escolas Sabatinas, organizadas em vários locais. Mesmo na ausência de líderes capacitados para coordenar as atividades da igreja em determinadas localidades, essas Escolas Sabatinas eram essenciais para reunir os membros, acolher, fortalecer espiritualmente e manter unidos os interessados e os novos convertidos à fé (Keppke, 1931).

Além do trabalho dos colportores, são numerosas as experiências relatadas sobre o apoio da Escola Sabatina à obra missionária da igreja em diferentes lugares da União Sul-Brasileira. Da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, por exemplo, foi apresentado um relatório relativo ao ano de 1933, em referência ao trabalho da igreja naquela cidade. As reuniões da Escola Sabatina daquela congregação tinham regularmente um público entre 130 e 150 pessoas. A força da Escola Sabatina em encorajar a igreja em seu testemunho à comunidade local era visível (Ruf, 1933).

O relato histórico a seguir é mais um exemplo que testifica a favor da Escola Sabatina em sua obra de apoiar o trabalho dos voluntários no testemunho à comunidade. Na cidade de Rio Verde, Goiás, havia um grupo com um considerável número de pessoas não batizadas, alcançadas pelo trabalho do colportor Domingos Costa. Esse grupo guardou o sábado por muito tempo e permaneceu fiel. Cinco anos se passaram desde o trabalho iniciado pelo colportor Domingos Costa, quando um jovem adventista chamado Rodrigues de Oliveira, que havia aprendido a fazer trabalho missionário com o referido colportor, encontrou esses fiéis em Rio Verde. Rodrigues, ao chegar e conhecer aquele grupo, ficou um tempo com eles e organizou melhor a Escola Sabatina, que tinha 42 pessoas, confirmando os membros na verdade bíblica. Em seguida, escreveu imediatamente à sede da União Sul-Brasileira solicitando que fosse enviado um pastor para batizá-los (Wilcox, 1935).

De diversas formas, a Escola Sabatina foi essencial ao testemunho cristão que os membros voluntários e colportores davam em suas comunidades, exercendo um efeito decisivo na potencialização do crescimento da igreja dentro do território da União Sul-Brasileira. A história da igreja de Socorro, no interior de São Paulo, é prova disso. Houve intenso trabalho dos membros voluntários, especialmente dos jovens. Oito anos depois do primeiro batismo, a igreja naquela localidade tinha 103 membros batizados e quatro Escolas Sabinas organizadas, que “espalhavam luz por toda a região” (Hagen, 1932, p. 14).

Como já mencionado, o incentivo da Escola Sabatina ao trabalho missionário de seus alunos em dar testemunho do evangelho na comunidade local foi notável em muitos lugares da União Sul-Brasileira, sendo crucial para o crescimento da igreja. Outro exemplo dessa natureza vem dos registros do grande despertamento e compromisso religioso da igreja de Serrinha, no Litoral Sul de São Paulo. Dois anos após ser inaugurada, essa congregação, que inicialmente contava com 45 membros batizados, passou a contar com 100 alunos na Escola Sabatina e 21 na classe batismal (Souza, 1951).

Dos relatórios da XIV Assembleia da Associação Paulista, no final de 1949, há bastante informação apontando fortes indícios de participação da Escola Sabatina no grande nível de comprometimento da igreja na missão de testemunhar de Cristo em sua comunidade local. Foi informado que aquela Associação contava com 246 Escolas Sabinas, somando 8.751 membros registrados. Possuía também 77 sociedades de Jovens Missionários Voluntários (MV), contabilizando 3.556 membros cadastrados. O trabalho missionário no biênio 1948-1949 na referida Associação apresentou os seguintes números de envolvimento da igreja: 151.638 estudos bíblicos e reuniões voltadas à evangelização, um total de 169.527 visitas, cartas missionárias escritas e pessoas trazidas às reuniões, 792.718 publicações distribuídas, 33.158 inscrições para a Escola Bíblica da Rádio Postal e 216.419 unidades de roupas e alimentos distribuídas (Waldvogel, 1950).

Outro exemplo extraordinário do poder da Escola Sabatina para estimular o zelo e o amor dos membros da igreja em testemunhar de Cristo na comunidade local é destacado nos registros históricos da igreja na capital de Goiás, no início dos anos 1950. A Igreja Central de Goiânia possuía uma Escola Sabatina com 170 membros cadastrados, quatro Escolas Sabinas Filiais e uma classe batismal. Na mesma cidade, a igreja do bairro Campinas contava com 45 membros e duas Escolas Sabinas Filiais cadastradas. No total, havia mais de 250 alunos, dos quais menos da metade eram membros batizados. Ainda mais impressionante é que o pastor dessa igreja havia sido transferido e a congregação estava sem ministro fazia cinco meses. O presidente e o secretário da Missão não tinham tempo para cuidar da igreja; quem dirigia os trabalhos eram obreiros leigos entusiasmados e voluntários consagrados (Doehnert, 1952).

Em mais uma confirmação do marcante impacto evangelístico da Escola Sabatina no crescimento da denominação em toda a extensão geográfica da União Sul-Brasileira, o relato da igreja na cidade de Tangará da Serra, Mato Grosso, impressiona. A luz do evangelho chegou àquele município em novembro de 1969 através de membros leigos que vieram das cidades de Paranaíba e Tamboara, Paraná. A primeira Escola Sabatina foi realizada na casa de Joaquim Nascimento. Em 1977, depois de apenas oito anos da primeira reunião da Escola Sabatina naquela cidade, existia ali uma Escola Sabatina com 253 membros que se encontravam todos os sábados (Rebello, 1977). Esse exemplo específico, embora, muito provavelmente tenha algum reflexo das ondas migratórias de pessoas que se mudavam do Sul para o Centro-Oeste brasileiro, testifica poderosamente a favor da Escola Sabatina como “um dos maiores e mais eficazes instrumentos para levar pessoas a Cristo” e em ajudar no crescimento saudável da igreja.

4. A Participação da Escola Sabatina nas Séries de Evangelismo Público

Impulsionada pela urgência do cumprimento da missão, a liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia na União Sul-Brasileira foi motivada a desafiar e inspirar a denominação a levar o evangelho às multidões que viviam nas cidades de seu território. Para o cumprimento dessa tarefa, diferentes métodos de evangelização foram empregados, sendo o evangelismo público uma das estratégias mais exploradas pela igreja ao longo de muitas décadas. A sua utilização, desde os primórdios da União Sul-Brasileira, foi mais proeminente no contexto das regiões urbanas (Greenleaf, 2011).

Com o crescente número de membros nas primeiras décadas de sua história, e ainda contando com um número reduzido de pastores e líderes capacitados para a condução das atividades nas igrejas locais, a Escola Sabatina da União Sul-Brasileira desempenhou um papel vital no processo de evangelização. Ao promover o contato diário dos membros com a Palavra de Deus, ela inspirou a igreja ao compromisso missionário de conquistar pessoas por meio do testemunho dos membros na comunidade local. Além disso, exerceu um papel crucial no discipulado de novos conversos, que eram alcançados pelo trabalho das equipes de obreiros atuantes nas séries de reuniões de evangelismo público (Nielsen, 1930). Essa percepção foi destacada em dois artigos publicados na *Revista Mensal*, nos meses de julho e agosto de 1930. Na avaliação de Maas (1930a, 1930b), o trabalho da Escola Sabatina nesse sentido era vital, por ser um meio desenhado por Deus para fortalecer espiritualmente a igreja e potencializar seu espírito missionário.

No relatório da União Sul-Brasileira, publicado na *Revista Adventista* de julho de 1935 (Wilcox, 1935), há evidências da cooperação harmoniosa entre o evangelismo público e a Escola Sabatina na missão de alcançar pessoas e promover o crescimento da igreja. A Escola Sabatina esteve notavelmente presente, exercendo uma atuação ativa, tanto na vanguarda quanto na retaguarda das estratégias missionais. Em confirmação dessa parceria de sucesso, relatos do trabalho evangelístico em São Paulo indicam que todas as séries de reuniões de evangelismo público eram precedidas ou sucedidas pela Escola Sabatina. As conferências realizadas na cidade litorânea de Santos, por exemplo, resultaram na continuidade dos estudos bíblicos para 11 famílias, que passaram a frequentar a Escola Sabatina que veio a contar com um total de 103 membros que a frequentavam (Belz, 1937).

Com o passar do tempo e com a finalidade de alcançar mais pessoas com a mensagem do evangelho, as campanhas de evangelismo público foram amplamente utilizadas em grande parte da União Sul-Brasileira, mas as estratégias missionais não se limitaram apenas a elas. Durante os anos 1930 e parte dos anos 1940, grande número de classes batismais era ministrado por obreiros voluntários. Como resultado dessas parcerias estratégicas, o crescimento percentual no número de Escolas Sabinas também foi muito expressivo, atingindo a marca de 58% e superando a marca de 50% de crescimento no número de novos alunos matriculados em relação aos anos anteriores (Wilcox, 1939).

A correlação positiva da parceria estratégica entre o trabalho da Escola Sabatina e o evangelismo público na promoção do testemunho dos membros da igreja em sua comunidade foi novamente evidenciada nos destaques do relatório da XIII Assembleia Quadrienal da União Sul-Brasileira. Muitas vezes, o apoio da Escola Sabatina às atividades do ciclo de proclamação do evangelho era dado previamente, outras vezes posteriormente ao trabalho das séries de conferências evangelísticas. O relatório deu ênfase especial aos indicadores do crescimento da

obra adventista naquele período, resultado do sucesso dessa forma de cooperação estratégica em diferentes lugares do território da União (Waldo, 1945).

5. O Evangelismo das Escolas Sabatinas Filiais

As primeiras Escolas Sabatinas Filiais foram organizadas nos Estados Unidos em 1879 (General Conference, s.d., p. 3), e em pouco tempo tornaram-se uma das marcas mais salientes do evangelismo da Escola Sabatina ao redor do mundo. No território da União Sul-Brasileira, durante muito tempo, desempenharam um papel extremamente importante na ênfase de missão da Escola Sabatina, potencializando um de seus principais objetivos: motivar e inspirar os membros a dar testemunho do evangelho na comunidade local. A respeito dessa modalidade de trabalho missionário da Escola Sabatina, Ellen G. White (1900, p. 74) escreveu: “O Senhor deseja que os que estão envolvidos na obra da Escola Sabatina sejam missionários, capazes de sair para as cidades e vilas ao redor da igreja, e dar à luz da vida àqueles que estão sentados nas trevas.”

Com esse entendimento, a Divisão Sul-Americana, em reunião de sua Comissão Diretiva, votou uma importante resolução reconhecendo o valor das Escolas Sabatinas Filiais e recomendando que lhes fosse dada atenção especial em todas as igrejas (IASD, 1938). A partir dessa data, muitos registros destacam a eficácia das Escolas Sabatinas Filiais no apoio aos objetivos da Escola Sabatina na promoção do testemunho de seus membros na evangelização da comunidade local.

Em 1939, na convenção da Escola Sabatina realizada em Londrina, Paraná, Santiago Schmidt descreveu o crescimento da Escola Sabatina naquela cidade. Ele informou que, em 1938, havia duas famílias adventistas em Londrina. Pouco tempo depois, em 1939, já havia 50 membros batizados, 16 dos quais haviam sido batizados na referida convenção da Escola Sabatina. Ele atribuiu o sucesso dessa escola à abertura das Escolas Sabatinas Filiais. Declarou também que todos os batizados eram membros da Escola Sabatina (Schmidt, 1939).

Através das Escolas Sabatinas Filiais, a igreja mobilizou-se para partilhar a mensagem na comunidade de forma sistemática, organizada e regular. Registros do ano de 1942, da região de Ribeirão Preto, São Paulo, destacam o papel das Escolas Sabatinas Filiais no sucesso da igreja naquela parte da União Sul-Brasileira. Nessa cidade, no início de 1941, havia 53 membros na Escola Sabatina regular, enquanto em janeiro de 1942 a mesma escola contava com 107 matriculados. O crescimento foi em torno de 50,4%. Duas Escolas Sabatinas Filiais contribuíram diretamente para esse crescimento tão expressivo (Siqueira, 1942).

Com o pleno funcionamento das Escolas Sabatinas Filiais na União Sul-Brasileira, notícias da participação direta e do impacto do evangelismo da Escola Sabatina no trabalho missionário da igreja na comunidade local chegavam de diversos lugares. O relatório apresentado pelo diretor do trabalho missionário para toda a União trouxe números impressionantes sobre o nível de participação da igreja no trabalho missionário. Informou que, em 1942, a União Sul-Brasileira tinha um total de 14.071 membros em seus registros. Naquele ano, foram ministrados 43.082 estudos bíblicos pelos fiéis da igreja, o que significa uma média de mais de três estudos bíblicos por adventista na União Sul-Brasileira. Apesar dos números expressivos, o documento indicava que apenas 30% a 40% dos fiéis relatavam participação, evidência clara de que o envolvimento da igreja na missão era ainda muito maior do que o registrado (Lambeth, 1943).

Confiantes na força da Escola Sabatina para impulsionar a igreja à missão, em janeiro de 1944, a União Sul-Brasileira registrou um voto da Divisão Sul-Americana que continha uma série de instruções sobre o envolvimento total da igreja na evangelização de sua comunidade.

No item 6 das recomendações (IASD, 1944), a Escola Sabatina foi chamada a promover a abertura de novas Escolas Sábatinas Filiais e de Escolas Dominicais (iguais às Escolas Sábatinas Filiais, mas realizadas aos domingos para alcançar mais pessoas), além de outras modalidades de atuação para que a Escola Sabatina fosse uma agência evangelizadora em todos os seus aspectos.

O relatório da Igreja Adventista do Sétimo Dia na cidade de Rio Preto, São Paulo, exemplifica os efeitos da resposta da igreja à recomendação de sua liderança citada acima. Durante aquele ano, essa congregação ministrou um total de 1.405 estudos bíblicos e reuniões evangelísticas, realizou 2.547 visitas missionárias, levou um total de 969 interessados à Escola Sabatina e outras reuniões e prestou assistência humanitária a 2.581 pessoas. Além disso, ajudou nos tratamentos de 540 enfermos, distribuiu 380 peças de roupa aos necessitados, entregou 8.001 panfletos e escreveu 142 cartas missionárias. Aquela Escola Sabatina contava com um total de 83 matriculados no início de 1944 e no final do mesmo ano chegou aos 105 membros registrados (Siqueira, 1944).

Em reconhecimento ao sucesso das Escolas Sábatinas Filiais, e com o objetivo de impulsionar ainda mais a igreja à evangelização na comunidade, o pastor Santiago Schmidt (1945, p. 11) escreveu um pequeno artigo na *Revista Adventista* no final de 1945, destacando que as Escolas Sábatinas Filiais “aumentam o número de membros da Escola Sabatina; aumentam o número de membros da igreja e aumentam as ofertas para a conclusão da Obra”.

Também foi destacado o sucesso do trabalho de evangelismo da igreja em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Através de classes bíblicas e da abertura de Escolas Sábatinas Filiais em vários bairros da cidade, essa congregação alcançou um sucesso expressivo. No segundo semestre de 1948, a igreja ali contava com mais de uma dezena de Escolas Sábatinas Filiais. Em uma delas, 18 pessoas já haviam sido batizadas. Relatou-se que, dos 92 novos convertidos em 1947, 47 haviam sido ganhos através do esforço dos membros. O envolvimento da igreja de Porto Alegre com as Escolas Sábatinas Filiais foi destaque na *Revista Adventista* durante vários anos consecutivos (Azevedo, 1947; Waldvogel, 1948).

Ainda em meados do século 20, a missão norteava as decisões da igreja. Em 1957, a União Sul-Brasileira registrou um voto da Divisão Sul-Americana apelando para o envolvimento da igreja na evangelização e no plantio de novas congregações. Numa das resoluções apresentadas orientava os obreiros voluntários a estabelecerem Escolas Sábatinas Filiais. Essa seria uma das estratégias para introduzir o evangelho em bairros e distritos ainda não alcançados com a mensagem do advento. O voto também recomendava a organização de classes batismais nas Escolas Sábatinas Filiais como um meio de atrair mais visitantes às reuniões e ganhar mais jovens e crianças para Cristo (IASD, 1957b; Riffel, 1957).

É evidente que a igreja entendeu que a Escola Sabatina tem uma origem celestial e um papel missionário a desenvolver na evangelização da comunidade local. No final da década de 1960, o secretário do Departamento de Escola Sabatina da Associação Geral reforçou o papel evangelístico dessa escola e apelou para que cada unidade de ação da Escola Sabatina dos adultos se considerasse uma equipe para buscar e resgatar pessoas de seu bairro. Cada Escola Sabatina deveria ter, pelo menos, uma filial em funcionamento, pois “este é um dos meios mais eficazes de levar as pessoas a Cristo” (Nash, 1960).

6. O Evangelismo da Escola Sabatina nas Escolas Cristãs de Férias

Nas orientações proféticas de Ellen G. White à Igreja Adventista do Sétimo Dia, há conselhos sobre as amplas possibilidades do trabalho missionário da Escola Sabatina, declarando-se que “através dos filhos, muitas vezes são alcançados pais que de outra forma não poderiam ser alcançados” (White, 1892, p. 342; 1966, p. 114-115). Nessa declaração, a igreja encontrou a base para iniciar uma obra evangelística relevante através do projeto das Escolas Cristãs de Férias (ECF). Dessa maneira, a administração da igreja na União Sul-Brasileira viu na Escola Sabatina outras múltiplas formas de alcançar a comunidade local com a mensagem do evangelho eterno contido no arcabouço das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12.

As Escolas Cristãs de Férias nasceram com o propósito de levar o evangelho às crianças de uma forma atrativa e instrutiva. Além disso, também são um meio estratégico de despertar o interesse dos pais no plano de salvação. Os registros históricos dessa estratégia evangelizadora vinculada à Escola Sabatina apontam o ano de 1958 como sendo a data de seu início no Brasil, tendo inclusive sido realizada pela primeira vez no território da União Sul-Brasileira, sob a coordenação de Alida Nigri e Linda de Oliveira. Essa estratégia tinha o nome de “Escola Bíblica de Férias”, que foi posteriormente alterado para Escola Cristã de Férias (Nigri, 1958a, 1958b; Valle, 1964).

O impacto das atividades missionárias das Escolas Cristãs de Férias para ajudar a igreja na missão de dar testemunho à comunidade foi tão positivo que a Divisão Sul-Americana, em 1961, aproximadamente três anos após a primeira ECF ter sido realizada no território da União Sul-Brasileira, votou uma recomendação incentivando a realização de ECF (IASD, 1961).

Testemunhos sobre o sucesso dessa excelente estratégia missionária da Escola Sabatina com o propósito de alcançar a comunidade com o evangelho começaram a se espalhar desde o início desse movimento evangelístico. Exemplo disso foi relatado pelo pastor Waldemar Macedo e sua esposa Neusa Torres, da cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul: 114 crianças de diferentes credos religiosos foram matriculadas na Escola Cristã de Férias, das quais 75 receberam certificado de formatura. Entre os presentes na cerimônia estavam representantes da secretaria de educação do governo, pastores evangélicos, pais e familiares dos alunos. No segundo sábado, 40 crianças não adventistas compareceram à reunião da Escola Sabatina e ficaram tão impressionadas que uma mãe foi até a casa do pastor e perguntou: “Minha filha pode ser adventista?” O pastor batista da referida cidade elogiou a iniciativa adventista e comentou sobre o entusiasmo do filho pela Escola Cristã de Férias (Reis, 1962).

No final do ano de 1965, a União Sul-Brasileira registrou mais um voto da Divisão Sul-Americana contendo resoluções sobre o evangelismo das Escolas Cristãs de Férias. O voto recomendava aos campos locais aumentarem a implementação das ECF (IASD, 1965). Em resposta, houve campos da União Sul-Brasileira que acolheram o projeto e o promoveram amplamente. Na Associação Paranaense, por exemplo, foram realizadas 47 Escolas Cristãs de Férias em um mês (Nogueira, 1967), com a presença de 256 professores. Uma multidão de mais de 1.100 crianças recebeu seu certificado de participação, das quais 888 não eram adventistas. Além disso, na mesma notícia foi divulgado que, de 1964 a 1966, na Associação Paranaense, foram realizadas 98 ECF com a participação de 4.047 crianças, das quais 2.193 não eram adventistas.

7. O Evangelismo Infantil da Escola Sabatina

Na União Sul-Brasileira, assim como em qualquer outro local onde a Igreja Adventista do Sétimo Dia está presente, o foco na formação espiritual e missional das novas gerações da igreja através da Escola Sabatina sempre foi uma parte permanente e prioritária, tanto no âmbito de suas decisões administrativas e organizacionais quanto em suas práticas ministeriais. O primeiro registro encontrado sobre a formação do público infantil da igreja na União Sul-Brasileira data de 1919. Ainda no primeiro ano de organização dessa União, o pastor Max Rhode, diretor do departamento da Escola Sabatina, sugeriu envolver as famílias na responsabilidade de prover o ensino bíblico aos seus filhos por meio da *Lição da Escola Sabatina*, propondo que esse ensino fosse interessante e de qualidade para desenvolver a formação espiritual e missionária de crianças e jovens (Rohde, 1919).

Desde os primeiros anos de atuação oficial da obra adventista na União Sul-Brasileira, há registros comprovando que, quando ainda era escassa a liderança pastoral, não havia nem templos para a igreja se reunir e tampouco locais para funcionamento dos departamentos infantis, a Escola Sabatina cumpriu exitosamente seu papel de auxiliar na formação espiritual e missional das novas gerações da igreja (Moore, 1930; Maas, 1931). No campo das decisões administrativas relacionadas com o evangelismo infantil da Escola Sabatina, em 1936, pela primeira vez, foi registrado um voto da União Sul-Brasileira contendo recomendações para preencher uma lacuna no programa de formação espiritual e missionária para todas as faixas etárias dos membros da igreja, recomendando a criação do departamento intermediário da Escola Sabatina, que trabalharia com juvenis e adolescentes de 12 a 16 anos de idade (IASD, 1936).

O processo de aprimoramento e consolidação do programa de evangelismo infantil da Escola Sabatina foi gradativo. Para o diretor dessa escola para toda a Divisão Sul-Americana nos anos 1940, o pastor Santiago Schmidt (1946, p. 13), por meio do *Auxiliar da Escola Sabatina* encartado na *Revista Adventista* da época, recomendou uma sequência de orientações e sugestões para potencializar o evangelismo da Escola Sabatina junto ao público infantil da igreja. O pastor Santiago Schmidt (1946, p. 13) apresentou uma extensa lista de proposições, dentre as quais selecionamos as seguintes:

1. Em primeiro lugar, os pais devem visitar com mais frequência a divisão infantil, num espírito de amor e cooperação.
2. A Comissão da Escola Sabatina deverá reunir-se mensalmente e estudar, entre outras coisas, as necessidades das crianças.
3. Os melhores professores devem cuidar das classes dos menores. Esses professores, juntamente com os diretores, deveriam fazer o curso preparatório e ter a reunião de professores separada da reunião de adultos todos os sábados.
4. Adquirir as ilustrações necessárias para os menores.

Prosseguindo em direção à consolidação da estruturação do evangelismo infantil da Escola Sabatina, uma sequência de decisões administrativas da igreja, entre os anos 1940 e 1970, colocou esse assunto em acentuada evidência (IASD, 1947). A realização de congressos e cursos com iniciativas pioneiras trouxe novas ideias e expandiu uma nova visão para o trabalho com as crianças, além de mostrar a necessidade de diversas melhorias na Escola Sabatina, a fim de aumentar a participação do público infantil da igreja na evangelização (Christman, 1954).

As decisões administrativas das instâncias superiores da igreja em favor dessa causa, recomendado dentre outras coisas a construção de espaço adequado para reunir as crianças bem como a aquisição de materiais necessários ao evangelismo infantil eficaz (IASD, 1957a),

constituíram um forte indicativo do espaço que o evangelismo infantil da Escola Sabatina ocupava na cosmovisão da liderança.

O elevado nível de compromisso da União Sul-Brasileira com o público das novas gerações em suas fileiras, também foi expresso no texto de um voto de sua Comissão Diretiva no final de 1967 recomendando maior atenção ao atendimento das necessidades dos juvenis através do preparo de materiais; aumento do número de Clubes de Desbravadores; Congressos de juvenis e ECF para eles (IASD, 1967).

A compreensão da liderança da igreja sobre a relevância do evangelismo infantil da Escola Sabatina foi mais uma vez evidenciada em mais um voto da Divisão Sul-Americana registrado pela União Sul-Brasileira, que expressava a percepção do reconhecimento de que, além de salas e materiais adequados, a capacitação de líderes para a condução das atividades em favor das novas gerações era uma premente necessidade (IASD, 1971).

O amadurecimento da percepção da relevância do evangelismo infantil da Escola Sabatina foi claramente apregoadado em uma significativa recomendação da Divisão Sul-Americana, registrada e seguida pela União Sul-Brasileira. Seu objetivo era criar mecanismos a fim de treinar e capacitar melhor as pessoas para desenvolver ainda mais essa modalidade evangelística. As ênfases do voto foram registradas como segue:

Considerando o valor das nossas crianças e a necessidade de um maior impulso para o alcance do evangelismo infantil;

Considerando que em campos locais com mais de 20.000 membros é quase impossível para o departamento atender às necessidades de estimular e satisfazer o interesse no evangelismo infantil;

VOTADO que em cada Associação com mais de 20.000 membros, uma irmã que tenha vocação seja colocada como assalariada para atender a essa demanda e promover cursos de evangelismo infantil (IASD, 1975).

Outro importante e decisivo passo na consolidação do evangelismo infantil na União Sul-Brasileira foi dado quando teve início a produção do material ilustrado pela professora Odete Xavier, em 1978. Cinco anos após essa iniciativa, a Divisão Sul-Americana votou pela responsabilização do Instituto Adventista de São Paulo (IASP) para produzir esse tipo de material ilustrado para as *Lições da Escola Sabatina* das classes infantis: Rol do Berço, Jardim de Infância, Primários e Juvenis. As ilustrações foram majoritariamente realizadas pela professora Alda Conceição (Scheffel, 1983). Outras iniciativas e decisões em prol dessa causa surgiram ao longo dos anos finais do século 20 e início do século 21.

Finalmente, foi planejado um currículo que potencialmente ajudaria ainda mais no desenvolvimento espiritual e missionário das crianças e adolescentes da igreja. Iniciativas como o currículo *Elo da Graça* e a atual versão das *Lições da Escola Sabatina* para adolescentes, reformulada em 2006, adicionaram valores importantes e criaram condições para impulsionar ainda mais o envolvimento das novas gerações da denominação, tanto no serviço de adoração quanto na missão (Anderson; Johnsson; Beagles, 1999; Borges, 2006). Além disso, foi estruturado um programa trimestral de capacitação promovido pelo departamento infantil da União e dos campos, visando desenvolver ações de fortalecimento do evangelismo infantil da Escola Sabatina (IASD, 1975). Somaram-se a isso outras atividades estratégicas, como o projeto *G148 Teen*, junto às bases da Escola Sabatina dos juvenis, iniciativas que demonstraram possuir um elevado potencial de impacto evangelístico (Lopes; Fonseca, 2020).

8. O Evangelismo da Escola Sabatina no Projeto do Dia das Visitas

Conscientes do papel missionário da Escola Sabatina e impulsionados pela força de uma visão estratégica, sua liderança historicamente utilizou a estrutura dessa escola para empreender diferentes modalidades de atividades a fim de promover ações que explorassem seu potencial evangelístico. O projeto do Dia das Visitas da Escola Sabatina foi um desses empreendimentos missionários estratégicos amplamente utilizados nas igrejas da União Sul-Brasileira.

Pela primeira vez, em artigo publicado na *Revista Adventista* de julho de 1960, foi apresentado um plano de ação contendo uma série de atividades especiais destinadas ao atendimento das visitas da Escola Sabatina. O artigo detalhava um programa com data oficial definida e diversas sugestões de como este deveria ser realizado nas igrejas. Sugeriu que o trabalho fosse feito em colaboração com outros departamentos da igreja, e cada membro dos departamentos dos adultos, juvenis, intermediários e infantis deveria ser incentivado a trazer pelo menos um visitante na Escola Sabatina no Dia das Visitas. O lema do projeto era: “Um traz Um” (Waldvogel, 1960, p. 4). É evidente que o propósito do programa era ajudar os interessados na mensagem a familiarizarem-se com a experiência prática do estilo de vida adventista.

Com o objetivo de consolidar essa estratégia evangelística, em março de 1970, a Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira registrou um voto da Divisão Sul-Americana que promovia o grande potencial evangelístico da Escola Sabatina em impulsionar a igreja a alcançar a comunidade com a ênfase de missão do Projeto Dia das Visitas (IASD, 1970). Ainda no mesmo ano, a União Sul-Brasileira decidiu propor a todos os seus campos que dessem maior atenção ao programa Dia das Visitas da Escola Sabatina, devido ao seu potencial de impacto evangelístico na comunidade. A decisão reconhecia a necessidade de focar mais nesse projeto, considerando a Escola Sabatina uma agência evangelizadora dentro da igreja, com elevado potencial de atrair interessados (IASD, 1970).

Convencidos da eficácia do Projeto Dia das Visitas para alcançar e ganhar pessoas para Cristo, e sem praticamente nenhum custo financeiro para a igreja, em 1977 a Divisão Sul-Americana, por decisão de sua Comissão Diretiva, recomendou novamente que o Projeto Dia das Visitas fosse realizado trimestralmente no ano seguinte, em datas já pré-estabelecidas no calendário eclesiástico (IASD, 1977a). No início da década de 1980, o Departamento de Escola Sabatina da Divisão Sul-Americana, em voto de sua Comissão Diretiva, propôs uma inovação para aumentar ainda mais a ênfase de missão dessa escola através do Projeto do Dia das Visitas, que este fosse realizado mensalmente em conexão com as atividades dos jovens e com o batismo mensal da igreja (IASD, 1983).

Doze anos após a proposta de realização mensal do Dia das Visitas, devido à inviabilidade por parte de muitas igrejas de fazê-lo nessa periodicidade, a USB votou recomendar a volta de sua realização trimestral (IASD, 1995). Três anos depois, a Comissão Diretiva da USB votou uma outra resolução importante que ajudaria a tornar o projeto do Dia das Visitas ainda mais efetivo em seu objetivo missional. O voto sugeria-se aos líderes da Escola Sabatina (e especialmente à classe que o visitante frequentasse) que lhe oferecessem uma *Lição da Escola Sabatina*, uma *Revista Adventista* ou um curso bíblico como presentes. Ademais, o membro que trouxesse o visitante deveria ser responsável por acompanhá-lo no estudo da *Lição da Escola Sabatina* ou do curso bíblico (IASD, 1998).

9. O Evangelismo da Escola Sabatina através das Unidades Evangelizadoras

As primeiras informações sobre o projeto das Unidades Evangelizadoras da Escola Sabatina no Brasil datam de 1976. Em nota publicada na *Revista Adventista* do mês de maio, foi proposto transformar as antigas classes da Escola Sabatina em Unidades Evangelizadoras (Cavalieri, 1976). O objetivo era promover o crescimento da igreja, aumentando a participação dos membros na potencialização do trabalho missionário. No final do mesmo ano, a Divisão Sul-Americana apresentou às Uniões um plano detalhando os objetivos das Unidades Evangelizadoras (IASD, 1976).

Com o objetivo de consolidar essa ênfase missionária da Escola Sabatina, em março de 1977, a administração da igreja na Divisão Sul-Americana propôs que o trabalho das Unidades de Ação da Escola Sabatina deveria ser uma parte importante das estratégias da igreja local, a fim de alcançar o alvo de batismo (Valle, 1977). O professor da Unidade Evangelizadora seria o líder do seu grupo e responsável por orientar e dinamizar o trabalho para alcançar o objetivo evangelístico proposto.

No contexto do Projeto Pioneiro, lançado pelo pastor João Wolff, presidente da Divisão Sul-Americana, as Unidades Evangelizadoras da Escola Sabatina exerceram um papel estratégico no plantio de novas igrejas em lugares ainda não alcançados pela presença adventista. Além disso, elas também foram parte da estratégia proposta pela igreja para resgatar membros que haviam se afastado e como meio de prevenção ao drama da apostasia que ameaçava a igreja entre o final dos anos 1970 e o começo dos anos 1980 (IASD, 1984).

Ao longo da década de 1980, as Unidades Evangelizadoras da Escola Sabatina integraram a ênfase missionária de outro plano estratégico da igreja, a Colheita 90 (Lessa, 1986). Por último, em artigo publicado na *Revista Adventista* de janeiro de 1992, escrito pelo diretor dos Departamentos Missionários da igreja na Divisão Sul-Americana, apresentou um plano a ser executado através das Unidades evangelizadoras que tinha dentre outros objetivos o fortalecimento da vida espiritual dos alunos e torná-los participantes no programa missionário da igreja, retirando-os da condição de simples espectadores para protagonistas na missão, com vista ao crescimento numérico e espiritual da igreja (Berg, 1992).

10. Resumo e Conclusão

A presente investigação histórica sobre o evangelismo da Escola Sabatina na União Sul-Brasileira explorou, primeiramente, o desenvolvimento gradual da visão missiológica dos adventistas em seus primórdios. Constatou-se que, de maneira semelhante, a visão evangelística da Escola Sabatina evoluiu progressivamente até se tornar um grande movimento missionário de envergadura mundial, atuando como estratégia de vanguarda ou de apoio à missão global da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No início do desenvolvimento da obra missionária adventista na União Sul-Brasileira, a Escola Sabatina desempenhou um papel fundamental em múltiplas frentes evangelísticas. Desde o começo da organização dessa União como unidade administrativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Escola Sabatina assumiu um protagonismo de extrema relevância. Quando não havia pastores ou outras pessoas capacitadas para conduzir as atividades da igreja ou mesmo para levar sua presença a novos lugares, a abertura de Escolas Sabatinas foi essencial para apoiar o trabalho dos colportores e de muitos outros missionários voluntários em seu evangelismo na comunidade local. Durante todo aquele período de escassez de líderes, a Escola

Sabatina foi crucial para reunir os membros da igreja, nutri-los espiritualmente, ajudá-los na conservação da fé e inspirá-los a compartilhar o testemunho do evangelho em sua comunidade local, resultando no crescimento saudável da igreja. Essa realidade é confirmada por uma extensa lista de testemunhos registrados nas páginas da *Revista Adventista*.

Em nossa análise, consideramos também fatos que comprovam a participação estratégica e exitosa da Escola Sabatina como estrutura de apoio ao trabalho das campanhas de evangelismo público. Durante muitos anos, essa obra de educação religiosa assumiu o protagonismo ao abrir caminho para a realização de campanhas de conferências públicas de proclamação da Palavra de Deus, ou desempenhava um papel singular ao discipular novos conversos e interessados alcançados pelas séries de evangelismo público. O resultado dessa parceria estratégica foi um significativo crescimento real da igreja em diferentes regiões da União.

Verificou-se ainda que, através das Escolas Sabinas Filiais, a igreja na União Sul-Brasileira ganhou maior impulso missionário. Essa modalidade evangelística foi reconhecida como a estratégia missionária mais notável da Escola Sabatina. Durante muitos anos, ajudou a igreja a aumentar de forma impressionante o envolvimento dos membros na missão, bem como a obter crescimento expansivo na conquista de novos territórios através do plantio de novas igrejas, além de contribuir para o crescimento numérico da denominação.

O evangelismo infantil da Escola Sabatina na União Sul-Brasileira também se transformou em um movimento relevante para a formação e desenvolvimento espiritual das novas gerações de adventistas, tornando-se um referencial de inovação que influenciou a igreja além de suas fronteiras. Através das Escolas Cristãs de Férias, o evangelismo infantil da Escola Sabatina deu ainda mais projeção a essa agência evangelizadora da denominação. Contribuiu significativamente para quebrar preconceitos, conquistar a simpatia, o respeito e a admiração da comunidade externa e das autoridades. A intencionalidade de sua programação tornou possível alcançar crianças e seus familiares com a mensagem do evangelho eterno, que não seriam facilmente alcançados de outra forma.

Além disso, na esteira da pluralidade de metodologias e estratégias evangelísticas da Escola Sabatina, este estudo considerou o desenvolvimento e o impacto missionário do projeto Dia das Visitas na Escola Sabatina. Ele ajudou pessoas interessadas a se familiarizarem com o estilo de vida e adoração dos adventistas do sétimo dia e a se decidirem por Cristo. Tal abordagem foi seguida pela análise da ênfase missionária da Escola Sabatina através de suas Unidades Evangelizadoras, que tiveram uma participação relevante em estratégias missionárias da igreja, incluindo o plantio de congregações, a conquista de novos membros e a busca daqueles que se afastaram do redil do Senhor.

Em suma, este artigo pretendeu realizar uma abordagem histórica e uma breve análise do evangelismo da Escola Sabatina na União Sul-Brasileira. Diante dos achados desta pesquisa, encontramos fatos amplamente convincentes para confirmar a mensagem profética ao declarar que “a Escola Sabatina devidamente dirigida é um dos grandes instrumentos divinos para trazer almas ao conhecimento da verdade” (White, 1996, p. 78).

Referências

ANDERSON, A.; JOHNSON, N.; BEAGLES, K. **Elo da Graça – Orientações**. Out.-dez. 1999. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/43384427/Elo-Da-Graca-Orientacoes>>. Acesso em: 06 maio 2024.

AZEVEDO, O. R. Notícias de Porto Alegre. **Revista Adventista**, abr. 1947, p. 12. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

BELL, G. H. Object of Sabbath School. **The Youth's Instructor**, 28 de mar. 1883. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Periodicals/YI/YI18830328-V31-13.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

BELZ, R. Andando. **Revista Mensal**, maio 1926, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

BELZ, R. Columna Paulista: Conferências Públicas. **Revista Adventista**, set. 1937, p. 14. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

BERG, H. O Crescimento da Igreja por Meio das Unidades de Ação. **Revista Adventista**, jan. 1992, p. 40-41. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

BORGES, M. Lição dos Adolescentes Terá Novo Currículo. **Revista Adventista**, dez. 2006, p. 29. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

CAVALIERI, R. Nova Vida. **Revista Adventista**, maio 1976, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 04 jul. 2024.

CHAGAS, E. O. **El Rol de la Escuela Sabática y su Relación con el Discipulado Bíblico Cristiano Desde la Perspectiva de Ellen G. White**. Dissertação (Mestrado) - Universidad Peruana Unión, 2019.

CHRISTMAN, D. R. Curso de Artes Manuais. **Revista Adventista**, mar. 1954, p. 25. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

DOEHNERT, R. Uma Igreja Despertando. **Revista Adventista**, dez. 1952, p. 13. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

DYBDAHL, J. L. **Adventist Mission in the 21st Century**. Hagerstown, EUA: Review and Herald, 1999.

GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. Sabbath School/Personal Ministries Department. **Sabbath School Handbook**: Guidelines for Sabbath School Personnel. Disponível em: <<http://alfpa.upeu.edu.pe/clasemaestros/documents/Sabbath%20School%20Handbook.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2024.

GREENLEAF, F. **Terra de esperança**: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GUIDOLIN, J. De olho Nessa Geração. **Revista Adventista**, out. 2014, p. 34. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

HAGEN, A. E. Viajando. **Revista Adventista**, jan. 1932, p. 13-14. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

HOWEL, W. E. General Meeting in Brazil. **Review and Herald**, 29 jul. 1920, p. 21. Disponível em: <<https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19200729-V97-31.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2024.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1938. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 4000. Escolas Sabatinas Filiais, 06 de jan. 1938.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1947. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 47-64. Evangelismo na Escola Sabatina, 2 de jan. 1947.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1957a. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 57-25. Escola Sabatina para Crianças, 16 e 17 de jan. 1957.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1957b. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 57-343. Chamado ao Evangelismo em 1958, 16 de dez. 1957.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1961. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 61-410. Escola Bíblica de Férias, 10 e 11 de dez. 1961.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1965. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 65-370. Escola Cristã de Férias, 15-17 de dez. 1965.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1967. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 67-405. Assistência juvenis, 23 e 24 de out. 1967.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1970. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 70-144. Dia das Visitas, 12 de ago. 1970.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1971. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 71-301. Departamento Escola Sabatina – Escolas de Evangelismo Infantil, 3 de dez. 1971.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1975. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 75-647. Evangelismo Infantil – Departamento da Escola Sabatina, 9 de dez. 1975.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1976. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 76-515. Programa Missionário – Departamento Atividades Leigas, 14 de dez. 1976.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1977a. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 77-421. Dia das Visitas – Departamento da Escola Sabatina, 8 de nov. 1977.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1983. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 83-317. Dia das Visitas – Programa Integrado da Escola Sabatina e J.A., 14 de dez. 1983.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1984. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 84-360. Programa Penetração – Plano Quinquenal 1986-1990, 12 de dez. 1984.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1995. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 95-152. Dia das Visitas, 10 de nov. 1995.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1998. **Ata da Comissão Diretiva da União Sul-Brasileira**, voto nº. 98-174. Escola Sabatina - Dia da Visita, 19 de nov. 1998.

KEPPKE, E. Estamos no Tempo da Ceifa? **Revista Adventista**, jan. 1931, p. 6. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

KNIGHT, G. R. **Uma igreja mundial**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

LAMBETH, C. E. Atividades Missionárias, Escolas Sabatinas e Missionários Voluntários. **Revista Adventista**, maio 1943, p. 7. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

LESSA, R. S. Mesa Plenária Histórica: DSA Cria Nova União e Reafirma Programa de Evangelismo Integrado. **Revista Adventista**, jun. 2004, p. 22. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

LESSA, R. S. Plano de Ação: Colheita 90 – 1986-1990. **Revista Adventista**, jan. 1986, p. 8-15. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

LOPES, P.; FONSECA, F. **Soul + em Cristo**: agora faço parte da família de Deus. Florianópolis, SC: Associação Catarinense da IASD/USB, 2020.

MAAS, E. R. A Escola Sabatina e a Mensagem, número 1. **Revista Mensal**, jul. 1930, p. 4. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

MAAS, E. R. A Escola Sabatina em Nossa Obra: os Departamentos da Escola Sabatina. **Revista Mensal**, fev. 1931, p. 3. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

MAAS, E. R. A Organização do Departamento da Escola Sabatina, número 2. **Revista Mensal**, ago. 1930, p. 5-6. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

MONTGOMERY, O. Brazilian Union Council. **Review and Herald**, 29 maio 1919, p. 20-21. Disponível em: <<https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19190529-V96-22.pdf>>.

MOORE, E. V. A Missão Paranaense. **Revista Mensal**, set. 1926, p. 8-9. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

MOORE, E. V. Alguns Trechos do Relatório Apresentado pelo Presidente da Associação Paulista, em Sua Sessão Biental de 25-29 de dezembro de 1929. **Revista Mensal**, jan. 1930, p. 6-7. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

MOORE, E. V. Através do Campo Paulista. **Revista Mensal**, jul. 1928, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

NASH, G. R. Levanta-te, ó Igreja, e Termina tua Tarefa. **Revista Adventista**, out. 1960, p. 3-4. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

NIELSEN, N. P. Notícias da União Sul-Brasileira. **Revista Mensal**, maio 1930, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

NIGRI, M. Bienais na União Sul. **Revista Adventista**, maio 1958a, p. 26. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

NIGRI, Moisés. Bienais na União Sul. **Revista Adventista**, ago. 1958b, p. 28. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

NOGUEIRA, H. H. Associação Paranaense Campeã em Escolas Cristãs de Férias. **Revista Adventista**, fev. 1967, p. 27. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

OLIVEIRA, S. M. de. Missão Goiano-Mineira. **Revista Adventista**, dez. 1946, p. 10-11. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

PEREYRA, R. História do Evangelismo na América do Sul. **Revista Adventista**, out. 1964, p. 16-17. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

PLUMMER, F. **The Soul-Winning Sabbath-School**. Washington, EUA: Review and Herald, 1928.
REBELLO, G. Congresso de Educação e Mordomia em Tangará. **Revista Adventista**, jan. 1977, p. 21. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

REIS, O. L. dos. Escola Bíblica de Férias em Rio Grande. **Revista Adventista**, jan. 1962, p. 23. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

RIFFEL, J. A Cruzada de Evangelização de 1957. **Revista Adventista**, abr. 1957, p. 7. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

ROHDE, M. As Possibilidades da Obra por Intermédio da Escola Sabatina. **Revista Mensal**, jan. 1920, p. 10-11. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

ROHDE, M. Nossos Departamentos III. **Revista Mensal**, abr. 1919, p. 4-5. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

RUF, G. F. Evangelismo Leigo em Santa Maria, Rio Grande do Sul. **Revista Adventista**, mar. 1933, p. 15. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

SCHEFFEL, R. M. Espaço Aberto Para as Crianças. **Revista Adventista**, jun. 1983, p. 35-36. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

SCHMIDT, S. A Primeira Flâmula na União Sul-Brasileira. **Revista Adventista**, abr. 1939, p. 11. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

SCHMIDT, S. De Meu Canhenho. **Revista Adventista**, ago. 1946, p. 13. Acesso em: 03 jul. 2024.

SCHMIDT, S. Melhores Escolas Sabatinas. **Revista Adventista**, maio 1946, p. 13. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

SCHMIDT, S. O Senhor Deseja. **Revista Adventista**, dez. 1945, p. 13. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

SHWARZ, R. W. **Light Bears to the Remnant**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1979.

SIQUEIRA, J. N. A 7ª Região Missionária em Ação. **Revista Adventista**, mar. 1942, p. 12. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

SIQUEIRA, J. N. Até Aqui nos Ajudou o Senhor. **Revista Adventista**, mar. 1944, p. 12. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

SOUSA, O. de. O Trabalho em Serrinha. **Revista Adventista**, abr. 1951, p. 12. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

STREITHORST, G. Paraná, Relatório de Longas Viagens. **Revista Mensal**, fev. 1922, p. 8-10. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

SUESSMANN, R. Missão Paulista. **Revista Mensal**, ago. 1919, p. 4-6. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

TIMM, A. R. Primórdios do Adventismo no Brasil. **Revista Adventista**, jan. 2005, p. 12-14. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

VALLE, A. do. Divisão Sul-Americana – Comunicação. **Revista Adventista**, mar. 1977, p. 22-23. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 04 jul. 2024.

VALLE, A. do. Escola Cristã de Férias em Curitiba. **Revista Adventista**, out. 1964, p. 24. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

WALDO, L. Décima-Terceira Assembleia Quadrienal da União Sul-Brasileira dos A. S. D. **Revista Adventista**, fev. 1945, p. 11. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

WALDVOGEL, L. Associação Paulista. **Revista Adventista**, abr. 1950, p. 10-11. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

WALDVOGEL, L. Departamento de Escola Sabatina da DSA. Plano de Ação para o Dia das Visitas. **Revista Adventista**, jul. 1960, p. 4-5. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

WALDVOGEL, L. O Trabalho em Porto Alegre. **Revista Adventista**, ago. 1948, p. 25. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 06 maio 2024.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre a Escola Sabatina**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

WHITE, E. G. **Gospel Workers**. Battle Creek, MI: Review and Herald, 1892.

WHITE, E. G. **Testimonies on Sabbath-School Work**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1900.

WILCOX, E. H. Oito anos de Progresso. **Revista Adventista**, out. 1939, p. 2-3. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 05 maio 2024.

WILCOX, E. H. União Sul-Brasileira: Notícias. **Revista Adventista**, jul. 1935, p. 9. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

OS 1.290 E 1.335 DIAS DE DANIEL 12: UM ESTUDO EXEGÉTICO

NATAN GOMES DE LIMA¹

Resumo: Embora o livro de Daniel tenha sido explorado desde os primórdios da história cristã, há diversos trechos de difícil interpretação. Um deles é Daniel 12:11-12. Este artigo tem como objetivo analisar exegeticamente os 1.290 e 1.335 dias, a fim de identificar possíveis conexões linguísticas, estruturais e temáticas entre esse texto e os demais tempos proféticos de Daniel para melhor compreensão dessa profecia. Para tanto, analisamos o texto massorético, sua estrutura literária, linguística, o contexto amplo e imediato de Daniel 12, suas palavras-chave, frases e termos técnicos. Com base nos dados bibliográficos que ampararam esta pesquisa, conclui-se que os 1.290 e os 1.335 dias são progressões numéricas tendo o segundo como um prolongamento do primeiro. Sua natureza profético-apocalíptica é a mesma dos demais períodos da segunda metade do livro de Daniel.

Palavras-chave: Daniel 12. 1.290 dias. 1.335 dias.

THE 1.290 AND THE 1.335 DAYS OF DANIEL 12: AN EXEGETICAL STUDY

Abstract: Although the book of Daniel has been explored since the beginning of Christian history, there are several passages that are difficult to interpret. One of them is Daniel 12:11-12. This article aims to exegetically analyze the 1,290 and 1,335 days, in order to identify possible linguistic, structural and thematic connections between this text and the other prophetic times in Daniel for a better understanding of this prophecy. Thereunto, we analyzed the Masoretic text, its literary and linguistic structure, the broad and immediate context of Daniel 12, its keywords, phrases and technical terms. Based on the bibliographic data, it is possible to conclude that the 1,290 and 1,335 days are numerical progressions with the second

¹ Graduado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, Uniane. Mestrando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). E-mail: natan.lima@adventistas.org

as an extension of the first. Its prophetic-apocalyptic nature is the same as the other periods of the second half of the book of Daniel.

Keywords: Daniel 12. 1290 days. 1335 days.

1. Introdução

Para Ellen G. White (1923, p. 114), “quando os livros de Daniel e Apocalipse forem melhor compreendidos, os crentes terão uma experiencia religiosa inteiramente diferente”. Contudo, mesmo tendo sido objeto de estudo desde os primórdios do cristianismo, as profecias da segunda metade do livro de Daniel são particularmente desafiadoras. Como exemplo disto, temos Daniel 10–12. A última visão de Daniel é provavelmente um dos trechos mais difíceis de compreender da Bíblia. Neste contexto, encontramos a profecia dos 1.290 e dos 1.335 dias.

Há grande controvérsia entre os eruditos a respeito do texto de Daniel 12:11-12 (STEINMANN, 2008, p. 572). Mesmo entre os adventistas tem se identificado diferentes interpretações que buscam no futurismo ou no idealismo uma explicação para essa passagem (HERNANDEZ, 2015, P. 65-66). No que diz respeito às conexões entre a profecia das 2.300 tardes e manhãs, os três tempos e meio; e os 1.290 e 1.335 dias, a resposta de alguns eruditos evangélicos é: “Não podemos saber, porque não deveríamos” (TREMPER LONGMAN III, 1999, p. 287). Afinal, existe relação entre essas profecias do livro de Daniel? Como isso nos ajuda a entender os 1.290 e 1.335 dias?

O presente artigo tem como objetivo principal identificar possíveis conexões linguísticas, estruturais e temáticas entre Daniel 12:11-12 e os demais tempos proféticos do livro. Para tanto, fizemos uma análise da estrutura literária, investigamos o contexto amplo e imediato de Daniel 12:11-12² e exploramos os possíveis elos linguísticos, frases e termos técnicos que conectam as profecias de tempo de Daniel a fim de contribuir na compreensão dos 1.290 e dos 1.335 dias.

2. Considerações Preliminares

2.1. Tradução

וּמַעַת הַיּוֹסֵר הַתְּמִיד וְלִתְּת שְׁקוֹץ שָׁמַם יָמִים אֶלֶף מָאתַיִם וְתִשְׁעִים:
וְהַמֶּלֶךְ: שְׁלֹשִׁים מֵאוֹת שָׁלֹשׁ אֶלֶף לְיָמִים וַיָּגִיעַ הַמַּחֲצָה אֲשֶׁרִי³
(Dn 12:11-12)

ûmē 'ēṭ' hā tāmîd' hûsâr', w lā tēt' šiqquš' šômēm'g, 'ē'lēp-mā()tā'yim w tiš 'îm' yāmîm'. 'āsrê' hā meḥăkkē(h)' w yāggîa 'l 'ē'lēp-šeloš' mē 'ôṭ' šelošîm' wă ḥāmiššā(h)' yāmîm'.⁴

“E desde o tempo em que foi removido o sacrifício diário e posta a abominação desoladora, mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias” (Dn 12:11-12).⁵

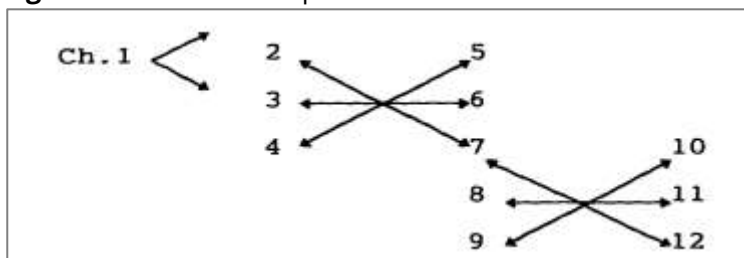
² As citações deste trabalho seguem a versão bíblica Almeida Revista e Atualizada (ARA).

³ Caracteres hebraicos extraídos de Logos Bible Software.

⁴ Texto transliterado a partir da versão interlinear da Almeida Revista e Atualizada, Daniel 12:11-12, disponível no Logos Bible Software.

⁵ A tradução de Daniel 12:11 é sugerida pelo autor desta breve pesquisa com base na versão massorética da Bíblia hebraica (cf. Biblia Hebraica Stuttgartensia, 2003, Dn 12:11-12).

Figura 3 – Paralelismo quiástico



Na Figura 2 podemos visualizar a unidade entre as seções histórica (2–6) e profética (7–12) com destaque para os capítulos 2, 7 e 12. Deste modo, as histórias e profecias de Daniel não devem ser vistas como produções independentes que foram inseridas posteriormente⁶. Pelo contrário, “as seções narrativas e proféticas se entrelaçam formando uma unidade sólida” (SOUZA, 2019, p. 10).

Outro princípio importante que encontramos na estrutura de Daniel é o de repetição e ampliação. O autor repete eventos já introduzidos anteriormente, porém de outra perspectiva ou usando termos diferentes para acrescentar mais informações. Esse pode ser um dos motivos pelos quais a maioria dos eruditos de Daniel acredita que as profecias posteriores explicam a profecias precedentes do livro (SHEA, 1986, p. 250).

Portanto, vemos que os 1.290 e os 1.335 dias (Dn 12:11-12) se encontram em um lugar importante no contexto de todo o livro. Primeiramente, por seu lugar na estrutura concêntrica, conforme apresentado por Doukhan. Segundo, por seu lugar dentro de uma porção escatológica. Ademais, o texto está na conclusão de todo o livro. Ou seja, ele traz consigo o fim da cadeia de repetições e ampliações anteriormente exploradas para a última visão do profeta (Dn 10–12).

3. Contexto Amplo e Imediato

De modo geral, os comentaristas de Daniel concordam que a última seção desse livro se encontra nos capítulos 10–12. Sabendo que Daniel 10 funciona como uma introdução ao que é mencionado nos capítulos subsequentes, é pertinente examinar esse capítulo para compreender o *sitz im leben* dos eventos descritos em Daniel 11–12.

Em Daniel 10:1 o profeta recebe uma palavra a respeito da וְצָבָא גְדוֹלָה (*gāḏôl' šābā'*) / grande guerra). Em seguida, ele ora e jejua por três semanas. O texto bíblico não revela o motivo do lamento. Contudo, tendo em vista que a primeira leva de judeus cativos já havia retornado para sua terra natal e a reconstrução de Jerusalém terminaria somente um século mais tarde, é provável que seu pranto tenha relação com a reconstrução do templo (LEAL, 2012, p. 51).

De fato, o povo de Israel enfrentava grande resistência da parte de nações estrangeiras (Ed 4:4-5), e, como mencionado por Ageu, Zacarias e Esdras 5–6, não era plano de Deus que houvesse atraso na reconstrução do templo (SHEA, 1983, p. 233). Por esse motivo Daniel jejua até “o dia 24 do primeiro mês”⁷.

Quer o profeta esteja usando o calendário babilônico ou o judaico para marcar esse período, as três semanas de jejum coincidem com festas judaicas⁸ que remetem a um contexto

⁶ Para verificar argumentos em favor da unidade do livro de Daniel, cf. Ferch (1986, p. 39-48).

⁷ Na interpretação majoritária este texto se refere a 24 de Nisã. Para uma avaliação da interpretação desse texto como 24 de Tshiri, cf. Doukhan (1987, p. 75).

⁸ Páscoa ou Tabernáculos.

de libertação do povo de Deus. Partindo desse pressuposto, vale acrescentar que a estrutura de Daniel 10-12 começa com uma alusão a respeito da libertação do povo de Deus e conclui com uma forte afirmação disso (STELE, 1996, p. 92).

Após os 21 dias o profeta encontra a figura de um sumo sacerdote celestial. Ao contemplá-lo, cai sem forças, mas é posteriormente fortalecido e levantado por um anjo (Dn 10:4-10). Esse mensageiro comenta sua luta de 21 dias com o rei da Pérsia, o auxílio que recebeu de Miguel e diz a Daniel o que ocorrerá ao seu povo nos últimos dias (10:14). Além disso, o anjo prevê um novo conflito e a companhia do príncipe Miguel nessa batalha (10:20-21).

Para Doukhan (1987, p. 75), o paralelo entre as três semanas de jejum de Daniel (10:4) e a batalha entre poderes celestiais que acontece simultaneamente (10:13) sugerem a natureza iminente da guerra. Essa batalha acontecerá em duas frentes, na Terra e no Céu. A visão não apenas informa sobre o conflito; ela revela a natureza da guerra e o que está em jogo (DOUKHAN, 1987, p. 75).

Deste modo, a interpretação da última seção apocalíptica de Daniel deve ser entendida dentro do panorama da גְּדוּלָּה וְיָבֵא (gādōl' šābā')/ grande guerra) e do destino do povo de Deus, visto que é sobre esse tema que o anjo falará em Daniel 11-12 em seu diálogo com o profeta. Qualquer interpretação que ignore esse pano de fundo corre o risco de sério erro (LEATHERMAN, 1996, p. 131-132).

Em Daniel 11 esse conflito entre poderes mundiais ocorre desde o tempo do profeta até o fim. A princípio, as guerras entre os reis do norte e do sul são percebidas do ponto de vista horizontal (v. 5-28), contudo para Elias Brasil de Souza (2019, p. 115), a partir do versículo 29 o conflito se desdobra verticalmente. Nos versículos seguintes temos “uma entidade cujas ações são de natureza predominante religiosa” (v. 30-39) (Souza, 2019, p. 115).

Esse poder se indignará⁹ contra a aliança (v. 30); profanará o santuário, irá retirar o diário e estabelecerá abominação desoladora (v. 31); buscará perverter os que violam a aliança (v. 32) e perseguirá os sábios até o tempo do fim (v. 33-35). Além disso, será engrandecido, se levantará contra Deus e prosperará (v. 36-39).

Em seguida, Daniel 11:40-45 narra as atividades do rei do norte no contexto do עֵת קֵץ ('ēt qēs'/ tempo do fim) (v. 40). Neste trecho, esse rei inicia sua campanha militar contra o “rei do sul”, “a terra gloriosa” e o “glorioso monte santo”. Todavia, Daniel 11:45 e 12:1 preveem a sua derrota, pois nesse tempo se levantará o príncipe Miguel. Ele intervirá para vencer os poderes que se levantam contra Deus e perseguem o Seu povo no tempo do fim.

Após o profeta ouvir a descrição do conflito, ele vê seres celestiais conversando e escuta um dos anjos perguntar: “Quando se cumprirão estas maravilhas?” (12:6)¹⁰. Em resposta à sua pergunta, o anjo ouve o homem vestido de linho mencionar “que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão” (12:7). O que acontece em Daniel 12:7-9 está ligado ao que foi dito em Daniel 11:35. O quadro abaixo pode elucidar essa proposição:

Daniel 12:7-9 (ARA)	Daniel 11:35 (ARA)
“destruição do povo santo” (v. 7)	“sábios cairão”
“Muitos serão purificados, embranquecidos e provados” (v. 10)	“para serem provados, purificados e embranquecidos”
“isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do	“até ao tempo do fim, porque se dará ainda no tempo determinado”.

⁹ Em hebraico, “נִסָּה”. A ideia básica desse verbo é experimentar ou expressar intensa ira; cf. Wood (1999, p. 247).

¹⁰ A palavra traduzida como “maravilhas” nesse texto vem da raiz hebraica נִסָּה (pele), que se repete em 11:36 quando descreve as palavras blasfemas do rei do norte.

poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão” (v. 7).	
“até ao tempo do fim” (v. 9)	“até ao tempo do fim”

Evidentemente, os textos estão ligados linguisticamente e tematicamente. Isso significa que o término dos três anos e meio, isto é, dos 1.260 dias¹¹ de perseguição ao povo de Deus culminaria no início do tempo do fim, pois é até esse período que se estende a “destruição do povo santo” (11:35; 12:7).

Daniel ouve o juramento do homem vestido de linho, mas não o entende. Quando pergunta ao anjo o que significa, ele responde que essas palavras estavam seladas para o “tempo do fim” (v. 9) e fala a respeito de dois períodos intrigantes, os 1.290 e os 1.335 dias (v. 11-12). Essa resposta conecta o tema dos 1.260 dias aos 1.290 e 1.335 dias, pois o discurso do anjo explica o que Daniel não compreendeu.

Deste modo, faz sentido pensar que os eventos que ocorrerão ao final dos 1.290 e 1.260 dias poderiam ser idênticos e cumprindo-se aproximadamente dentro do mesmo escopo. A diferença estaria no acréscimo de 30 dias e no ponto de partida dos 1.290 dias, que estaria vinculado à retirada do sacrifício diário e ao estabelecimento da abominação desoladora (NICHOL, 1977, p. 880-881). De igual modo, os 1.335 dias devem ser compreendidos dentro do mesmo contexto e como prolongamento do escopo profético dos 1.290 dias.

4. Análise Lexical

Algumas palavras em Daniel 12 merecem nosso estudo mais detalhado. Dentro da estrutura de Daniel 10-12 é interessante notar o uso do termo técnico קֵץ נֶעַם (*‘ēṭ qēs’*/ tempo do fim). Essa expressão é usada em Daniel para se referir ao *eschaton* (HILL; MATTIES, 2011, p. 1129). Das cinco vezes que aparece na Bíblia Hebraica (BH), quatro delas se encontram na última seção de Daniel.¹² Isso nos ajuda a entender o caráter apocalíptico da última visão do profeta.

Esse termo é composto por duas outras palavras, a saber, o substantivo נֶעַם (*‘ēṭ*), o vocábulo mais traduzido como “tempo” na BH e “ קֵץ ” (*qēs’*), incidindo 67 vezes na BH, normalmente traduzido como “fim”. Convém ressaltar que das 16 vezes que נֶעַם (*‘ēṭ*) é mencionado em Daniel, 13 delas estão descritas na última seção do livro, com destaque para o capítulo 12 com sete ocorrências¹³. Parece que o “tempo” é um tema de interesse para o profeta, especialmente no que diz respeito ao *eschaton*.

Quanto ao lexema “ קֵץ ” (*qēs’*), o encontramos com frequência em um contexto de juízo divino (Gn 6:13; Am 8:2; Ez 7:3) (HILL; MATTIES, 2011, p. 1129) e tem sua maior incidência no livro de Daniel, especialmente em Daniel 11-12,¹⁴ o que mostra a preocupação do profeta com o tema do fim. Outra indicação dessa ênfase está nos capítulos de Daniel que lidam com a história da humanidade. Esses separam uma importante porção de versículos para falar sobre o fim (Dn 2:41-45; 7:24-28; 8:23-26; 11:5-45; 12:1-13) (DOUKHAN, 1987, p. 7). De um lado, a parte histórica desses relatos tem ênfase no fim. Por outro lado, a ênfase escatológica está entrelaçada com a história (DOUKHAN, 1987, p. 7).

¹¹ De acordo com o princípio dia-ano de interpretação das profecias, onde um dia equivale a um ano profético. Assim, três anos e meio equivalem a 1.260 dias/anos. Para uma explanação detalhada de como funciona esse princípio e seus limites, cf. Shea (1992, p. 67-110).

¹² Daniel 8:17; 11:35,40; 12:4, 9.

¹³ Daniel 8:17; 9:21, 25; 11:6, 13, 14, 24, 35, 40; 12:1, 4, 9, 11.

¹⁴ Daniel 8:17, 19; 9:26; 11:6, 13, 27, 35, 40, 45; 12:4, 9, 13.

Outro vocábulo que merece nossa atenção é תָּמִיד (tāmîd'), que pode ser traduzido como “diário” ou “contínuo”, pois o substantivo “sacrifício”, acrescentado na maioria das versões¹⁵, não aparece no texto hebraico de Daniel¹⁶. No serviço do santuário terrestre, o תָּמִיד (tāmîd'/diário) poderia se referir tanto ao sacrifício oferecido à “tarde e pela manhã” (Êx 29:38, 42) quanto à ministração que ocorria continuamente no tabernáculo (Êx 27:20; Lv 24:2; 2Cr 2:4).

Quanto à construção שִׁקּוּשׁ שׁוֹמֵם (šiqqûš' šômēm'/ abominação desoladora), ela é composta por שִׁקּוּשׁ (šiqqûš'), substantivo no plural que sempre aparece em conexão com práticas idólatras (AUSTEL, 1999, p. 955), e “שׁוֹמֵם” (šômēm'), um verbo no particípio singular que descreve o agente por trás da abominação (STEFANOVIC, 2007, p. 357). Aparecem unidos apenas três vezes na BH, das quais duas delas tem que ver com as ações do rei do norte (Dn 11:31; 12:11).

A última palavra a ser analisada vem da raiz חָכַה. O termo חָכַהּ (hă' meħăkkē(h)'/ espera) aparece em Daniel 12:12 ao mencionar uma bem-aventurança sobre aqueles que esperam até 1.335 dias. Para Schibler, esse verbo no piel pode ser compreendido nesse texto como uma espera perseverante (SCHIBLER, 2011, p. 1129), uma espera que vai além dos 1.290 dias.

5. Relação entre os 1.290 e 1.335 Dias e Daniel 7-9

Na resposta do anjo a Daniel, os termos עַתָּה ('ēṭ'/ tempo), תָּמִיד (tāmîd'/ diário) e שִׁקּוּשׁ שׁוֹמֵם (šiqqûš' šômēm'/ abominação desoladora) (Dn 12:11) são palavras-chave para identificar elos linguísticos e temáticos entre a profecia dos 1.290 e 1.335 dias e as profecias de tempo em Daniel 7, 8 e 9. Uma vez estabelecido esse vínculo, isso nos auxiliará a descobrir o lugar dos 1.290 e dos 1.335 dias no panorama profético do livro de Daniel.

Em Daniel 12:11, o עַתָּה ('ēṭ'/ tempo) é usado para se referir a remoção do תָּמִיד (tāmîd'/ diário), ao estabelecimento da שִׁקּוּשׁ שׁוֹמֵם (šiqqûš' šômēm'/ abominação desoladora) e aos 1.290 dias. Ao examinarmos as ocorrências de עַתָּה ('ēṭ'/ tempo) no livro de Daniel vemos esses termos aparecendo novamente em conexão com outras profecias de tempo.

Note, por exemplo, Daniel 8:17, onde o anjo Gabriel diz ao profeta que a חֲזוֹן (hāzôn'/ visão) que tinha recebido se referia ao עֵת קֵץ ('ēṭ qēs'/ tempo do fim). Curiosamente, parte dessa visão diz respeito às atividades do chifre pequeno, que, entre outras coisas, retira o תָּמִיד (tāmîd'/ diário), estabelece a חֲפֹשֶׁת שׁוֹמֵם (hăpšēš' šômēm'/ transgressão assoladora) (8:13), causa estupendas נִפְלֹאֹת (niplā' ôṭ') destruições e persegue o povo de Deus (8:24). Além disso, vemos que antes do juízo/purificação do santuário, isto é, após as 2.300 tardes e manhãs¹⁷, o chifre pequeno já estaria atuando.

Embora o תָּמִיד (tāmîd'/ diário) e a שִׁקּוּשׁ שׁוֹמֵם (šiqqûš' šômēm'/ abominação desoladora) não apareçam em Daniel 7, há um elo indireto com esse capítulo, pois o chifre pequeno que atua em Daniel 8 é o mesmo descrito em Daniel 7¹⁸. De fato, há uma conexão tanto entre Daniel 7 e 8 quanto em Daniel 7 e 11-12.

Quando o anjo pergunta em Daniel 12:6: “Até quando se cumprirão estas maravilhas?”, a resposta dada é que até “se acabar a destruição do povo santo” passarão “um tempo, dois

¹⁵ ARA; NIV; KJV; NKJV; ESV; ISV; NET; NRSV; RSV; ASV; NASB.

¹⁶ Daniel 8:11-13, 11:31; 12:11.

¹⁷ 2300 dias/anos de acordo com o princípio dia-ano de interpretação das profecias.

¹⁸ “(1) Ambos os chifres são pequenos no começo (Dn 7:8; 8:9). (2) Ambos se tornam grandes (Dn 7:20; 8:9 em diante). (3) Ambos são poderes perseguidores (Dn 7:21, 25; 8:10, 24). (4) Ambos são arrogantes e blasfêmicos (Dn 7:8, 20, 25; 8:10, 25). (5) Ambos têm como alvo o povo de Deus (Dn 7:25; 8:24). (6) Ambos têm aspectos de sua atividade demarcados pelo tempo profético (Dn 7:25; 8:13-14). (7) Ambos permanecem até o tempo do fim (Dn 7:25, 26; 8:17, 19). (8) Ambos são destruídos de maneira sobrenatural (Dn 7:11, 26; 8:25)” (Souza, 2019, p. 82).

tempos e metade de um tempo” (12:7).¹⁹ Esse é o mesmo tempo profético mencionado no texto aramaico de Daniel 7:25.²⁰ Tal expressão nesses textos está conectada pela mesma atividade, a perseguição dos santos do Altíssimo pelo chifre pequeno, estabelecendo um elo específico entre Daniel 7 e Daniel 11-12 (SHEA, 1986, p. 246-247).

Assim, é perceptível a semelhança entre o chifre pequeno e o rei do norte: ambos profanam o santuário; retiram o תָּמִיד (tāmîd’/ diário); estabelecem a שִׁיקּוּשׁ שׁוֹמֵם (šiqqûš’ šômēm’/ abominação desoladora); perseguem o povo de Deus (11:30-39), causam grande destruição (11:36; 12:6) e serão destruídos sem auxílio de mãos humanas (8:25; 11:45).

No capítulo seguinte, עַתָּה (‘ēt’/ tempo) aparece quando Gabriel responde à oração de Daniel e o faz entender a visão das 70 semanas proféticas (Dn 9:21, 25). Em seu discurso, Gabriel explica parte da visão (מַרְאֵה/ mār’ē(h)) anterior, e assim conecta as 70 semanas às 2.300 tardes e manhãs (8:14)²¹.

Em Daniel 9:27, temos os mesmos termos usados para se referir a “abominação desoladora” com uma leve alteração (שִׁיקּוּשׁ מְשׁוֹמֵם/ šiqqûšîm’ mešômēm’). Quando esse texto versa “sobre a asa das abominações virá o assolador” (9:27), a expressão “sobre a asa” (וְעַל כְּנָף/ w’āl’ kenāp’) parece ser um idiomatismo que tem relação com consequências imediatas (SHEA, 1986, p. 97). Em contraste com a entidade apresentada em Daniel 8:13; 11:31 e 12:11, as desolações vêm após as abominações entrarem em cena.

Além desse, encontramos outros elos linguísticos entre Daniel 9 e 11. Primeiramente, temos o נָגִיד (nāgîd’/ príncipe), que é descrito como aquele que faria “aliança com muitos” (9:25, 27). No livro de Daniel, o נָגִיד (nāgîd’/ príncipe) é visto outra vez somente em Daniel 11:22, onde aparece como o “príncipe da aliança”. Outro detalhe está no fato de que o נָגִיד (nāgîd’/ príncipe) seria morto (9:27; 11:22) (SHEA, 1986, p. 246). Isso nos ajuda a compreender que eles possivelmente devem ser identificados como o mesmo indivíduo.

Quanto a Daniel 11, עַתָּה (‘ēt’/ tempo) aparece relacionado aos conflitos entre o rei do norte e do sul (v. 6, 12, 24); e novamente ao עֵת קֵץ (‘ēt qēs’/ tempo do fim) (v. 35, 40). Por sua vez, quando Daniel se refere às atividades de Miguel em Daniel 12:1, temos a maior incidência de עַתָּה (‘ēt’/ tempo) em um único versículo em toda a BH. Em tempos de guerra, no momento de grande angústia qual nunca houve, Miguel libertará o seu povo.

Ao analisarmos as ocorrências de algumas expressões encontradas em Daniel 12:11-12 percebemos que a remoção do תָּמִיד (tāmîd’/ diário) e o estabelecimento da שִׁיקּוּשׁ שׁוֹמֵם (šiqqûš’ šômēm’/ abominação desoladora), que são os marcos para o início dos 1.260 e 1.335 dias, são os mesmos eventos que descrevem a atuação do chifre pequeno e o rei do norte. Isso demonstra haver um vínculo linguístico e temático entre os períodos proféticos de Daniel 7, 8-9 e 11-12, tendo os 1.260 e 1.335 dias perfazendo parte deles.

Ademais, William Shea (1986, p. 106) esclarece que o lugar dos elementos de tempo nas profecias de Daniel geralmente se encontra no fim da visão ou no fim de sua interpretação. A exemplo disso, Timm (2005, p. 4) comenta:

A visão do capítulo 7 é descrita nos versículos 1-14, mas o tempo a ela relacionado só aparece no versículo 25. No capítulo 8, o corpo da visão é relatado nos versículos 1-12,

¹⁹ Equivalente a 1.260 dias/anos. de acordo com o princípio dia-ano de interpretação das profecias.

²⁰ Esse mesmo período profético aparece novamente em Apocalipse 12:4. Note as semelhanças entre o texto de João e a versão da LXX de Daniel: (1) καιροῦ καὶ καιρῶν καὶ γε ἡμῖς καιροῦ (Dn 7:25); (2) καιρὸν καιρῶν καὶ ἡμῖς καιροῦ (Dn 12:7); (2) καιρὸν καὶ καιροὺς καὶ ἡμῖς καιροῦ (Ap 12:14).

²¹ Em Daniel 8 são usadas duas palavras hebraicas para traduzir o substantivo “visão”. Assim, “וִיזִין - visão” se refere à revelação como um todo e “מַרְאֵה - visão” se refere à parte da revelação mais ampla na qual se discute as 2300 tardes e manhãs (Holbrook, 2012, p. 165-166).

mas o tempo só ocorre no versículo 14. De modo semelhante, os tempos proféticos relacionados com a visão do capítulo 11 só são mencionados no capítulo 12.

Assim, temos nas profecias de tempo em Daniel uma mesma estrutura (1.260, 1.290, 1.335, 2.300 dias).²² Isso fortalece o paralelismo entre as visões e nos ajuda a concluir que o mesmo princípio de interpretação usado nos períodos anteriores deve ser praticado em relação aos 1.260 e 1.335 dias, “pois todos esses períodos estão interligados entre si, de alguma forma, e a descrição de cada visão indica apenas um único cumprimento para o período profético que lhe corresponde” (TIMM, 2005, p. 4).

6. Considerações Finais

Os 1.290 e 1.335 dias estão situados em um lugar importante no livro de Daniel, especialmente por seu caráter apocalíptico e lugar na estrutura concêntrica desse material. Por estar no epílogo, traz consigo a conclusão da visão de Daniel 10–12 e do livro como um todo; e recebe o conjunto de ampliações e repetições dos capítulos que o antecedem.

Este artigo buscou demonstrar as possíveis conexões linguísticas, temáticas e estruturais entre a profecia dos 1.290 e 1.335 dias/anos e as demais profecias de tempo em Daniel. Para tanto, a última seção apocalíptica de Daniel deve ser interpretada dentro do panorama da גְּדוּלָּה וְיָמִיָּה (gādōl' šābā')/ grande guerra) e do destino do povo de Deus, pois esse é o tema do diálogo entre o anjo e o profeta.

Dentro das limitações de nossa pesquisa, percebemos que o fim dos 1.290 e 1.260 dias/anos acontecem no mesmo período histórico e que os 1.335 dias/anos devem ser compreendidos dentro do contexto dos 1.290 dias/anos, ou seja, como um prolongamento dele. Ao analisarmos algumas expressões encontradas em Daniel 12:11-12, percebemos que o עֵת ('ēṭ'/ tempo), a remoção do תָּמִיד (tāmīd'/ diário) e o estabelecimento da שִׁקּוּשׁ שְׁמֵם (šiqqûš' šōmēm'/ abominação desoladora) são eventos que se conectam linguisticamente e tematicamente às profecias das 2.300 tarde e manhãs e dos 1.260 dias/anos.

Referências

AUSTEL, H. J. 2459 גָּזָר. **Theological wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody, 1999.

Biblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: German Bible Society, 2003.

DOUKHAN, J. B. **Daniel: the vision of the end**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987.

FERCH, A. J. Authorship, theology, and purpose of Daniel. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Symposium on Daniel: introductory and exegetical studies**. Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986. (Daniel and Revelation Committee Series, v. 2).

HERNANDEZ, A. F. Adventist eschatological identity and the interpretations of the time periods of Daniel 12:11-12. **Andrews University Seminary Student Journal**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/aussj/vol1/iss1/6>.

²² Com exceção da profecia das 70 semanas (Shea, 1986, p. 106).

HILL, A. E.; MATTIES, G. H. ὡς. In: VAN GEMEREN, W. A. (Ed.). **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HOLBROOK, F. B. **O sacerdócio expiatório de Jesus Cristo**. Tradução de José Barbosa Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

LEAL, J. Às margens do grande rio: notas em Daniel 10. **Kerygma**, v. 8, n. 2, 2012.

LEATHERMAN, D. W. Adventist interpretation of Daniel 10-12: a diagnosis and prescription. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 7, n. 1, 1996.

LONGMAN III, T. **Daniel**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999. (The NIV Application Commentary).

NICHOL, F. D. (Ed.). **The Seventh-day Adventist Bible commentary**. Washington, DC: Review and Herald, 1977.

SCHIBLER, D. חכה. In: VAN GEMEREN, W. A. (Ed.). **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SHEA, W. H. Wrestling with the prince of Persia: a study on Daniel 10. **Andrews University Seminary Studies**, v. 1, n. 3, 1983.

SHEA, W. H. Unity of Daniel. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Symposium on Daniel**: introductory and exegetical studies. Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986. (Daniel and Revelation Committee Series, v. 2).

SHEA, W. H. The prophecy of Daniel 9:24-27. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **The seventy weeks, Leviticus, and the nature of prophecy**. Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986. (Daniel and Revelation Committee Series, v. 3).

SHEA W. H. **Selected studies on prophetic interpretation**. HOLBROOK, F. B. (Ed.). Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992. (Daniel and Revelation Committee Series, v. 1).

SOUZA, E. B. **O livro de Daniel**: uma profecia para nosso tempo. Tradução de Delmar Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

STEFANOVIC, Z. **Daniel, wisdom to the wise**: commentary on the book of Daniel. Nampa, ID: Pacific Press, 2007.

STEINMANN, A. E. **Daniel**. Saint Louis, MO: Concordia Publishing House, 2008. (Concordia Commentary).

STELE, A. A. Resurrection in Daniel 12 and its contribution to the theology of the book of Daniel. 1996. **Dissertations**, n. 148.

TIMM, A. R. Os 1.290 e 1.335 dias de Daniel 12. **Kerygma**, v. 1, n. 1, 2005.

WHITE, E. G. **Testimonies to ministers and gospel workers**. Oakland, CA: Pacific Press, 1923.

WOOD, L. J. 568 דנר. **Theological wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody Press, 1999.

A INTERPRETAÇÃO ADVENTISTA DE APOCALIPSE 13:10 FRENTE À NOVA ALMEIDA ATUALIZADA

MARCUS CLAY FRUTUOSO DE SOUZA¹

Resumo: Desde há muito tempo os adventistas do sétimo dia interpretam Apocalipse 13:10 como uma profecia sobre o papado, ou seja, o fim dos 1.260 anos da supremacia papal. As palavras dessa profecia são vistas como uma vingança ou punição da parte de Deus sobre o poder que por muitos anos afligiu e perseguiu o Seu povo. Essa ideia está presente também em estudos bíblicos do Brasil, nos quais Apocalipse 13:10 geralmente é apresentado como a profecia que predisse que esse fim realmente chegaria para o papado. Porém, em 2017 a Sociedade Bíblica do Brasil lançou a Nova Almeida Atualizada, uma tradução baseada na UBS5 (edição do Novo Testamento grego que usa o método eclético para classificar seus manuscritos), e nela há uma significativa mudança da leitura de Apocalipse 13:10, em que a ideia de vingança e punição foi substituída pela ideia de destino. Com uma tendência natural de popularização da nova versão, os adventistas do sétimo dia do Brasil terão um desafio a mais em sua interpretação historicista de uma vingança divina sobre o papado em 1798. Este artigo procura analisar a tradução do versículo e discutir quais implicações essa nova tradução traz sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia brasileira e sua interpretação e utilização de Apocalipse 13:10.

Palavras-chave: Crítica textual. Grego. Novo Testamento. Apocalipse.

¹ Mestre em Interpretação e Ensino da Bíblia (UNIAENE). Doutorando em Teologia Pastoral (UNASP-EC). Contato: marcusfrutuoso@gmail.com

THE ADVENTIST INTERPRETATION OF REVELATION 13:10 IN COMPARISON WITH THE NOVA ALMEIDA ATUALIZADA

Abstract: Seventh-day Adventists have long interpreted Revelation 13:10 as a prophecy about the papacy, that is, the end of 1,260 years of papal supremacy. The words of this prophecy are seen as God's revenge or punishment against the power that afflicted and persecuted His people for many years. This idea is also present in biblical studies in Brazil and, using the proof-text method, Revelation 13:10 is generally presented as the prophecy that predicted that this end would actually come for the papacy. However, in 2017 the Brazilian Bible Society released the New Updated Almeida (NAA), a translation based on the UBS5 (a version that uses the eclectic method to classify its manuscripts). In NAA, a significant change in the reading of Revelation 13:10 was introduced. One in which the idea of revenge and punishment was replaced by that of destiny. With a natural tendency to popularize the new version, Seventh-day Adventists in Brazil will have an additional challenge in their historicist interpretation of divine vengeance on the papacy in 1798. This article seeks to analyze the translation of the verse and see what implications this new translation brings to the Brazilian SDA Church and its interpretation and use of Revelation 13:10.

Keywords: Textual criticism. Greek. New Testament. Revelation.

1. Introdução

A questão das variantes no texto bíblico é algo tão presente que, para cuidar disso, existe uma ciência chamada *Crítica Textual* (CT). A CT atua para investigar inclusive o Novo Testamento (NT). Desde 1881 revisões são feitas nas Bíblias, justamente por causa dessa metodologia e por causa das constantes descobertas de novos manuscritos (mss). Nessas revisões, frases e palavras antes tidas como certas são agora substituídas por outras que se encontram em mss “melhores”, e, geralmente, mais antigos. Na maioria dos casos essas mudanças não afetam nenhuma doutrina vital do cristianismo. Em 2017, seguindo a tendência das revisões bíblicas que abandonam o chamado *Texto Recebido* (TR) pelo *Texto Crítico* (TC), a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) apresentou a *Nova Almeida Atualizada* (NAA), uma versão que tem como base a edição do Novo Testamento grego conhecido como UBS5, tornando-se assim, segundo os editores da NAA, uma “tradução do Novo Testamento que incorpora esses avanços na pesquisa relacionada com o texto original grego”.

Em Apocalipse 13:10 houve uma mudança que interessa bastante aos adventistas do sétimo dia. Na *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), o texto dizia assim: “Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada.” Essa tradução dá uma ideia de *punição* da parte de Deus sobre o perseguidor de Seu povo.

Desde muito tempo a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) interpreta Apocalipse 13:10 como uma predição sobre o papado, que se cumpriu por ocasião da prisão e morte do papa Pio VI pelo general Berthier em 1798. Usando a *King James Version* (KJV), Ellen G. White também aplica as duas linhas da poesia preditiva de Apocalipse 13:10 de forma punitiva, o que pode ser bem visualizado na seguinte citação:

“Foi-lhe dada autoridade para agir quarenta e dois meses” – os três anos e meio, ou 1.260 dias de Daniel 7 – durante os quais o poder papal deveria oprimir o povo de Deus. Esse período, conforme declarado em capítulos anteriores, começou com a supremacia

papal em 538, e terminou em 1798. Nesta oportunidade o poder papal receberia a “chaga mortal”, e *cumpriu-se a predição*: “Se alguém leva para cativo, para cativo vai” (WHITE, 1888, p. 439, grifo nosso).

Na NAA, a SBB mudou o texto para “Se alguém tiver de ir para o cativo, para o cativo irá. Se alguém tiver de ser morto pela espada, pela espada morto será”, ou seja, mudou o texto de uma postura *punitiva* para uma de *destino*.

O que este artigo se propõe a fazer é (1) analisar Apocalipse 13:10 à luz da CT; (2) verificar se aceitar essa variante afeta a interpretação adventista do texto; e (3) indicar uma possível resposta da IASD do Brasil, uma vez que a NAA é a tradução geralmente escolhida para uso na literatura denominacional e, como será mostrado aqui, a ideia de uma *punição* foi retirada dela.

2. Crítica Textual de Apocalipse 13:10 segundo o Método Eclético

O método eclético é basicamente dividido em evidências externas (análise de mss) e evidências internas (análise do estilo do texto e sua procedência autoral). Sobre o método, Paroschi (2012, p. 179) diz:

Dentre as muitas atividades das quais se ocupa a crítica textual, a mais importante é a avaliação das leituras variantes – reveladas mediante a minuciosa colação dos manuscritos – e a escolha daquela que mais provavelmente represente a forma original do texto. O processo envolve a aplicação de dois diferentes critérios, a evidência externa e a evidência interna, cada qual contendo uma série de princípios textuais, também chamados de cânones.

42

Pela limitação de espaço, serão ponderadas apenas duas variantes do aparato crítico da UBS5, que foi o texto-base escolhido para a confecção da NAA. Analisar essas evidências será o primeiro passo na compreensão desse dilema.

2.1. Evidência Externa

A evidência externa consiste em analisar os mss e determinar, especialmente pelo critério de datas e genealogias, qual leitura (e não manuscrito) explica melhor o surgimento das outras variantes (Wallace, 2016).

2.1.1. Apocalipse 13:10a: “Quem leva para cativo, para cativo vai”

A principal variante que dá a ideia de *destino* é “εἰς αἰχμαλωσίαν, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει”. Ela é encontrada nos mss A (Códice Alexandrino, 5º século, possui o tipo-texto alexandrino no Apocalipse), vg^{ww} (Vulgata Wordsworth-White, do 4º século, de tipo-texto alexandrino), e vgst (Vulgata de Stuttgart, do 4º século, de tipo-texto alexandrino). Esses manuscritos testemunham da antiguidade da ideia de *destino*.

Como exemplo dessa variante, aqui está a transliteração e a tradução do Códice A (CSNTM, 2022a):

Quadro 1: Transliteração e tradução do Códice A

Transliteração do Códice A	Em grego minúsculo	Tradução do Códice A
EITISEIS AICMALWSIANEISAICMALWSIAN UPAGEI	εἷ τις εἰς αἰχμαλωσίαν, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει	Se alguém para cativoiro, para cativoiro vai

Fonte: O autor.

Já a ideia de *punição* ou *vingança* é encontrada na variante “εἰς αἰχμαλωσίαν ἀπάγει, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει”, presente no mss 051txt (um manuscrito que data do século 10, de tipo-texto bizantino). Tanto esse quanto outros manuscritos que aparecem no aparato da UBS5, que dão essa ideia de vingança, ou são tardios como o 104 (ano 1087), ou são versões, como cop^{sa} (2º/4º séc.), ou ainda pais eclesiásticos, como Primásio (552 d.C.). Há outros ainda que não aparecem no aparato da UBS, como o 459 (ano 1092), o 2019 (séc. 13) (La Parola, 2022). Na opinião de Lenski (1935, p. 401), “a leitura foi atrapalhada por esforços interpretativos que nos oferecem apenas o que o copista pensou, e não o que João escreveu”. É provavelmente por esse motivo que os editores da UBS5 preferiram a leitura com a ideia de *destino*, porém vale lembrar que eles deram classificação {B}, o que indica que o texto é quase certo; mesmo assim, ainda influenciou a tradução da NAA.

Omanson (2010, p. 559) descreve bem o problema e a motivação por trás da escolha feita pelo texto que descreve *destino* e não *punição*:

A leitura que melhor explica o surgimento das outras é a que aparece como texto, ou seja, εἰς αἰχμαλωσίαν, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει. A ausência de um desses εἰς αἰχμαλωσίαν numa grande variedade de testemunhas parece ser resultado de um acidente de cópia. O fato de a primeira locução não ter um verbo levou vários copistas a tentar melhorar o texto inserindo um verbo apropriado, seja ἀπάγει (vai), seja συνάγει (reúne), seja alterando a construção para αἰχμαλωτίζει (leva cativo). A leitura ἔχει αἰχμαλωσίαν ὑπάγει, que quase não pode ser traduzida, deve ser vista como um erro de copista (que escreveu ἔχει [tem] em lugar de εἰς [para]).

Assim sendo, a ideia de *destino* “deve ser preferida” (Foster, 1989, p. 194) à ideia de *vingança*, ou seja, quem vai para cativoiro são aqueles que estão *destinados* a ir para o cativoiro.

2.1.2. Apocalipse 13:10b: “Se alguém matar à espada, é necessário que seja morto à espada”

No aparato crítico da UBS5, as variantes de Apocalipse 13:10b são ainda mais difíceis de traduzir: “ἀποκτανθῆναι αὐτόν” (ser morto); “ἀποκτενεῖ” (morrerá); “ἀποκτενεῖ (ἀποκτέννει, ἀποκτένει), δεῖ αὐτόν (morrerá, é necessário); “ἀποκτενεῖ, δεῖ αὐτόν” (morrerá, é necessário); “δεῖ αὐτόν ἀποκτανθῆναι” (é necessário que seja morto). Como diz Aune (1998, p. 750) “este dístico é um grego impossível, e uma variedade de variantes textuais surgiram nas tentativas dos escribas de dar sentido a essas cláusulas”. Porém, a análise da evidência externa aponta para o mesmo caminho da primeira linha: que a ideia de *destino* tem mss mais antigos e genealogias mais sólidas (ou seja, com maior número de cópias), especialmente as cópias alexandrinas.

Um dos manuscritos que possuem essa leitura é o Códice x (Códice Sinaítico, 4º séc. d.C., tipo-texto alexandrino), um dos mais importantes mss existentes. Ele é a cópia mais antiga do NT completo (Parker, 2012). O Códice x (CSNTM, 2022b) apresenta Apocalipse 13:10b da seguinte maneira:

Quadro 2: Transliteração e tradução do Códice κ

Transliteração do Códice κ	Em grego minúsculo	Tradução do Códice κ
EITISENMACAI RAAPOKTEINEIΔEI AUTONENMACAIRA APOKTANQHNAI	εἴ τις ἐν μαχαί- ρα ἀποκτείνει δεῖ αὐτὸν ἐν μαχαίρα ἀποκτανθῆναι.	Se alguém pela espa- da [deve] ser morto, ele pela espada [deverá] ser morto.

Fonte: O autor.

Como visto acima, a ideia de *destino* também está presente no Códice a. A conclusão de Omanson parece mais uma vez traduzir esse complexo quebra-cabeças de variantes. Sobre Apocalipse 13:10b, ele diz:

Aqui há uma pluralidade de variantes e nenhuma delas é totalmente satisfatória. A melhor delas parece ser ἀποκτανθῆναι αὐτόν, encontrada no Códice Alexandrino (A). A exemplo das primeiras duas linhas deste versículo, a terceira e quarta linhas ensinam o cumprimento da vontade de Deus. O texto grego parece uma tradução literal de uma típica expressão idiomática hebraica: “se alguém tiver de ser morto pela espada, será morto pela espada”. A leitura que aparece no texto de *O Novo Testamento Grego* foi traduzida na NTLH [e agora na NAA]: “quem tem de ser morto pela espada será morto pela espada”.

No grego, a formulação é difícil de entender e traduzir. Por isso, influenciados, talvez, por afirmações como a de Mt 26:52 (πάντες γὰρ οἱ λαβόντες μάχαιραν ἐν μαχαίρῃ ἀπολοῦνται [pois todos que pegam na espada pela espada perecerão]), copistas fizeram diferentes alterações e introduziram a ideia de retribuição (os perseguidores serão castigados pela rígida aplicação da *lex talionis*, ou seja, a lei do talião). A tradução de ARA (bem como de NRSV e de outras traduções) se baseia numa variante textual: “se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada”. Mas esta noção é contrária à leitura do Códice A, em que, em todo o versículo, os próprios cristãos é que são o sujeito da oração (Omanson, 2010, p. 559-560).

A evidência externa parece favorecer a ideia de *destino* tanto na frase que fala sobre cativo quanto na que fala sobre espada. Swete (1906, p. 165) confirma essa ideia dizendo que “o todo é uma advertência contra qualquer tentativa por parte da igreja de resistir a seus perseguidores”. Apesar de a ideia de *vingança* estar presente em alguns manuscritos, elas carecem de melhores manuscritos e datas mais antigas.

2.2. Evidências Internas

É importante lembrar que “as evidências internas são coletadas do próprio texto (por exemplo, o contexto literário; hábitos dos escribas, como convenções gramaticais ou ortográficas específicas que o autor usa; e formas literárias, como paralelismo ou quiasmo)” (Wegner, 2006, p. 238).

No caso de Apocalipse 13:10, a evidência interna deve se concentrar no uso que João faz do AT, nesse caso, possivelmente uma mistura de Jeremias 15:2 com Jeremias 43:11.

2.2.1. Uso do Antigo Testamento no Apocalipse

Entender o uso que o NT faz do AT é uma ciência interessante que vale a pena ser discutida. Paulien (2009, p. 28-29) fala a respeito de quatro possíveis usos do AT nos livros do NT: citação direta, citação indireta, alusão e eco. Ele classifica as *citações* como algo próximo da

tradução literal de uma passagem; *alusão* como o uso de várias palavras ou expressões e um *eco* como o uso de um tema ou de alguns termos de uma passagem. O autor pode usar um eco de forma consciente ou não.

O uso do AT no Apocalipse deve ser avaliado através de seus paralelos verbais, temáticos e estruturais, e a partir dessa avaliação classificar o texto. Na versão apresentada no TC, temos uma *alusão* (Aune, 1998, p. 749; Osborne, 2014, p. 566) a Jeremias 15:2 e 43:11, com as seguintes características: (1) João não usa apenas palavras soltas do texto original, mas escolheu duas das quatro frases de Jeremias; (2) ela é próxima da tradução do texto hebraico; e (3) tanto suas estruturas verbais (ir para o cativo, ser morto à espada) quanto temáticas (perseguição e morte) e estruturais (poema) são semelhantes às de Jeremias 15:2 e 43:11. É claro que deve-se assumir que essa alusão está reciclada para novos propósitos, afinal, ela é usada do mesmo modo que as outras 27 alusões que João faz a Jeremias em Apocalipse (ver Jackson, 2015).

Jeremias 15:2 é a continuação da resposta à terceira petição de Jeremias (14:19-22), em que Deus está afirmando categoricamente que a sentença do povo já está determinada (15:1-4), o que Harrison (2011, p. 81) chama de povo “pré-condenado”. Nessa passagem, Deus ordena ao profeta que leve uma mensagem “anti-êxodo”, ou seja, Moisés levou a mensagem de libertação do cativo, mas Jeremias deveria levar uma mensagem inversa. Jeremias apresenta um quadro bastante distinto daquele apresentado por João no Apocalipse.

O quadro 3 compara o texto de Jeremias (ARA) com Apocalipse na ARA e NAA; ele mostra que é bem mais fácil conciliar o TC (NAA) com o texto aludido (Jr 15:2). Assim, a conclusão a que se pode chegar através da análise de Jeremias e seu contexto é que João faz essa alusão com motivos diferentes do uso feito por Jeremias; neste caso, é o contexto de Apocalipse e não a de Jeremias que deve determinar a interpretação. João apenas usa as palavras de Jeremias.

Quadro 3: Comparação de Jeremias 15:2 e Apocalipse 13:10ab

Jeremias 15:2 (ARA)	Apocalipse 13:10ab (ARA)	Apocalipse 13:10ab (NAA)
[...] O que é para a morte, para a morte; o que é para a espada, para a espada; o que é para a fome, para a fome; e o que é para o cativo, para o cativo.	Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. [...]	Se alguém tiver de ir para o cativo, para o cativo irá. Se alguém tiver de ser morto pela espada, pela espada morto será. [...]

Fonte: O autor.

Finalmente, vale lembrar que ainda no versículo 10, a frase “aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos” pode ser uma conclusão formal para as duas declarações anteriores, reforçando a ideia de *destino*, em que o objeto das duas ações é o povo de Deus, e não o poder perseguidor. Talvez “a intenção profética não busque tanto condenar [a Igreja Católica], mas elucidar os meandros da história, a fim de que possamos saber que detrás deles, a providência divina está trabalhando para fortalecer a fé e sustentar a esperança” (Doukhan, 2011, p. 125).

3. Ellen G. White, a King James Version e Apocalipse 13:10

Apocalipse 13:10 apareceu em pelo menos três textos de Ellen G. White publicados durante sua vida; são eles: primeiramente em O Grande Conflito, edição de 1888:

Os quarenta e dois meses são os mesmos que “tempo, tempos e metade de tempo”, três anos e meio ou 1.260 dias de Daniel 7 – o tempo durante o qual o poder papal oprimiu o povo de Deus. Esse período, como declarado em capítulos anteriores, começou com o

estabelecimento do papado, no ano de 538 d.C., e terminou em 1798. Neste tempo, quando o papado foi abolido e o papa foi feito cativo pelo exército francês, o poder papal recebeu sua ferida mortal, e a predição foi cumprida: [cita Apocalipse 13:10].

Depois no volume 19 de *Manuscripts Releases*, manuscrito nº 1389, que data de 20 de agosto de 1897, com as seguintes palavras: “[Cita Apocalipse 13:10] Este capítulo inteiro é uma revelação do que certamente tomará lugar [logo após fala sobre a questão da mudança do sábado para o domingo].” Depois, o texto apareceu novamente em *O Grande Conflito*, revisado em 1911, porém sem alterações neste particular.

A história da *King James Version* (KJV) começa com Erasmo de Roterdã (c. 1466-1536), que editou o primeiro Novo Testamento grego que veio a público. Esse NT foi publicado em 1516, porém continha muitos erros de impressão e os manuscritos usados não eram dignos de confiança. Outras edições apareceram, todas baseadas no texto bizantino. Esse NT de Erasmo foi a base para o que posteriormente seria conhecido como o TR.

Depois veio Robertus Sthefanus, que em sua terceira edição do NT (1550), publicou o primeiro aparato crítico, com menos de 15 manuscritos. Teodoro de Beza (1519-1605) popularizou o TR e os tradutores da KJV usaram essa versão em seu trabalho de tradução. Porém, foi Boaventura e Abraão Elzevir que produziram o TR. Abaixo vê-se a transliteração e a tradução do códice de Beza (CSNTM, 2013), que serviu de base para a KJV:

Quadro 4: Transliteração e tradução de Apocalipse 13:10ab do Códice de Beza

Transliteração do Manuscrito de Beza	Tradução do Manuscrito de Beza
Εἴ τις αἰχμαλωσίαν συνάγει, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει· εἴ τις ἐν μαχαίρᾳ ἀποκτενεῖ, δεῖ αὐτὸν ἐν μαχαίρᾳ ἀποκτανθῆναι.	Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém à espada matar, ele à espada será morto.

Fonte: O autor.

A KJV foi popularizada na Inglaterra e amplamente usada. A Bíblia era acessível ao povo comum como nunca antes. Um amor às Escrituras que nunca existira antes passou a existir com a KJV, apesar de ter se baseado em manuscritos relativamente recentes; mas isso não permaneceria por muito tempo. Com o fim da era da Reforma, a Bíblia passou por um período de crítica e revisão. Esse período (1648 até os dias atuais) pode ser subdividido em três (Geisler; Nix, 1986, p. 453-461):

Período da preparação (1648-1831). Nele foram classificados os textos bíblicos e impressos várias edições do NT com aparatos críticos. Um bom exemplo foi o NT de John Mill (1645-1707), publicado em 1707; ele continha o mesmo texto de Stephanus de 1550, porém acrescentou cerca de 30 mil variantes, e tanto o Códice Alexandrino quanto o Vaticano tomaram forças por essa época.

O período do progresso (1831-1881) é aquele em que surgiu uma crítica mais construtiva ao texto bíblico; foi marcado pela produção de materiais de crítica textual, porém ao mesmo tempo foi o período em que o TR foi mais duramente criticado. Neste assunto, os principais nomes desta época são o de Tischendorf (1815-1874), que procurou, descobriu e publicou manuscritos e textos bíblicos; Samuel Prideaux Tregelles (1813-1875), que serviu de instrumento para afastar a Inglaterra do TR; e Henry Alford (1810-1871), que escreveu vários comentários e deitou por terra a reverência ao TR.

Período da purificação (1881). Caracteriza-se principalmente pelo destronamento do TR, de que procede a KJV. Foi em 1881 que dois estudiosos de Cambridge, Brooke Foss Westcott (1825-1901) e Fenton John Anthony Hort (1828-1892) lançam o seu *The New Testament in the original Greek*, uma versão que deu origem à *English Revised New Testament*, em 1881. Logo os

defensores do TR/KJV se levantaram contra essa nova versão, que rapidamente ganhou popularidade.

É neste contexto de discussão sobre o texto bíblico que está inserido (1) o início do movimento adventista, com suas próprias questões a serem resolvidas, bem como (2) o lançamento do livro *O Grande Conflito*, em 1888. Nessa época, a *Review and Herald* falou algumas vezes sobre o assunto (White, 2022), mas em nenhum momento rechaçou ou condenou as revisões feitas na época, pelo contrário, alguns dos artigos tinham reações positivas a essas revisões. White parece também ter se manifestado, mas indiretamente. Parece fazer mais sentido observar os conselhos dela contra a crítica ao texto bíblico sob essa ótica.

Escrita em 1888, por exemplo, a seção “A inspiração da Palavra de Deus” do primeiro capítulo de *Mensagens Escolhidas*, v. 1 (White, 1985, p. 15, grifo nosso), dá indícios de que White estava, de alguma forma, ciente das discussões sobre o assunto, por exemplo: “Homem algum pode *aperfeiçoar a Bíblia* sugerindo o que o Senhor queria dizer ou devia ter dito.” Outro texto diz: “Alguns nos olham seriamente e dizem: ‘Não acha que deve ter havido algum erro nos *copistas* ou da parte dos tradutores?’” Nessa frase, ela menciona diretamente a palavra “copista”, dando a entender que estava ciente das recentes descobertas. Ainda: “Quando homens, em seu juízo finito, julgam necessário *fazer um exame de textos para definir o que é inspirado e o que o não é*, estão dando um passo adiante de Jesus a fim de mostrar-Lhe um caminho melhor do que aquele em que Ele nos tem guiado” (White, 1985, p. 16, grifo nosso). Nessa última citação ela fala sobre “fazer um exame de textos”, o que parece refletir o método crítico. Ainda no mesmo livro e capítulo há uma seção intitulada “*Objeções à Bíblia*” (White, 1985) datado de 1886, que parece tratar do mesmo assunto. Em *Testemunhos para a Igreja*, v. 5 (White, 2007, p. 698), o capítulo 84 tem como título “Os mistérios da Bíblia: prova de sua inspiração”, datado de 1889.

Apesar de esses textos apontarem para isso, White nunca tratou diretamente o assunto das versões bíblicas em seus escritos (White, 2022). Na verdade, “Ellen White empregou oito textos da *English Revised Version*, 55 da *American Revised Version*, dois da tradução de *Leeser*, e quatro de *Noyes*, além de sete variantes marginais” (Centro White, 2023).

Mais tarde, em 1919, na Conferência Bíblica (GC, 2013), foi tocado o assunto de Ellen G. White e o uso que ela fez de versões da Bíblia. A. G. Daniells disse para W. G. Wirth que “a irmã White não tinha intenção alguma de determinar a exatidão de uma tradução. [...] Ela usava qualquer versão que a ajudasse a comunicar seu pensamento com maior clareza” (General Conference, 1919, p. 19). Portanto, acompanhando esse raciocínio de Daniells, pode-se concluir que White não estava fazendo uma exegese de Apocalipse 13:10, mas usando o texto que tinha em mãos para comunicar a ideia de que Deus retribuiria à besta/papado o mal que fizera ao povo de Deus durante o período dos 1.260 dias/anos.

Dois textos são especialmente significativos nessa questão:

Antes que a Versão Revisada fosse publicada, vazaram do comitê declarações sobre as mudanças que eles pretendiam fazer. Algumas delas eu trouxe à atenção de mamãe, e ela me deu informações muito surpreendentes sobre essas Escrituras. Isso me levou a acreditar que a revisão, quando viesse à mão, seria de grande valia para nós (White, 2022).

É significativo que quase imediatamente após o aparecimento a [*Revised English Version*], a Sra. White fez uso dela em seus livros, como ela também fez da *American Standard Revision* quando ela se tornou disponível em 1901. Também é significativo que quatro declarações principais da pena da Sra. White sobre a Bíblia e [sobre] os escritores da Bíblia foram escritos durante esta década do aparecimento das versões revisadas do Novo e do Antigo Testamento (White, 2022).

Ambas as citações mostram a maneira como White lidou com os assuntos de revisões da Bíblia. Ela as usou conforme necessário, não entrando em embates textuais para provar seu ponto de vista, e fez uso daquilo que tinha em mãos.

4. Duas Interpretações Distintas de Apocalipse 13:10

Nesta seção será analisado como autores evangélicos e autores adventistas têm interpretado Apocalipse 13:10ab.

4.1. Interpretações de Autores Evangélicos

Os autores evangélicos mais proeminentes em Apocalipse geralmente apoiam o TC e a ideia de *destino*. Aune (1998), Beale (1999), Mounce (1997) e Osborne (2014), por exemplo, são defensores dessa interpretação. Metzger (1994), influente linguista do século 20, também prefere seguir o Códice A, deixando assim em paralelo a primeira sentença com a segunda, mais fácil de traduzir e em que o perseguidor é o agente ativo e o povo de Deus é aquele que sofre a ação, neste caso, sendo morto pela espada do perseguidor.

A principal diferença apresentada em Apocalipse 13:10ab no TR são acréscimos para tentar tornar a frase mais inteligível e harmônica, a adição de verbos junto com “para cativo” para melhorar a leitura, facilitando a compreensão do sentido da frase. Os acréscimos são diferenças em manuscritos posteriores; um bom exemplo disso é que o NT de Beza apresenta o livro de Atos 10% maior que outros manuscritos. Além disso, é importante lembrar que João apresenta um “grego rústico”, e a leitura difícil de Apocalipse 13:10ab pode ser devido a esse fato.

Uma questão notável de variação entre o TC e o TR, levantada por esses autores evangélicos, é a questão do sujeito da oração, já que no Códice Alexandrino não há espaço para a ideia de *vingança* no 10a. Levando isso em consideração, os autores preferem aceitar que, apesar da dificuldade de traduzir o v. 10b, o melhor caminho é traduzi-lo no mesmo sentido do v. 10a, uma vez que o próprio contexto (tanto no TC quanto no TR) apoia essa tradução. Como já mencionado, Omanson (2010) diz que a “ausência de um desses εἰς αἰχμαλωσίαν numa grande variedade de testemunhos parece ser resultados de cópia”, que esta ausência se dá por um erro de visão do copista. Prigent (1993, pp. 243-244) oferece três “sinais de qualidade” para que o texto do Códice A seja aceito em vez dos outros:

1. Ela é a única forma textual representada inteiramente por um bom manuscrito antigo. Todas as demais traduções supõem uma reconstrução textual com o auxílio de várias testemunhas diferentes.
2. Oferece um excelente paralelismo entre as suas duas preposições, seguindo nisto o modelo oferecido por Jeremias.
3. Dá um sentido não somente aceitável, mas que também se harmoniza com a conclusão tirada pelo final do versículo.

Um ponto criticado na ideia de *destino* é o fato de a perseguição ser dada a quem está sendo fiel, porém muitos textos dos profetas maiores, como Ezequiel 14:12-23, afirmam que o remanescente fiel sofreria a penalidade do cativo. Em 2Timóteo 3:12 encontram-se as seguintes palavras: “Ora todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.” Robertson (1933) declara que “aparentemente, João apresenta isto como advertência aos cristãos para que não resistam a força com força, mas que aceitem o cativo

como Ele o havia feito como um meio de graça”; além disso, os cristãos estavam acostumados desde cedo com perseguição e martírio, e viam isso como um privilégio. Kistemaker (2004, p. 489) apoia a posição de *destino*: “Os sujeitos em ambas as linhas são os cristãos que sofrem perda da liberdade e perda de vida. [...] As linhas não são dirigidas aos capangas de Satanás que enfrentam a retribuição divina.”

Schick (1980) resume em poucas palavras toda a problemática envolvida no texto a partir da interpretação no sentido de *destino*:

O desafio do v. 10. formulado de maneira muito sucinta, à maneira de uma ordem, foi, como mostra uma variante muito antiga, mal compreendido pelos copistas e reinterpretado e completado na seguinte formulação: ‘quem leva à prisão, irá para a prisão; quem mata à espada, deve ser morto à espada’. Assim o apelo que exige tudo de cada um transforma-se numa palavra de consolo para os perseguidos. Que a versão original do texto não seja esta, deduz-se de seus dois pontos de referência (Jr 15:2; 43:11) no AT, bem como do contexto geral, especialmente da exortação à perseverança que se segue imediatamente.

Assim, segundo os autores evangélicos em geral, seguir Jeremias 15:2 e 43:11 parece ser o mais coerente a ser feito, aceitando que o povo de Deus é o sujeito passivo, sendo levado para cativo. Além disso, eles não aceitam os acréscimos ἀπάγει ou συνάγει, que mudam o foco de Deus para os perseguidores (“se alguém leva [os santos] para o cativo”). Como disse Omanson (2010), nenhuma dessas variantes são completamente satisfatórias, apesar de concordar que esse trecho no Códice A parece ser a melhor leitura entre todas as variantes.

4.2. Interpretações de Autores Adventistas

A segunda possibilidade de tradução é ambos os dísticos de retribuições à besta/poder perseguidor que se apresenta nos v. 1-8. Isso quer dizer que “cativo” e “espada” são castigos dados por Deus contra quem se levanta em perseguição contra Seu povo. Nesta tradução, o sujeito ativo é Deus, e a besta é aquela que sofre a ação dos verbos. As declarações (v. 10ab) são vistas como uma espécie de consolo para o povo de Deus, pois nelas está a certeza de que Ele não abandona Seu povo. Neste caso, em vez de Apocalipse 13:10 evocar Jeremias 15:2 e 43:11, evoca Mateus 26:52, que parece ser a maior influência para essa tradução de retribuição: “Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.”

Autores adventistas em geral têm preferido essa tradução tendo em vista sua interpretação de Apocalipse 13. Em um dos primeiros livros que se destinaram a comentar o Apocalipse, Uriah Smith (1897), fazendo uso da interpretação historicista adotada desde o princípio da denominação, declara: “O versículo 10 nos faz voltar aos eventos de 1798, quando esse próprio poder, que durante os 1.260 anos manteve os santos de Deus em cativo, foi levado em cativo.” Essa declaração refere-se à prisão e morte do papa Pio VI, quando em 1798 foi levado pelo general Berthier à França e morreu um ano depois, em plena Revolução Francesa. Esse evento trouxe, segundo tal interpretação, a ferida mortal sobre o papado, que é o cumprimento da primeira besta de Apocalipse 13. Mais tarde, Haskell (1908, p. 232) disse o mesmo em seu livro sobre o Apocalipse.

Já em anos posteriores, o *Comentário Bíblico Adventista* (NICHOL, 1980, v. 7, p. 819), publicado pela primeira vez em 1957, também apoiava essa mesma ideia; porém, ele denomina tal interpretação de “cumprimento parcial”. Ele chama a atenção para o fato de a evidência textual favorecer a omissão da palavra “levado”: “Sem ela a frase poderia ser traduzida: ‘Se um homem está destinado para [ou ‘a entrar em’] cativo. [...]’ A ideia pode ser considerada como

similar a que é expressada em Jeremias 15:2 [...]” Vê-se aqui um *reconhecimento* da possibilidade de uma interpretação além, ou seja, a ideia de destino.

Em tempos mais modernos, autores como William H. Shea e Hans K. LaHondelle compartilham da mesma ideia de retribuição em ambas as declarações. Shea (2021, p. 413) aponta para a estrutura do capítulo dividindo a seção (Ap 13:1-10) em duas partes, e cada uma delas fala sobre a ferida da besta por espada, são elas os v. 1-4 e v. 5-10. Em cada uma dessas passagens há uma alusão à ferida mortal por espada recebida pela besta; assim, ele entende que a espada do v. 10 é a mesma do v. 14, que causou a ferida do v. 3. LaRondelle (1999) também considera o “cativeiro” e a “espada” como a explicação da ferida mortal de Apocalipse 13:3. Ele baseia seu argumento principalmente no fato de que “espada” no Apocalipse é símbolo do juízo divino (1:16; 2:12, 16; 19:15, 21).

Além desses autores citados acima, outros autores podem ser citados, todos seguindo a mesma interpretação. Anderson (1990, p. 155) diz que a profecia (dos 1.260 dias) se cumpriu com “notável precisão” e de “modo cabal”. Maxwell (2008, p. 334) talvez seja o autor adventista que mais explora a história geral para embasar seus argumentos a respeito da besta como sendo o poder católico romano da Idade Média. Em seu livro, ele apenas usa as expressões “ir para cativeiro” e ser “morto à espada” para associar com os v. 14 e 3 e identificar a besta. Doukhan (2011, p. 123) também vê a Igreja Católica como a besta de Apocalipse 13:1-10, e, conseqüentemente, o objeto do cativeiro e da espada é o povo de Deus. Feyerabend (2005, p. 114) diz: “Quando o papa foi levado prisioneiro por Berthier, estas palavras foram cumpridas. O papado tinha levado tantos outros cativos, e agora ele mesmo estava indo para o cativeiro.” Uma boa visão dessa interpretação pode ser vista nas seguintes palavras:

A vitória nesta guerra, ainda que momentaneamente, pertence à besta e é permitido a ela vencer os santos, e os leva para cativeiro; “o que leva para cativeiro em cativeiro, vai em cativeiro; e se alguém mata à espada, à espada deve ser morto”. A besta é derrotada e a fé e a paciência dos santos permanecem triunfantes (VELOSO, 1999, p. 169).

Em se tratando de estudos bíblicos, pelo menos três materiais apresentam a mesma ideia de *vingança* em que a besta é o objeto do cativeiro e da espada. O livro *Estudos Bíblicos* (2006, p. 104) declara: “Que se diz do cativeiro e queda do papado?” Então a resposta logo abaixo é a citação de Apocalipse 13:10. Já Belvedere (2006, p. 103) prefere colocar uma nota explicativa descrevendo os eventos de 1798 e citando Apocalipse 13:10, mostra como os eventos se cumpriram. Ele chega a dizer que “a ferida foi tão profunda que parecia que o papado não se recuperaria mais dela”.

Em tempos mais modernos, estudos sobre o Apocalipse distribuídos pela TV Novo Tempo trazem a mesma interpretação, de que a espada que fere é a espada de Deus sobre a besta e que esta ferida é a ferida mortal dos v. 14 e 3. Logo depois então são apresentados os detalhes históricos:

Esta ferida mortal representa exatamente a prisão do papa Pio VI por ordem de Napoleão Bonaparte. A partir desta data, 15 de fevereiro de 1798, o papa não deveria mais exercer qualquer função. Despojado de seu poder, tanto civil como eclesiástico, Pio VI morreu no exílio, em Valença, na França, no dia 29 de agosto de 1799. Cumpriram-se então as palavras proféticas: “Se alguém leva para cativeiro, para cativeiro vai” (Ap 13:10) (NOVO TEMPO, s/d, p. 45).

Uma exceção é Ranko Stefanovic. Para ele, “a primeira declaração enfatiza o *destino do povo de Deus*. [...] a segunda declaração enfatiza o *destino dos perseguidores do povo de Deus*” (STEFANOVIC, 2009, p. 417). Assim, ele aceita um misto de interpretações.

Pelo que foi visto até aqui, essa é uma interpretação muito defendida pelos adventistas. Como, então, usar Apocalipse 13:10 na NAA para defender o ponto de vista de *vingança* se agora a tradução traz uma mensagem em que, quem vai para o cativo e quem vai morrer à espada é o próprio povo de Deus?

5. Qual postura tomar em relação à NAA?

Explicar problemas de tradução não é uma tarefa recente. Pelo visto, sempre acompanhará a igreja, e é assim que esse texto deve ser primeiramente apresentado (caso seja necessário), como um texto com duas possibilidades de tradução. Deve-se considerar o significado da nota {B}, dada pelos editores da UBS5; ou seja, que apesar de o peso da evidência apontar para uma tradução no sentido de *destino*, ela não é de todo conclusiva, e há outros manuscritos; e que apesar de tardios, apoiam a ideia de *vingança*. Isso deve ser apresentado de forma honesta e clara, mostrando o peso da evidência.

Outra possibilidade, essa bem menos apreciada pelo meio acadêmico, mas muito divulgada especialmente em sites que fazem defesas apaixonadas do TR, é rejeitar de vez o método eclético e considerar a ideia de *vingança* como a correta. Essa rejeição é compartilhada por diversos autores modernos, cuja premissa básica é de que o texto que chegou até nós foi preservado sem nenhum erro de copistas.

Também deve ser considerado como digna de exemplo a atitude de Ellen G. White. Pelo que já foi exposto aqui, ela sabia das questões envolvidas nas novas versões bíblicas e mesmo assim usou-as em diferentes momentos. Assim, mesmo que a NAA não traga mais aquilo que anteriormente favorecia a posição adventista a respeito de determinado ponto, ela não deve ser descartada, e o ponto problemático em questão deve ser tratado isoladamente. A postura de White parece ser a mais equilibrada. Ela sempre confiou que Deus não deixaria Seu povo às cegas com relação à Sua Palavra, e que a Bíblia deve ser vista tal como ela é: um livro espiritual:

Vi que Deus tinha guardado especialmente a Bíblia; no entanto, quando as cópias dela eram poucas, os homens instruídos tinham em alguns casos mudado as palavras, pensando que estavam tornando-a mais clara, quando na realidade estavam mistificando o que era simples, fazendo com que ela se inclinasse para seus pontos de vista estabelecidos, que eram governados pela tradição. Mas vi que a Palavra de Deus, como um todo, é uma corrente perfeita, uma porção ligando-se e explicando outra. Os verdadeiros buscadores da verdade não precisam errar; pois não apenas a Palavra de Deus é clara e simples ao declarar o caminho da vida, mas o Espírito Santo é dado como um guia para entender o caminho da vida nela revelado (White, 1882, p. 220-221).

Como sempre, White apresenta uma postura respeitosa em relação às Escrituras, sabendo lidar com situações difíceis. Não seria essa a mesma postura que os membros da IASD brasileira deveria tomar frente à falta do texto que anteriormente usavam para provar seu ponto de vista?

Por último, é importante reforçar que, mesmo sem Apocalipse 13:10, a mensagem continua sendo verdadeira, pois a interpretação do período de 1.260 dias/anos está baseada em outros textos bíblicos (cf. Dn 7:25; 12:7; Ap 12:6 e 14), e a ferida mortal é descrita em Apocalipse 13:3, 14. Vale lembrar que Apocalipse 13:10 apenas reforça aquilo já descrito em outros versículos; além disso, o evento histórico já aconteceu, dando assim força ao argumento do fim do poderio católico que durou 1.260 anos. Talvez com a popularização da NAA a IASD brasileira tenha que fazer um esforço a mais para explicar suas conclusões sobre o

acontecimento de 1798; ou seja, explicar os 1.260 dias não será impossível de fazer pela falta de Apocalipse 13:10 tal como aparecia na ARA.

6. Considerações Finais

A NAA alterou significativamente a tradução de Apocalipse 13:10ab, saindo de uma ideia de *vingança* para uma ideia de *destino*. Essa mudança, porém, apesar de ser uma perda para a IASD brasileira, não diminui em nada a argumentação do fim do poderio do papado por 1.260 anos, começados em 538 d.C. e terminados em 1798, pois a interpretação se baseia em outras profecias. Cabe, por fim, à IASD brasileira saber explicar que essa é umas das possíveis traduções e como outros textos da Bíblia, especialmente em Daniel e Apocalipse, corroboram para interpretar o evento de 1798 como a providência divina contra o poder religioso romano.

Referências

ANDERSON, R. A. **Revelações do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

AUNE, D. E. **Revelation 6–16**. Dallas, TX: Word, 1998.

BEALE, G. K. **The book of Revelation**: A commentary on the Greek Text. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

BELVEDERE, D. **Seminário As Revelações do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

CENTRO WHITE. **Os ensinamentos de Ellen G. White**. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-sobre-ellen-g-white/os-ensinos-de-ellen-g-white/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CSNTM. **Códice Alexandrino**. Disponível em: https://manuscripts.csntm.org/manuscript/Group/GA_02?OSIS=Rev.13.10. Acesso em: 24 nov. 2022a.

CSNTM. **Códice de Beza**. Disponível em: http://images.csntm.org/PublishedWorks/Bezae_NT_1588/Bezae_NT_1588_0529b.jpg. Acesso em: 18 jul. 2013.

CSNTM. **Códice Sinaítico**. Disponível em: https://manuscripts.csntm.org/manuscript/Group/GA_01?OSIS=Rev.13.10. Acesso em: 23 nov. 2022b.

DOUKHAN, J. B. **Secretos del Apocalipsis**: el Apocalipsis visto a través de ojos hebreos. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 2011.

Estudos bíblicos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

FEYERABEND, H. **Apocalipse verso por verso**: como entender os segredos do último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

FOSTER, L. **Revelation**: unlocking the Scriptures for you. Cincinnati, OH: Standard, 1989. (Standard Bible Studies).

GEISLER, N. L.; NIX, W. E. **A general introduction to the Bible**. Chicago, IL: Moody, 1986.

GENERAL CONFERENCE. **The use of Spirit Profecy in our teaching of Bible and history**. 30 de julho de 1919. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Resources/1919BC/RBC19190730.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.

HARRISON, R. K. **Jeremias e Lamentações**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HASKELL, S. N. **The story of the seer of Patmos**. Battle Creek, MI: Review and Herald, 1908.

JACKSON, J. G. (Org.). **New Testament use of the Old Testament**. Bellingham, WA: Faithlife, 2015.

KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento: Apocalipse**. SP: Cultura Cristã, 2004.

LA PAROLA. <https://www.laparola.net/greco/index.php>. Acesso em: 25 nov. 2022.

LARONDELLE, H. K. **Las Profecías del Fin**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.

LENSKI, R. C. H. **The interpretation of St. John's Revelation**. Columbus, OH: Lutheran Book Concern, 1935.

MAXWELL, C. M. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

METZGER, B. M. **A textual commentary on the Greek New Testament**. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.

MOUNCE, R. H. **The book of Revelation**. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997.

NICHOL, F. D. (Ed.). **The Seventh-day Adventist Bible commentary**. MD: Review and Herald, 1980.

NOVO TEMPO. **Bíblia Fácil Apocalipse**. Jacareí, SP: Rede Novo Tempo de Comunicação, s/d.

OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego". Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

- OSBORNE, G. R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- PARKER, D. New Testament manuscripts. In: BARRY, J. D.; WENTZ, L. (Eds.). **The Lexham Bible dictionary**. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2012.
- PAULIEN, J. **Seven keys**: Unlocking the secrets of Revelations. Nampa, ID: Pacific Press, 2009.
- PRIGENT, P. **O Apocalipse**. SP: Loyola, 1993.
- ROBERTSON, A.T. **Word pictures in the New Testament**. Nashville, TN: Broadman Press, 1933.
- SCHICK, E. **O Apocalipse**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- SHEA, W. H. Profecias de tempo em Daniel 12 e Apocalipse 12-13. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Estudos sobre Apocalipse: temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2021. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas, v. 6).
- SMITH, U. **Daniel and Revelation**. Battle Creek, MI: Review and Herald, 1897.
- STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.
- SWETE, H. B. (Org.). **The Apocalypse of St. John**. Nova York: Macmillan, 1906. (Classic Commentaries on the Greek New Testament).
- VELOSO, M. **Apocalipsis y el fin del mundo**: fe para enfrentar la crisis final. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.
- WALLACE, D. B. Textual criticism of the New Testament. In: BARRY, J. D. et al. (Eds.). **The Lexham Bible dictionary**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.
- WEGNER, P. D. **A student's guide to textual criticism of the Bible**: its history, methods & results. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006.
- WHITE, A. L. **The E. G. White counsel on versions of the Bible**. Disponível em: https://www.adventistbiblicalresearch.org/wp-content/uploads/egw_382-11.pdf. Acessado em 27 de novembro de 2022.
- WHITE, E. G. **Early writings of Ellen G. White**. Battle Creek, MI: Review and Herald, 1882.

WHITE, E. G. **Great Controversy**. Oackland, CA: Pacific Press, 1888.

WHITE, E. G. **Mensagens Escolhidas**. V. 1. Santo André, SP: 1985.

WHITE, E. G. **Testemunhos Para a Igreja**. V. 5. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

A FUNÇÃO DE PROVÉRBIOS 9:8-12 E O CONTRASTE POÉTICO ENTRE A SABEDORIA E A LOUCURA

HENRIQUE KRITKOVSKI ROQUE¹
FELIPE ALVES MASOTTI²

Resumo: O temor do Senhor é o elemento central no capítulo 9 de Provérbios e media a apresentação de duas alegorias, a saber: a personificação da sabedoria e a personificação da loucura. Protagonista e antagonista atuam no mesmo episódio ou capítulo, e ambos estão interligados. O artigo presente tem como objetivo analisar, utilizando ferramentas exegéticas, a estrutura literária de Provérbios 9:8-12, onde o termo “temor do Senhor” está inserido, verificando as conexões com os versículos anteriores e posteriores. Nesta análise, a relação entre a expressão “temor do Senhor” e as duas alegorias do capítulo é estudada. O roteiro adotado analisa os bastidores, personagens, primeiro ato, entreatos, segundo ato e desfecho de Provérbios 9 e constata que o trecho central (9:8-12) não é independente, acidental ou aleatório como afirmam alguns comentaristas. Assim, o trabalho conclui que esta seção é parte integrante da interligação natural existente entre os três trechos do capítulo 9.

Palavras-chaves: Temor do Senhor. Provérbios. Sabedoria.

THE FUNCTION OF PROVERBS 9:8-12 AND THE POETIC CONTRAST BETWEEN WISDOM AND MADNESS

Abstract: The fear of the Lord is the central element in chapter 9 of Proverbs and mediates the presentation of two allegories, namely: the personification of wisdom and the personification

¹ Graduando em Bacharel em Teologia na Faculdade Adventista do Paraná (FAP, Ivatuba-PR). E-mail: henrique.historia@gmail.com

² Doutor em Exegese do Antigo Testamento (PhD., Andrews University). Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: femasotti@yahoo.com.br

of madness. Protagonist and antagonist act in the same episode or chapter and both are interconnected. The present article aims to analyze, using exegetical tools, the literary structure of Proverbs 9:8-12, where the term “fear of the Lord” occurs, verifying the connections with the previous and subsequent verses. In this analysis, the relationship between the expression “fear of the Lord” and the two allegories of the chapter is studied. The adopted script analyzes the backstage, characters, first act, inter-acts, second act, and outcome of Proverbs 9 and finds that the central section (9:8-12) is not independent, accidental or random as some commentators claim. Thus, the work concludes that this section is an integral part of the natural interconnection existing between the three sections of chapter 9.

Keywords: Fear of the Lord. Proverbs. Wisdom.

1. Introdução

O presente estudo tem o objetivo de analisar a função de Provérbios 9:8-12. Esta seção centraliza a expressão “o temor do Senhor” em Provérbios 9 através do contraste poético entre a sabedoria e a loucura. Este estudo busca identificar a função estrutural do capítulo 9:8-12, legitimando seu espaço e sua inserção no livro de Provérbios. O objetivo responde à teoria levantada por alguns estudiosos, como Barton e Muddiman (2019, p. 412), Chapman *et al.* (2005, p. 379) e Horne (2003, p. 133), que propõem que esta seção seria uma interpolação textual posterior. Assim, o objeto de pesquisa é descobrir a função de Provérbios 9:8-12 no contexto entre a Sabedoria e a Loucura. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica com auxílio de ferramentas exegeticas. A escolha da temática emergiu a partir das leituras, debates sobre o temor do Senhor e a admiração pelo tema do ensino como expresso no livro de Provérbios.

2. O Temor do Senhor

O capítulo 9:10 de Provérbios apresenta o seguinte: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência.” Esse versículo está contido dentro da perícopes de Provérbios 9:8-12. A passagem está organizada como uma estrutura de paralelismo inverso (ver Osborn, 2009, p. 293-294). De acordo com Stuart e Fee (2011, p.196), o quiasmo consiste em “um padrão de palavras ou conceitos em que o primeiro e o último são similares, o segundo e o penúltimo são similares etc., facilitando a memorização”. A estrutura quiasmática verificada segue o critério $A^1-B^1-C-B^2-A^2$ (Osborn, 2009, p. 66). Esse padrão é observado na perícopes selecionada.

2.1. Estrutura em Paralelismo: Nos Bastidores

Um dos aspectos significativos para uma compreensão do texto é levar em conta as especificidades da estrutura literária. A maneira como a disposição das palavras e versículos estão elaborados evidenciam uma ação intencional do escritor bíblico. A relação interna dos vocábulos e orações como seus conectivos, aliada à sua posição na passagem, pode ter a capacidade de afetar fortemente a compreensão do texto (Stuart; Fee, 2011, p. 71).

Uma observação detida de Provérbios 9:8-12 possibilita encontrar conexões entre o versículo 8 e o 12, como também entre os versículos 9 e 11. O fato permite afirmar que o versículo 10 está no centro do quiasmo local ao redor do qual toda a perícopes gravita.

Na **Tabela 1** apresenta-se o primeiro grupo de paralelismos inversos verificado:

Tabela 1: Primeiro Paralelismo Inverso

Provérbios 9	Paralelismo Inverso/Português	Paralelismo Inverso/Hebraico
Versículo 8	A Não repreendas o <u>escarnecedor</u> , B para que te não aborreça; A ¹ repreende o <u>sábio</u> , B ¹ e ele te amará	אַל-תּוֹכַח לֵץ כִּי-יִשְׁנֹאֲךָ הוֹכַח לְחָכָם וְיֵאֱהָבֶךָ:
Versículo 12	A Se és <u>sábio</u> , B para ti mesmo o és; A ¹ se és <u>escarnecedor</u> , B ¹ tu só o suportarás.	אִם-חָכָמָה חִכְמָה לָךְ אִלְכָּפָה לְבַדְךָ תִּשָּׂא:

Fontes: Bíblia (1999, p. 444); Bíblia Hebraica (1997, p. 1286).

Tanto no versículo 8 quanto no versículo 12 aparecem os termos (חָכָם) “sábio” e (לֵץ/לְכָפָה) “escarnecedor”. O contraste entre a sabedoria e o escárnio perpassa todo o livro de Provérbio, e ambos os versículos dialogam a respeito dessa evidente polarização. Waltke (2013, p. 562) defende que a relação entre o sábio e o escarnecedor depende da disposição do último em aprender pois o sábio anela que a repreensão cumpra o objetivo restaurador daquele que aborrece. Já Horne (2003, p. 136) afirma que o texto sugere ao leitor que a principal diferença entre as duas categorias descritas é o potencial para ser ensinado. Doukhan (2013, p. 42) salienta que o ódio e o amor são reações divergentes à crítica ou à repreensão do sábio que ensina, pois enquanto um sábio está aberto à correção e ao aprendizado, o escarnecedor se fecha ao ser confrontado.

Existe outro argumento favorável à ligação entre os versículos 8 e 12. Trata-se do pronome (אָ) significando você ou tu em sua forma sufixal, que também se destaca nos dois versículos citados. Esse pronome envolve o leitor ativamente fazendo com que ele seja participante do texto. Ao se dirigir de maneira tão direta, o autor transporta o seu público-alvo para sua narrativa, ainda que o texto siga o gênero de poesia sapiencial. O convite que o escritor faz para sua audiência é de suma relevância pois evidencia a aproximação que o texto quer ter com o leitor. Segundo Clarke (1996, p.1724), o maior beneficiário das instruções e doutrinas contidas no livro sapiencial é o leitor, visto que recusar as bênçãos advindas de Deus gera uma vida de sofrimento para o próprio. Ademais, Clifford (1999, p. 107) indica que o leitor está diante de duas condutas contrastantes. Este, ao analisá-las, deve decidir qual será a sua escolha e arcar com suas consequências. Assim, Kidner (1980, p. 79) revela que a sabedoria ou a estultícia andam ao lado do observador atento. A reação do leitor frente à crítica, repreensão e correção surge da familiaridade com os sábios, que amam, ou com os escarnecedores, que odeiam.

Na **Tabela 2** apresenta-se o segundo grupo de paralelismos inversos observado:

Tabela 2: Segundo Paralelismo Inverso

Provérbios 9	Paralelismo Inverso/Português	Paralelismo Inverso/Hebraico
Versículo 9	A Dá instrução ao sábio, B e ele se fará <u>mais</u> sábio ainda; A ¹ ensina ao justo, B ¹ e ele <u>crescerá</u> em prudência.	תּוֹרַת חָכָם וְיִחְכַּם-עוֹד הוֹדַע לְצַדִּיק וְיִוְסַף לָקֶחַ: פ
Versículo 11	A Porque por mim se multiplicam os teus dias, B e anos de vida se te <u>acrescentarão</u> .	כִּי-בִי יִרְבּוּ יָמֶיךָ וְיוֹסִיפוּ לָךְ שָׁנֹת חַיִּים:

Fontes: Bíblia (1999, p. 444); Bíblia Hebraica (1997, p. 1286).

Já os versículos 9 e 11 revelam uma ideia de soma, crescimento e adição. As palavras (עוֹד), “mais”, e (יִרְבֶּה), “crescerá”, fazem um paralelo com (יִרְבֶּה), “multiplicam”, e (יִוָּסֵפוּ), “acrescentarão”. Ambos os versículos demonstram acréscimo e, quer seja relacionado à sabedoria ou à vida, o bom observador pode verificar a abundância como elemento convergente contida nos versículos correspondentes. Evans (2019, p. 1045) ressalta que o sábio tem consciência de sua pequenez intelectual, de sua insuficiência diante do vasto campo de conhecimento existente e deseja ardentemente multiplicar sua experiência com a sabedoria. Lopes (2016, p. 152-153) destaca que o sábio tem uma forte aspiração ao crescimento tanto na graça quanto em sabedoria, além de ser alguém “ensinável” em todos os campos do conhecimento.

Outro fato considerável nos dois versículos citados é a ausência do escarnecedor. Parece que quanto mais próximo ao versículo alusivo ao “temor do Senhor”, menos espaço há para aqueles que consideram com desdém o conhecimento do Santo de Israel. Não há menção ao zombador, pois o foco é o sábio e os benefícios de um estilo de vida onde a sabedoria se concretiza. Como declara Wiersbe (2010, p. 374)): “Os pecadores rejeitam a repreensão e a reprovação, mas os sábios aceitam ambas e se beneficiam delas. Os néscios, escarnecedores e loucos preferem fazer as coisas a seu modo e ouvir os outros dizerem que estão certos, mas os sábios querem ouvir a verdade.” Assim, o escarnecedor ou zombador é tirado de cena e os holofotes são mirados no sábio, que é aquele favorecido pelas bênçãos da proximidade com o temor do Senhor.

Assim como a perícope analisada indica um paralelismo, o versículo 10 também revela um paralelismo (ver Carro; Poe, Zorzoli, 2005, p. 2607-2608). O versículo central apresenta um paralelismo sinonímico. O temor corresponde ao conhecimento, assim como Senhor é sinônimo de Santo, e o princípio da sabedoria está ligado à prudência. Na **Tabela 3** indica-se o terceiro paralelismo averiguado:

Tabela 3: Paralelismo Sinonímico

Provérbios 9	Paralelismo Sinonímico/Português	Paralelismo Sinonímico/Hebraico
Versículo 10	A O <u>temor</u> do SENHOR é o <i>princípio da sabedoria</i> , B e o <u>conhecimento</u> do Santo é <i>prudência</i> .	תְּחִלַּת חִכְמָה יִרְאַת יְהוָה וְדֵעַת קִדְשִׁים בִּינָה:

Fontes: Bíblia (1999, p. 444); Bíblia Hebraica (1997, p. 1286).

De maneira didática e visual, o paralelismo inverso da perícope analisada é representado nesse esboço simétrico abaixo:

Esboço simétrico

A. Escarnecedor versus sábio (v. 8)

B. Mais e crescerá (v. 9)

C. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria (v. 10)

B¹. Multiplica e acrescenta (v. 11)

A¹. Escarnecedor versus sábio (v. 12)

2.2. Personagens da Narrativa: Ilustres Coadjuvantes

A narrativa do capítulo 9 de Provérbios trata-se de uma alegoria, não de uma parábola (ver Stuart; Fee 2011, p. 179-185; Sellin; Fohrer, 2007, p. 439-440). O capítulo apresenta 18

versículos. Os primeiros seis versículos dizem respeito à personificação da Sabedoria e são escritos em forma de alegoria (ver Vanhoozer, 2005, p. 43-47). Igualmente, os seis últimos versículos salientam a personificação da Loucura e também são escritos em forma de alegoria. Waltke (2013, p. 550) ressalta que “os convites das duas mulheres são estrutura de forma quase idêntica numa estrutura alternada (v. 1-6, 13-18).”

Como toda história, esta possui personagens centrais e periféricos, que serão identificados dentro do próprio texto selecionado. Segundo Stuart e Fee (2011, p. 110), em sua grande maioria as narrativas compõem três elementos imprescindíveis, que são os personagens, o enredo e o desfecho, e seguem definições literárias tradicionais incluindo protagonista, antagonista e coadjuvantes. Assim, é necessária uma breve ponderação sobre os agentes envolvidos na narrativa selecionada.

O primeiro indivíduo a ser analisado é o “simples” ou “nécio” (פְּתִי), que também pode ser traduzido como ingênuo ou imaturo, segundo Harris, Archer e Waltke (1998, p.1268). Os mesmos autores indicam que a palavra “simples” (פְּתִי) em hebraico não significa uma pessoa humilde, mas alguém que ingenuamente acredita em qualquer coisa. Ele entra em cena por três vezes no capítulo, sendo sua aparição notada nos versículos 4, 6 e 16. Conforme Ellisen (1993, p. 186), ele “é a pessoa ingênua, um tanto inocente, destituída de entendimento, que se deixa levar facilmente. E ingênua do ponto de vista moral, fácil presa para propagandistas, com enorme necessidade de ser orientada para não cair nas ciladas da vida”.

A próxima pessoa é o perverso ou ímpio (רָשָׁע). Ele não tem falta de experiência e muito menos ingenuidade. Tem uma passagem rápida e pálida pelo texto, surgindo e desaparecendo no versículo 7. Está mais para figurante do que coadjuvante. Como declaram Harris, Archer e Waltke (1998, p. 1457):

Em contraste com *tsdq*, a raiz denota o comportamento negativo de pensamentos, palavras e ações más, um comportamento contrário não somente ao caráter de Deus, mas também hostil à comunidade e que, ao mesmo tempo, revela a falta de harmonia e a agitação existentes no interior do homem.

A terceira figura considerada é o escarnecedor ou zombador (לֵצֵל). O texto parece apresentar ele como um ser debochado e sarcástico. Sua voluntariedade para rebelar-se contra a sabedoria e as coisas relacionadas a Deus são a tônica de sua existência. Ele compõe o cenário três vezes nos versículos 7, 8 e 12 do capítulo 9. Clarke (1996, p. 1723) ressalta que o escarnecedor possui características morais duvidosas, evidenciando libertinagem como também infidelidade, além de possuir uma inteligência que transforma as coisas mais sérias em zombaria e gracejo.

O quarto coadjuvante é o justo (צַדִּיק). Ele tem uma participação especial curta, porém significativa. Revela-se uma pessoa maleável, atenciosa e disposta ao ensino. O contraste deste em relação aos três últimos personagens é vívido. Ainda que ele somente surja no versículo 9, contribui para a narrativa do texto. Os que ensinam o justo e o sábio recebem consideração, respeito e amor, além da convicção de um trabalho eficaz e produtivo (Yoder, 2009, p. 154). Champlin (2018, p. 2582) afirma que “o homem justo certamente não é perfeito, mas tem certa maturidade que está aprimorando”. Logo, o justo tem um relevante papel dentro da narrativa pois ele é um sábio em potencial.

Já o último indivíduo que participa ativamente é o sábio (חָכָם). Ele atua na trama por três vezes. Sua aparição acontece nos versículos 8, 9 e 12. A disparidade com o escarnecedor faz do sábio um importante elemento dentro do enredo do capítulo 9. No Antigo Oriente Próximo, o sábio atuava como um pai para os estudantes, um professor que instruía através do exemplo e lidava com o conhecimento acumulado pela experiência (Walton, 2003, p. 579). MacDonald

(2011, p. 547) argumenta que o sábio é aquele que pondera, pensa, analisa os fatos e, assim como o justo, prossegue crescendo em maturidade. Assim, em última instância, o sábio é o coadjuvante que mais atua ativamente no palco.

2.3. A Sabedoria entra em cena: Ato I

A Sabedoria entra em cena em Provérbios 9:1. Ela adquire atributos humanos, gênero definido e é descrita laborando. Sua casa é edificada por ela mesma. Alguns autores acreditam que essa poderia ser uma escola (ver Brown; Fitzmyer; Murphy, 2007, p. 903). Não há passividade, tampouco procrastinação em sua diligente tarefa. Ela é retratada como uma mulher que constrói e não destrói. Seu trabalho minucioso de lapidação das sete colunas de sua casa revela sua disposição para lidar com situações complexas. Sobre as sete colunas, Walton *et al.* (2018, p. 732) afirmam:

Muitas teorias foram elaboradas para explicar o significado das sete colunas da morada da sabedoria. Entre elas estão: o firmamento dos céus, os planetas, os dias da Criação, os livros da lei e os sete sábios da antiga Mesopotâmia. E, ainda, a Epopeia ugarítica de Baal e Anat contém uma referência ao lugar da habitação do grande deus El. O texto diz que ele habita “nos sete aposentos da sabedoria, os oito salões do julgamento”.

Ainda sobre as sete colunas, Radmacher e Allen (2010, p. 956) argumentam que “nesta expressão, o número sete representa a completude, conforme é comum na poesia semítica”. Os verbos “edificou” (בִּנְתָהּ) e “lavrou” (הִצְבִּיחָהּ) apresentados na terceira pessoa somados a impessoalidade sugerem um narrador para a alegoria.

O versículo subsequente transporta o leitor para um espaço onde a Sabedoria encarrega-se dos preparativos para uma festividade ou banquete. Para Waltke (2004, p. 456) a festa evidencia a grande posição da Sabedoria na sociedade e ressalta a hospitalidade dispensada aos seus convidados. Os dois itens alimentícios selecionados por ela são iguarias de alto valor. Longman III e Garland (2008, p. 169) enfatizam que “as figuras da carne e do vinho representam o bom ensinamento da Sabedoria que será palatável e rentável”. É evidente que a carne e o vinho eram componentes da refeição apenas em dias especiais. De acordo com Koptak (2003, p. 283), o banquete era suntuoso porque o vinho e a carne não eram comidas para um camponês. Ademais, o corte da carne fala mais sobre a opulência da refeição do que qualquer ritual de adoração. O narrador detalha a pluralidade de animais abatidos, indicando uma enorme mesa com fartura.

Deliberações e planejamentos são as principais atividades da Sabedoria em Provérbios 9:3. Ela organiza, sistematiza e designa uma ordem direta para suas funcionárias. Murphy (1998, p.123) acrescenta que a Sabedoria possui autoridade e diligência para liderar as servas que estão ao seu dispor. Contudo, é difícil distinguir no texto se ela acompanha as servas aos pontos mais altos da cidade ou apenas as instrui a estender convites personalizados para um público específico. Em relação ao convite, Koptak (2003, p. 283) argumenta: “Preparados os preparativos, ela envia suas criadas, que fazem o convite em nome de sua senhora desde os lugares altos da cidade.” Ou seja, a Sabedoria não convida pessoalmente, mas remete seus convites através de suas criadas. Já para Barton e Muddliman (2019, p. 411), a Sabedoria é quem faz ecoar seu convite. Logo, esses autores supõem que ela de maneira ativa chama seus convidados presencialmente.

O primeiro discurso, seja de suas criadas ou da própria Sabedoria, é direcionado para os jovens, inexperientes, aprendizes ou ingênuos. Davidson (1997, p. 1055) acredita que há um local diferenciado na casa dela para essa classe de pessoas que aceitam o chamado. Trata-se de

um cordial convite que visa a aproximação entre a Sabedoria e aquele que carece de entendimento. Segundo Waltke (2013, p. 557), o apelo da Sabedoria precisa ser respondido pela ação de “voltar-se” e se comprometer com sua nova jornada. O pedido torna-se mais direto e peculiar para os que provavelmente desconhecem sua própria falta de prudência.

A Sabedoria revela o cardápio que aguarda seus convivas, a saber, pão e vinho. Kidner (1964, p.91) enfatiza os três verbos presentes no discurso proclamado por ela, a saber, vir (לָבוֹא), comer (לֶחֱמֹת) e beber (לִשְׁתֶּבֱא). A Sabedoria é dona de um enorme e irresistível banquete para os desorientados, famintos e sedentos que a ouvem. Por fim, o convite feito ao jovem ou inexperiente apela para que este deixe os outros jovens e se achegue à Sabedoria para receber vida. Nichol (2012, p. 1097) confirma:

Somente quando as pessoas se separam dos costumes e da companhia daqueles que rejeitam aos apelos do Salvador têm a possibilidade de viver de forma plena e satisfatória. Ouvir o convite da sabedoria, comer de seu pão e beber de seu vinho proporcionam ricas recompensas tanto na vida presente quanto no mundo por vir (ver Jo 6:5).

Assim, a oferta da Sabedoria é maior do que produtos alimentícios. Yoder (2009, p. 153) observa que o convite que ela faz para a vida vem acompanhado de um chamado à mudança de caminho, rotina e perspectivas. O que ela oferece ao seu público alvo é o que existe de mais valioso: a vida.

O próximo bloco de texto que se segue, Provérbios 9:7-12, está interligado ao convite da Sabedoria. Duas justificativas corroboram com essa afirmação. Primeiramente, o sábio descrito na segunda perícopes apresenta características já observadas na personificação da Sabedoria. Assim, no versículo 8 é o sábio que decide amar após a repreensão, além de ser aquele que se faz mais sábio no versículo 9, evidenciando uma proatividade análoga à Sabedoria, que edifica sua casa, gerencia suas servas e prepara seu banquete. Por último, o tópico central de Provérbios 9:7-12, como já foi visto no início do artigo, é o temor do Senhor. Deste modo, ao oferecer vida para os seus ouvintes a Sabedoria conecta o temor à vida, pois “o temor do Senhor é fonte de vida”, segundo Provérbios 14:27. Assim, a primeira porção do texto de Provérbios 9 está intimamente relacionada com a segunda.

Todavia, alguns autores consideram a perícopes dos versículos 7-12 do capítulo 9 de Provérbios como um elemento desconexo do capítulo. Barton e Muddliman (2019, p. 412) sugerem que “a seção intermediária (v. 7-12) é digressiva e é considerada por alguns comentaristas como uma intrusão posterior”. Segundo Chapman *et al.* (2005, p. 379), alguns eruditos acreditam que o interlúdio pertence à próxima seção e os versículos 7-12 foram colocados no capítulo 9 por engano.

Seguindo esse raciocínio, Horne (2003, p. 133) salienta que “os versículos 7-12 parecem ser uma intrusão; que ou seja, esses versículos não foram originalmente concebidos para serem uma parte do poema contrastando a Sabedoria da Mulher e a loucura de mulher”. Já Clifford (1999, p. 102) descreve os versículos 7-12 como versículos independentes ou até aleatórios. Para Murphy (1998, p. 122), a perícopes seguinte a ser estudada levanta alguns questionamentos pelas seguintes razões:

A estrutura deste capítulo é clara, mas deixa uma dúvida. Os primeiros seis versículos são dados para a Sabedoria, e isso é equilibrado por outros seis versículos, versículos 13-18, que são dados à sua contraparte, Loucura. Mas o que deve ser feito com os seis intermediários versículos, versículos 7-11?

O argumento da falta de conexão do trecho analisado com o restante do capítulo não é uma unanimidade, porém surge na leitura de alguns autores como citado a pouco.

2.4. O Temor do Senhor como Elemento Pivotal: Entreatos

Ao iniciar a leitura da perícope central, o leitor se depara com a antítese da Sabedoria. Neste ponto, o escarnecedor e o perverso entram em cena. Ambos estão ligados à afronta e à injúria. Etchevarne (2011, p. 3171) descreve a falta de humildade e o coração fechado daquele que não aceita a correção ou a repreensão, realidade observada no início desse trecho do capítulo. Treier (2011, p. 86) argumenta que é muito improvável acertar e prever quem reagirá de forma positiva ou negativa à repreensão. No entanto, há casos que são óbvios e o resultado já é guardado. Os comportamentos do escarnecedor e do perverso são uma reação à repreensão e à censura, demonstrando sua inabilidade de lidar com a disciplina. O versículo 8 do capítulo 9 de Provérbios contrasta o escarnecedor com o sábio. A afirmativa para não repreender o escarnecedor parece sugerir que há pessoas que não mudam. Gardner (2001, p. 52) sugere que, “em qualquer caso, esses versículos reconhecem que há uma incorrigibilidade em alguns homens. O professor de sabedoria não deve desperdiçar seu tempo e energia para aqueles que não estão dispostos a receber instrução”.

Ainda sobre a posição do escarnecedor diante da correção, Waltke (2013, p. 562) observa que “o sábio visa conduzir aqueles que são potencialmente educáveis a se arrepender e, desse modo, estabelecer com eles uma amizade espiritual verdadeira”. Assim, o sábio utilizará vários meios para guiar o escarnecedor ao arrependimento, mesmo sabendo da possibilidade de ser odiado. O comportamento do escarnecedor é o seu grande diferencial. O escarnecedor e o sábio reagem opostamente à repreensão. Enquanto o escarnecedor oferece ódio e aborrecimento, o sábio oferta amor e apreço àquele que o repreende.

No versículo 9 não há mais menção do escarnecedor ou do perverso. O foco muda para o sábio. Arnold e Beyer (2015, p. 294) ressaltam que o relacionamento do sábio com Deus e sua aceitação dos caminhos dele são fatores distintivos. Quanto mais perto do temor do Senhor, mais o enquadramento se concentra no sábio. Ele aceita a instrução e se apresenta como alguém disposto a aprender para ser mais sábio do que é. De acordo com Brown (1971, p. 423), o sábio é aquele que se apropria de toda instrução que provém de Deus e não perde tempo. Rapidamente o justo sobe ao palco como exemplo de aluno suscetível ao ensino. Ele não apenas possui como adquire mais prudência.

Deste modo, o elemento pivotal do texto se encontra no versículo 10. Para Hill e Walton (2009, p. 587), o temor do Senhor pode ser descrito nos seguintes termos:

Finalmente, a ideia do temor do Senhor impede que a sabedoria proverbial degenera num sistema rígido e mecanicista de relações de causa e efeito. Isso evita simplificar demais as complexidades da vida e oferecer respostas prontas para perguntas difíceis. O temor do Senhor preserva a natureza inescrutável (ou incognoscível) de Deus e mantém o profundo mistério da vida. Estas qualidades ajudam-nos a explicar a tensão entre as duas vertentes da sabedoria hebraica – as instruções para a vida ideal e as discussões sobre as questões desgastantes da vida real.

A expressão “temor do Senhor” é mencionada em 14 versículos somente em Provérbios (1:7; 1:29; 2:5; 8:13; 9:10; 10:27; 14:26; 14:27; 15:16; 15:33; 16:6; 19:23; 22:4; 23:17). Yee (2014, p. 609) afirma que “todo o ensino de Provérbios 1–9 está resumido no versículo 10: o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, levando a uma vida longa e bem-sucedida (9:11-12)”. Segundo Routledge (2016, p.162), o temor do Senhor é resultado de um relacionamento:

A sabedoria no AT tem, no entanto, uma importante dimensão teológica, e em Provérbios está intimamente ligada ao “temor do Senhor” (1:7; 8:13; 9:10; 15:33; cf. Dt 10:12-13, 20). A sabedoria vem de Deus e, embora alguns aspectos dela possam estar disponíveis de forma mais geral, a verdadeira sabedoria é encontrada no relacionamento com Deus.

Interrompendo o fluxo poético da perícope central, a personificação da Sabedoria torna a discursar. O temor do Senhor é o gatilho para a fala da Sabedoria. O versículo 11 pode indicar que o temor do Senhor era o convincente argumento esperado para reafirmar o convite feito no versículo 6. Nichol (2012, p. 1097) argumenta que “a sabedoria volta a explicar por que os simples devem comparecer à festa. Uma vida longa é oferecida como recompensa pela sabedoria e pelo temor do Senhor (ver Pv 3:2, 16; 4:10; 10:27)”. Logo, a vida prometida no apelo da Sabedoria é legitimada e reforçada pelo temor do Senhor. Destarte, os argumentos evidenciam que a perícope analisada está entrelaçada integralmente com o capítulo inteiro, sendo uma unidade robusta e coesa.

2.5. A Loucura e o Temor: Ato II

A terceira alegoria inicia com uma narrativa descrevendo nuances da personificação da Loucura. Murphy (1983, p. 62) argumenta que a estrutura básica não gira em torno da Sabedoria somente, mas também da personificação da Loucura. O narrador aponta aspectos internos do caráter dela. Segundo Walton (2003, p. 2021), a Loucura é espalhafatosa, rebelde e resistente ao conhecimento. O versículo 13 indica características de uma mulher passional. Para Champlin (2018, p. 2582), o termo *petî*, que na grande maioria das versões bíblicas é traduzido como “simples”, nesse versículo pode ser entendido como “corrupta” ou até mesmo “devassa”. MacArthur (2019, p. 1286) salienta o exibicionismo da Loucura no início de sua descrição com um tom de imoralidade (ver Harrison, 2017, p. 33).

Enquanto no primeiro versículo dessa porção a análise é sobre quem é a Loucura, o versículo 14 se concentra no que ela faz. Waltke (2013, p. 567) descreve o ócio da rival da Sabedoria que “sem haver preparado a refeição, misturado e decantado o vinho, posto à mesa e enviado mensageiros”, se assenta indolentemente na frente de sua casa. Sua ação reflete sua indisposição em efetuar alguma atividade significativa. Ela simplesmente ajeita sua cadeira e se acomoda à frente de sua casa, que coincidentemente fica em um local privilegiado da cidade. Para Jamieson, Fausset e Brown (2003, p. 589), o comportamento conspícuo é um indicativo de sua arrogância.

O texto apresenta uma mulher oportunista que aguarda o momento certo para encantar as pessoas que distraidamente se aproximam de sua casa. Como declara Champlin (2018, p. 2582):

O texto sagrado supõe que aqueles que passam (v. 15) pertençam, em sua maioria, à categoria dos simples. Algum ocasional e experimentado sábio também passa, mas não dá ouvidos ao convite da Rainha dos Pecados. Até mesmo os simples seguem seu caminho. Eles não estão procurando a corrupção, embora não tardem a ser desviados do reto caminho e a ser corrompidos. O texto sagrado fala em sedução. E também devemos compreender que, embora seja fácil para a Senhora Insensatez lançar o seu convite, ela encontra pouca resistência da parte daqueles que são seduzidos pelo próprio coração.

Assim, a Loucura seduz a todos que estão andando no bom caminho, mas que inadvertidamente transitam nas mediações de sua casa.

O versículo 16 é um convite aos que estão circulando ao lado da morada da Loucura. Bruce (2008, p. 918) comenta que a mesma palavra que aparece para descrevê-la é a que ela utiliza em seu convite, ou seja, ela não está em uma situação melhor que seus convidados. Esses pedestres estão no caminho certo, contudo ainda estão no limiar do alcance dela. Ela prepara seu discurso chamando primeiramente a atenção dos que são jovens e inexperientes. Aqueles que iniciaram bem, mas ainda têm muito o que aprender. Aceitar ao sutil convite para uma aproximação sem comprometimento desencadeia a possibilidade de a Loucura influenciar seu ouvinte. Segundo Clarke (1996, p. 1724), aceitar o chamado da Loucura é adentrar na escuridão e participar de sua insanidade.

A proposta da Loucura é ilícita, capciosa e imoral. Alguns autores apontam uma conotação sexual nas entrelinhas do discurso dela (ver Waltke, 2013, p. 570; Yoder, 2009, p. 155; Henry, 2002, p. 15; Carson *et al.*, 2009, p. 721). A seção inicia com um incentivo ao roubo e termina com uma sugestão ao furto. Tanto a água quanto o pão são frutos de uma ação proibida. Bruce (2008, p. 918) destaca:

Em vez da comunhão franca e aberta da refeição compartilhada com sabedoria (v. 5), há uma conspiração secreta do v. 17, roubada talvez sugerindo que o mal é parasítico do bem; até mesmo os prazeres do pecado dependem da boa criação de Deus para proporcionarem o prazer que possam dar.

A ênfase observada na ilegalidade do processo de adquirir os alimentos é o que distingue seu discurso da Sabedoria. Ela não possui pudor algum ao instigar seu ouvinte a quebrar as leis e se rebelar contra os mandamentos. Para Kidner (1980, p. 81), o diálogo relembra o livro de Gênesis, quando Eva foi persuadida a tomar e comer do fruto proibido, desobedecendo uma ordem ou mandamento claro de Deus. A violação direta do decálogo expõe as intenções prévias da personificação da Loucura.

Antes mesmo do ouvinte refletir e responder a tentação, o narrador informa o leitor que ali onde está a Loucura estão os mortos. Ou seja, é muito provável que ela more em um cemitério. O conhecimento dessa informação é um argumento válido para a recusa do convite. Hilber (2009, p. 391) sugere que a palavra מֵתִים utilizada para mortos indica submundo e aparece fora do livro de Provérbios com sentido semelhante (Jó 26:5; Sl 88:10-11; Is 14:9; 26:14). A Loucura tece sua argumentação com sagacidade para conduzir o máximo de ouvintes para o seu calabouço fúnebre do pó da terra. Para aqueles que aceitam o convite, as luzes se apagam e não há plateia nem aplausos.

2.6. Duas Mulheres e uma Escolha: Desfecho

O contraste marcante entre a Sabedoria e a Loucura é descrito em todo o capítulo 9 de Provérbios. Para Meyer (2002, p. 338), existe uma dicotomia ininterrupta entre as duas oponentes que claramente representam a virtude e a maldade. A Loucura não tem as mesmas características de sua rival e seu potencial para competir é ínfimo. Ela praticamente copia o discurso inicial da Sabedoria. Os versículos 4 e 16 são quase idênticos em sua estrutura (ver Waltke, 2013, p. 569; Clarke, 1996, p. 1724). O público-alvo é exatamente o mesmo para as duas. Contudo, as semelhanças terminam quando elas revelam o que têm para oferecer. A Loucura é vazia, não pode dar nada além de morte para os seus ouvintes, ao passo que a Sabedoria tem um banquete para ofertar àqueles que escolhem ouvir sua voz.

A Sabedoria vai até seus ouvintes, enquanto a Loucura espera sentada em frente de casa. Gardner (2001, p. 53) concorda que “ela se senta na porta como uma mulher sexualmente

apaixonada e sedutora e tenta os homens que passam com os prazeres da relação sexual”. Uma é dinâmica e eficiente, já a outra é preguiçosa e indolente. As duas convergem para o mesmo alvo, a saber: o inexperiente e jovem. Elas não dialogam, nem buscam os outros personagens do texto. Há algumas possibilidades para não existir um convite para o sábio e para o escarnecedor. O sábio já decidiu buscar o conhecimento e consequentemente o temor do Senhor. Já o escarnecedor não quer saber de nada relacionado à Sabedoria, rejeitando também o temor do Senhor.

O jovem ou inexperiente se depara com duas mulheres e a dramática escolha por elas representada: viver ou morrer. Arnold e Beyer (2015, p. 294) assim defendem:

O livro de Provérbios continua os temas de outras partes do Antigo Testamento, contrastando duas maneiras de viver a vida. Por um lado, há aqueles que rejeitam as leis de Deus e se recusam a cumprir a sua aliança. Provérbios designa esses indivíduos como “tolos” e suas escolhas de vida como “loucura”. Por outro lado, aqueles que mantêm cuidadosamente o seu relacionamento com Deus e aderem aos seus caminhos são chamados de “sábios” e as suas vidas são caracterizadas pela “sabedoria.

O ponto central para prever qual será a decisão de cada jovem é saber qual a relação que este tem com o temor do Senhor. Courson (2006, p. 499) entende que “o temor do Senhor é amá-Lo, ouvir Sua canção tão claramente que o canto da sereia do pecado seja completamente abafado”. Se ele entender o temor como reverência, respeito e admiração inevitavelmente, aceitará o convite da Sabedoria. Porém, se o temor é compreendido como pavor e medo, a Loucura terá grande chance de angariar mais um candidato para morar em sua casa.

O apelo para os jovens não está na perícope do início ou no bloco do final, mas se encontra no centro do capítulo. A parte principal de decisão está no meio. Sabendo dessa informação privilegiada, a Sabedoria surge e roga aos seus ouvintes. Ela quebra a estrutura de poesia no versículo 11 e revela o que tem de melhor: a vida. Evans (2019, p. 1046) concorda que “você não pode comprar anos para aumentar sua vida útil. Mas, se você aceitar o convite para o banquete da Sabedoria (9:1-5), ela o impedirá de morrer prematuramente por tolice (9:11)”. A Loucura não ousa discursar na porção de versículos central pelo simples fato de não ter o que oferecer.

Há uma disputa entre as duas mulheres. A protagonista e antagonista competem pela decisão dos jovens ou inexperientes. Não existe neutralidade na alegoria. Duas opções são ofertadas e elas aguardam uma resposta da audiência. O pano de fundo ou palco desse drama é um conflito. Não uma mera batalha, mas o grande conflito que permeia todo o Universo. White (2007, p. 131) diz:

Cada um deve ocupar sua posição, e ser aquilo que Deus designa que ele seja, como espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens. Todo o Universo olha com inexprimível interesse para ver a obra final do grande conflito. Todo cristão deve ser uma luz, não escondida sob um alqueire, ou debaixo da cama, mas posta no velador, para que a luz se comunique a todos quantos se acham na casa.

Ao término da alegoria as luzes se apagam, as cortinas se fecham, mas o drama é transferido para a mente do leitor. A vida e a morte se personificam em mulheres com um convite e o texto espera que o leitor decida a qual apelo ele aceitará.

3. Considerações Finais

O presente estudo verificou a existência de uma estrutura de paralelismo inverso na perícope do capítulo 9:8-12. Esse paralelismo invertido aponta para o versículo 10 destacando o “temor do Senhor” como centro do quiasmo. O versículo 10 possui um paralelismo sinonímico. O capítulo 9 possui três perícopes que dialogam entre si, estando intrinsecamente interligadas. Constatou-se que o trecho central (9:8-12) não é independente, acidental ou aleatório. Assim como averiguou-se a presença de um apelo ao leitor com o intuito de levá-lo à tomada de decisão.

A ausência do bloco central no capítulo 9 de Provérbios revelaria no mínimo uma sequência ilógica ou uma lacuna no fluxo da narrativa, pois ele está interligado aos trechos anterior e posterior. Bem como a aceitação da morte ou da vida, ofertado pelas duas mulheres é o resultado inequívoco da maneira como o leitor compreende o temor do Senhor, através do conhecimento do Santo de Israel. Para o leitor, não há neutralidade e a escolha é inevitável.

A maior limitação encontrada na realização da pesquisa foi a ausência de bibliografia atualizada. Existem várias obras que tratam do assunto pesquisado em português e inglês, como também em espanhol, porém foram produzidas e publicadas antes de 2019.

Quatro temas novos surgiram no decorrer da pesquisa, contudo devido às limitações de espaço e foco poderão ser estudados em futuros trabalhos acadêmicos. São os seguintes: 1) as nuances entre o termo “temor do Senhor” descrito em Provérbios capítulo 1 e 9; 2) as semelhanças gramaticais entre o capítulo analisado e o último capítulo do livro de Provérbios; 3) a comparação entre a mulher virtuosa do capítulo 31 e a Sabedoria personificada no capítulo 9; e 4) a conexão do “temor do Senhor” com os outros livros sapienciais.

Referências

ARNOLD, B. T.; BEYER, B. E. **Encountering the Old Testament**: a Christian survey. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2015.

BARTON, J.; MUDDLIMAN, J. **The Oxford Bible commentary**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2019.

BROWN, R. E. **Comentário Bíblico San Jeronimo**. Madri: Ediciones Cristiandad, 1971.

BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, Roland E. (Ed.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2008.

CARRO, D.; POE, J. T.; ZORZOLI, R. **Comentário bíblico mundo hispano**: Provérbios, Eclesiastes e Cantares. São Paulo: Vida Nova, 2005.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. (Eds.). **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

- CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2018.
- CHAPMAN, M. L; PURKISER, W. T; WOLF, E. C; HARPER, A. F. **Comentário bíblico Beacon: Jó a Cantares de Salomão**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.
- CLARKE, A. **Poetic Books – Job to Song of Solomon**. Albany, OR: Sage Software, 1996. v. 3.
- CLIFFORD, R. J. **The Old Testament Library**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999. v. 15.
- DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- DOUKHAN, J. B. **Proverbs**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ELLISEN, S. A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 1993.
- ETCHEVARNE, C. **Bíblia: los libros sapienciales**. Estella: Verbo Divino, 2011.
- EVANS, T. **The Tony Evans Bible commentary**. Nashvillem TN: Holman Bible Publishers, 2019.
- FEE, G. D. **Entendes o que lê? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GARDNER, P. **Comentário Bíblico Broadman**, v. 5: Provérbios a Isaías. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 2001.
- HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARRISON, E. F. **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017. v. 1.
- HENRY, M. **Comentário bíblico: edição atualizada ao século 21**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.
- HILBER, J. **Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary: Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, and Song of Songs**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009. v. 10.
- HILL, A. E.; WALTON, J. H. **A survey of the Old Testament**. 3. ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.

HORNE, M. P. **Smyth & Helwys Bible Commentary: Proverbs & Ecclesiastes**. Macon, GA: Smyth & Helwys, 2003.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R; BROWN, D. **Comentario exegetico y explicativo de la Biblia**. Antigo Testamento. Barcelona: CLIE, 2003. v. 1.

KIDNER, D. **Provérbios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980.

KIDNER, D. **Tyndale Old Testament commentaries: Proverbs**. Westmont IL: InterVarsity, 1964. v. 17.

KOPTAK, P. E. **Proverbs**. The NIV Application Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003. v. 15.

LONGMAN III, T.; GARLAND, D. E. (Eds.). **Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs & Isaiah**. The Expositor's Bible Commentary. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008. v. 12.

LOPES, H. D. **Provérbios**. São Paulo: Hagnos, 2016.

MACARTHUR, J. **Comentário bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular: Antigo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MEYER, F. B. **Comentário bíblico do Antigo e Novo Testamentos**. Belo Horizonte: Betânia, 2002.

MURPHY, R. E. **Proverbs**. Word Biblical Commentary. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998. v. 22.

MURPHY, R. E. **The Forms of the Old Testament Literature: Wisdom literature**. Job, Proverbs, Ruth, Canticles, Ecclesiastes, and Esther. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983. v. 13.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. v. 3.

OSBORN, G. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RADMACHER, E. D.; ALLEN, R. B. **Novo comentário bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

ROUTLEDGE, R. **Old Testament introduction: text, interpretation, structure, themes**. Nova York: Apollo, 2016.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

TREIER, D. J. **Brazos theological commentary on the Bible: Proverbs & Ecclesiastes**. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2011.

VANHOOZER, K. J. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

WALTKE, B. K. **Comentário do Antigo Testamento em Provérbios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

WALTKE, B. **The Book of Proverbs: chapters 1-15**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALAS, M. W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTON, J. H.; KOPTAK, P. E.; PROVAN, I. W.; WILSON, G. H. **Wisdom Books**. The NIV Application Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003. v. 3.

WALTON, J. **Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento**. Belo Horizonte, MG: Atos, 2003.

WHITE, E. G. **Profetas e reis**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico expositivo do AT: Poéticos**. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2010. v. 3.

YEE, G. A. **Fortress commentary on the Bible: the Old Testament and Apocrypha**. Mineápolis, MN: Fortress, 2014. v. 1.

YODER, C. R. **Proverbs**. Abingdon Old Testament Commentaries. Nashville, TN: Abingdon, 2009. v. 18.

GESTÃO EFICIENTE NO BATISMO: PROMOVENDO O CRESCIMENTO SAUDÁVEL DA COMUNIDADE ECLESIAÍSTICA

ÉRICO TADEU XAVIER¹
JUAREZ MACHADO JUNIOR²

71

Resumo: O batismo é um ritual religioso que se destaca no cristianismo por estar relacionado diretamente com a confissão pública da fé em Jesus. O objetivo deste estudo é analisar o processo de batismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) sob a ótica da gestão eclesiástica desse processo. A revisão bibliográfica é utilizada como método que facilita a compreensão teológica e estratégica da gestão do processo de batismo na IASD. A literatura pesquisada aponta para a importância do rito do batismo como prova de fé e mudança de vida da pessoa convertida. Demonstra que a responsabilidade dos pastores para com os batizados está no preparo deles e na verificação de sua conversão, medida pela compreensão das verdades bíblicas e de sua aceitação evidenciada em sua vivência como cristãos adventistas. A gestão estratégica eficiente do processo de batismo deve considerar a aceitação e compreensão das doutrinas e princípios de vida cristã, e os candidatos ao batismo devem ser avaliados pessoalmente quanto à sua fé, recebendo encorajamento e suporte contínuos, tanto no preparo para o batismo quanto no processo de desenvolvimento espiritual pós-batismo. Conclui-se que a gestão eficiente do batismo traz impactos positivos para a igreja e sua missão, criando uma base sólida para fortalecer a fé individual e coletiva da comunidade adventista, com resultados duradouros na comunidade eclesiástica e na missão da igreja.

Palavras-chave: Batismo. Gestão Eclesiástica. Missão.

¹ Doutor em Teologia. Professor Emérito do Seminário Adventista Latino-Americano – Faculdade Adventista Paranaense (FAP). Contato: etxacademico@gmail.com

² Pós-graduando em Gestão Eclesiástica pela Faculdade Adventista Paranaense (FAP). Contato: pr.juarez.mj@gmail.com

EFFICIENT MANAGEMENT TOWARD BAPTISM: PROMOTING THE HEALTHY GROWTH OF THE ECCLESIASTICAL COMMUNITY

Abstract: Baptism is a religious ritual that stands out in Christianity because it is directly related to the public confession of faith in Jesus. The objective of this study is to analyze the baptism process in the Seventh-day Adventist (SDA) Church from the perspective of the ecclesiastical management of this process. The bibliographic review is used as a method that facilitates the theological and strategic understanding of the management of the baptism process in the SDA Church. The literature researched points to the importance of the baptism rite as a proof of faith and change in the life of the converted person. It demonstrates that the responsibility of pastors towards those being baptized lies in preparing them and verifying their conversion, measured by the understanding of biblical truths and their acceptance evidenced in their experience as Adventist Christians. Efficient strategic management of the baptism process needs to consider the acceptance and understanding of the doctrines and principles of Christian life, and candidates for baptism must be personally assessed regarding their faith, receiving ongoing encouragement and support, both in preparation for baptism and in the process of spiritual development after baptism. It is concluded that efficient baptism management brings positive impacts to the church and its mission, creating a solid foundation to strengthen the individual and collective faith of the Adventist community, with lasting results in the ecclesiastical community and in the church's mission.

Keywords: Baptism. Church Management. Mission.

1. Introdução

O batismo é um dos rituais mais significativos dentro do cristianismo, representando a adesão à fé e o compromisso com uma nova vida em Cristo. Essa característica do batismo o torna reconhecido como um ritual religioso de importância primordial e uma cerimônia de iniciação no reino de Deus, especialmente porque, como Fortin e Moon (2018, p. 693) afirmam: “Cristo fez do batismo uma condição explícita que cada crente deve cumprir.”

No entanto, para que essa ordenança seja conduzida de maneira eficaz e significativa, é essencial uma gestão cuidadosa por parte dos líderes eclesiais para que esse ritual não perca sua sacralidade e importância. Nesse sentido, White (2007a, p. 302) ressalta que “não deve haver qualquer precipitação na administração desse rito” para que o batizando compreenda bem o seu sentido e tome uma decisão firme, não sob a influência da simples emoção.

Nesse contexto, os pastores e membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) desempenham papel fundamental, haja vista que os que desejam se decidir pelo batismo necessitam de clara exposição sobre a fé em Cristo e necessidade de renúncia ao mundo, o que deve ser feito pelos que ensinam as verdades bíblicas, especialmente os pastores, para que o significado e a solenidade do batismo sejam bem compreendidos (White, 2015).

Em vista dessa importância, a gestão eficiente no processo de batismo é explorada neste artigo de molde a verificar sua influência no crescimento saudável da comunidade eclesial. Nessa perspectiva, o estudo proposto tem como objetivo analisar o processo de batismo na IASD sob a ótica da gestão eclesial desse processo.

O tema “Gestão eficiente no batismo: promovendo o crescimento saudável da comunidade eclesial” surge da necessidade de compreender e aprimorar as práticas relacionadas ao batismo dentro do contexto da IASD.

A justificativa para este estudo reside na compreensão de que a gestão eficiente no processo de batismo não apenas preserva a integridade da comunidade de fé, mas também promove seu crescimento espiritual e avanço missionário. Reconhecendo os riscos associados à má condução do batismo busca-se oferecer reflexões e estratégias que contribuam para uma abordagem mais responsável e criteriosa desse rito sagrado. Espera-se que este artigo sensibilize os pastores sobre a importância da gestão eficiente desse processo e leve os membros a refletirem sobre sua vivência de fé autêntica e seu papel de apoio aos novos conversos.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa é baseada na revisão bibliográfica, método que facilita a compreensão teológica e estratégica da gestão do processo de batismo na IASD, uma vez que fundamenta os conceitos referentes ao batismo, conduzindo a uma análise crítica da literatura existente sobre a gestão do batismo na IASD. O foco da pesquisa está na importância da gestão eficiente nesse processo, visando contribuir para o crescimento saudável da espiritualidade e missão da comunidade eclesial adventista.

Ao longo deste estudo são examinados os fundamentos teológicos do batismo, a responsabilidade dos líderes eclesiais na preparação dos candidatos, os possíveis impactos negativos da má gestão no processo de batismo e as estratégias para uma gestão eficiente.

2. Fundamentos Teológicos do Batismo

O rito do batismo é uma das mais antigas e importantes ordenanças do cristianismo, profundamente enraizado na prática e nos ensinamentos do Novo Testamento. Representa a porta de entrada para a comunidade eclesial, simbolizando a renúncia à velha vida e o início de uma nova vida em Cristo. Neste tópico, são apresentadas definições teológicas sobre o significado do batismo e sua relevância para o crescimento da igreja cristã primitiva.

2.1. O Significado do Batismo para a Teologia

O termo batismo deriva do grego βαπτίζω (*baptizō*), que significa imergir ou mergulhar (Taylor, 2011). Na Bíblia, pode referir-se ao perdão de pecados ou à purificação cerimonial antes de comer (Lc 11:38). A palavra relacionada, βαπτισμός (*baptismós*), refere-se ao ato de mergulhar ou imergir um objeto na água como parte de um ritual de purificação. O termo se refere, primariamente, ao batismo efetuado por João, por imersão (Xavier, 2020).

Inicialmente, o batismo começou como um ritual para iniciar novos crentes na religião judaica e continuou a servir como um mecanismo purificador na vida religiosa judaica (Espinoza, 2020).

De acordo com Xavier (2013), João Batista utilizava o batismo nas águas, apontando para o batismo com o Espírito Santo, referindo-se à obra de Jesus Cristo (Jo 1:31; Lc 3:16). Após o tempo de João Batista, o batismo assumiu um significado expandido, representando a passagem da morte para a vida pelo poder da morte e ressurreição de Cristo.

A administração do batismo, conforme o modelo apresentado no evangelho de Mateus 3:1-17 – o batismo de Jesus – é por imersão. Outras formas de batismo, como aspersão e efusão, não estão em harmonia com o que a Bíblia apresenta e considera como batismo e, portanto, não são consideradas válidas. A obra *Nisto Cremos* assevera: “Quando o verbo batizar se refere ao

batismo em água, traz consigo a ideia de imersão, de mergulhar a pessoa sob a água” (IASD, 2018, p. 242). A mesma obra enfatiza que “somente quando o batismo é administrado por imersão, é que seu significado pode ser plenamente visto” (IASD, 2018, p. 243).

O batismo expressa o arrependimento humano, resultando no perdão divino dos pecados e na nova vida em Cristo. É um ato de obediência que segue a pregação do evangelho, exigindo arrependimento e fé genuína, elementos essenciais para a transformação do pecador pela obra do Espírito Santo. No evangelho de Mateus 28:18-20, Jesus comissiona Seus discípulos a fazerem novos discípulos e batizá-los, destacando a conexão entre a pregação do evangelho e o batismo. Nesse contexto, “o batismo mostra que a pessoa se tornou discípulo de Jesus e membro de Seu povo” (Kiesler, 2011, p. 650).

Algo digno de nota com relação ao batismo é destacar que, como muito bem diz Fraser (1962), a pessoa batizada passou por uma “mudança de proprietário”. Isso significa que o batismo em Jesus Cristo representa mais do que um ato simbólico; é uma experiência que marca a entrega total da pessoa a Ele. Ao ser batizado em Jesus Cristo, o indivíduo se torna propriedade de Cristo, rompendo com seu antigo modo de vida e submetendo-se a uma nova autoridade espiritual. Essa transformação é tão profunda que todas as antigas conexões são abandonadas, e o novo cristão agora está sob a gerência divina. Assim, o batismo não apenas simboliza a renúncia ao pecado, mas também a inauguração de uma nova identidade em Cristo. Conforme as palavras de Paulo, “as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5:17), evidenciando que, a partir desse momento, o crente é agora propriedade do Redentor, unindo sua vida de maneira indivisível com a de Cristo, em uma relação de unidade espiritual.

Ainda sobre o significado do batismo, Paulo, em Romanos 6:1-11, oferece uma exposição abrangente sobre o tema. Ele argumenta que, pelo batismo, os crentes são sepultados com Cristo em Sua morte e ressuscitados para andar em novidade de vida (v. 3, 4). Comentando essa passagem, Kiesler (2011, p. 650) afirma que “Paulo mostra que a pessoa aceitou Jesus como Senhor e Salvador e morreu para o pecado”. Ele também observa que, “disto podemos inferir que o cristão, unido a Cristo no batismo, rompeu com o pecado e vive agora em novidade de vida dedicada a Deus” (Kiesler, 2011, p. 650). O autor ainda complementa que, uma vez que Cristo morreu na cruz por todos, os cristãos são sepultados com Ele pelo batismo, renunciando à sua vontade e morrendo simbolicamente com Ele, a fim de permitir que Cristo viva Sua vida através deles. Essa ideia está alinhada com o que Paulo declara em Gálatas 2:20 e 6:14, onde enfatiza que os cristãos morrem para o pecado e ressurgem no batismo.

Na IASD, os batismos são realizados pelo formato bíblico, de modo que os novos crentes são totalmente imersos na água e trazidos imediatamente de volta, simbolizando a morte e sepultamento de Jesus, conforme descreve Paulo em Colossenses 2:12. Wilson (2022, p. 1) comenta a respeito que “embora seja apenas o sangue de Jesus que pode nos salvar, quando somos batizados, declaramos publicamente nossa fé e obediência a Ele”. Desse modo, o crente, ao sair da água batismal, é simbolicamente elevado a uma nova vida em Cristo. Nesse sentido, a IASD segue o exemplo prático dos primeiros cristãos.

2.2. O Batismo e as Práticas Espirituais na Igreja Primitiva

O relato apresentado por Lucas no livro de Atos demonstra que a grande comissão deixada por Jesus aos Seus discípulos foi fielmente executada. Após a ascensão de Jesus, os discípulos reuniram-se em fervorosa oração, clamando pelo cumprimento da promessa do derramamento do Espírito Santo. Esse evento ocorreu no dia de Pentecostes (Atos 2), quando o Espírito Santo desceu sobre eles, capacitando-os a pregar com grande poder e autoridade.

A respeito do batismo no Espírito Santo, Xavier (2013, p. 63) destaca que Jesus, propriamente, “nunca Se referiu ao batismo no Espírito Santo”, mas prometeu que o Espírito viria para dar poder aos discípulos de testemunhar sobre Cristo e as boas-novas do reino de Deus (At 1:8). Isso ocorreu após Sua ascensão (At 1:9). Em Atos 1:5, Jesus declara: “Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo [...]”.

O batismo nas águas foi ensinado pelos discípulos mesmo após o recebimento do Espírito Santo em Pentecostes. Em Atos 2:37, o apóstolo Pedro afirma que, após haver o arrependimento, cada um deve ser batizado para “remissão dos pecados” e o recebimento da promessa, o “dom do Espírito Santo”. Não há aqui o ensino de um “segundo batismo”, mas a afirmação de que os convertidos devem viver e andar em Espírito. De acordo com Xavier (2013), isso quer dizer que, se houve arrependimento, o Espírito Santo produz a regeneração e o crente passa a viver pelo Espírito, saindo da morte para a vida. Esse é o poder do evangelho, dado aos que creem para serem testemunhas de Cristo na Terra.

Esse autor complementa o seguinte, esclarecendo sobre o batismo para remissão dos pecados e o recebimento do Espírito Santo:

Ao apontar a um outro tipo de batismo, Jesus não menosprezou o batismo nas águas, mas mostrou aos discípulos a necessidade de viver plenamente uma vida sem pecado e em santidade. Ao serem batizados nas águas, os discípulos sepultaram sua natureza pecaminosa; o batismo com o Espírito Santo lhes daria o poder para produzirem frutos que lhes moldariam o caráter para não mais serem controlados pela natureza carnal e capacitação para cumprirem a missão que Cristo lhes encarregara (cf. Rm 8; Gl 5:22-23) (Xavier, 2020, p. 58).

O apóstolo Paulo descreve o evangelho (*τὸ εὐαγγέλιον*) como o poder de Deus para salvação (Rm 1:16). O termo “poder”, do grego *δύναμις*, é empregado 120 vezes no Novo Testamento, segundo o *Dicionário Bíblico Online* (2007). O poder do evangelho foi representado, no Pentecostes, pela descida do Espírito Santo sobre os discípulos. Ali estavam cerca de 120 pessoas (At 1:15), reunidas no cenáculo do templo, onde receberam o dom do Espírito Santo e passaram a “testemunhar” de Cristo falando em diferentes linguagens, para que todos os que ali estavam, judeus e gentios, ouvissem o evangelho (At 2: 1-11).

Nichol (2014, p. 110) destaca o papel fundamental do poder do Espírito Santo na vida dos discípulos, afirmando que “este poder é para testemunhar, pois vem de dentro, proclama o evangelho e leva outros a Deus. Por meio dos discípulos, cheios deste poder, Jesus continuaria a obra que havia começado na Terra [...]”. E White (2007b, p. 11), corrobora afirmando: “Para que pudessem ter sucesso em sua obra, deviam eles [os discípulos] receber o poder do Espírito Santo. Não pelo poder humano ou humana sabedoria devia o evangelho ser proclamado, mas pelo poder de Deus.”

Assim, após a pregação ousada e convicta de Pedro, que resultou na conversão de cerca de três mil pessoas, estas expressaram sua decisão de seguir Jesus por meio do batismo (Atos 2:41), o que é uma evidência clara da ação miraculosa do Espírito Santo, capaz de converter e salvar pessoas para o reino de Deus.

É notável observar como o ministério de Jesus em favor da salvação da humanidade continuaria a se expandir através da comunidade de crentes que o aceitaram – a igreja. White (2007b, p. 6) reforça essa visão ao afirmar que “a igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o Evangelho ao mundo”. Destaca-se a importância da evangelização e do testemunho como a missão central da igreja, sendo essa a continuidade do trabalho de Jesus através dos Seus seguidores.

A partir do fortalecimento dado pelo Espírito Santo, o movimento do Cristianismo continuou a crescer à medida que os discípulos testemunhavam em Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da terra, conforme a ordem de Jesus em Atos 1:8. Notavelmente, essa ordem seguiu uma progressão geográfica e missionária: a pregação começou em Jerusalém, estendeu-se pela Judeia e Samaria (Atos 1 a 9), e alcançou os confins da terra (Atos 10 a 28).

Barret (1982, apud XAVIER; MALHEIROS, 2018) afirma que, no primeiro século, a igreja cristã primitiva contava já com mais de um milhão de cristãos. Os resultados da ação do Espírito Santo através de pessoas consagradas são surpreendentes: de um grupo inicial de 120 pessoas antes do Pentecostes, a mensagem da cruz se espalhou por todo o mundo conhecido da época. À medida que a pregação da mensagem de arrependimento e conversão avançava, o crescimento da comunidade cristã era evidenciado pelo aumento no número de batismos.

O crescimento numérico foi verdadeiramente extraordinário. Porém, isso não teria sido possível sem práticas espirituais que promovessem a saúde espiritual e a edificação da comunidade dos fiéis. A qualidade da igreja, com crentes cheios do Espírito Santo, é o que impulsiona seu crescimento. O autor de Atos descreve uma série de práticas espirituais realizadas pelos crentes da igreja apostólica (At 2:42-47: a comunhão fraternal, a Ceia do Senhor, a oração e o ensino dos apóstolos) que os fortaleciam como comunidade e como futuros cidadãos da "pátria celestial" (Fp 3:20). Relacionando essas práticas ao crescimento exponencial da igreja apostólica, é evidente que elas contribuíam significativamente para o crescimento numérico e a maturidade espiritual da comunidade.

Considerando que os novos conversos faziam parte do grupo envolvido nas práticas espirituais de Atos 2, eles estavam sendo discipulados em como viver a vontade de Deus. Os ensinamentos dos apóstolos eram constantemente reforçados, promovendo uma vida em unidade, conforme Jesus orou em sua oração sacerdotal em João 17:21. Isso fortalecia cada vez mais a igreja, dando qualidade aos seus novos conversos e capacitando todos para seguirem no cumprimento da Grande Comissão (Mt 28:19-20) deixada por Jesus (na qual o imperativo não é o *Ide* e sim o *Fazer* discípulos "indo", ou seja, por onde fossem). Muitos ainda precisavam crer e ser batizados para serem salvos (Mc 16:16), e a prática constante desses ensinamentos era essencial para que a igreja pudesse continuar sua missão de evangelização e crescimento.

3. Responsabilidade dos Líderes Eclesiásticos na Preparação dos Candidatos

A responsabilidade das lideranças eclesiais na questão do batismo tem a ver com a própria salvação dos batizados. Os líderes eclesiais, de modo especial, os pastores, foram designados para cuidar do rebanho de Cristo, a Igreja, para esta levar a mensagem de salvação a todos. Nesse propósito, esses líderes devem "[...] vigiar com zeloso cuidado, com vigilante perseverança a fim de que a igreja não seja subvertida pelos malignos ardis de Satanás, mas que ela esteja no mundo para promover a glória de Deus entre os homens" (WHITE, 2008, p. 59).

O trabalho dos pastores não se limita a pregar sermões, mas a realizar, de forma zelosa e pessoal, a obra de Deus, a missão proposta por Cristo de "ir, fazer discípulos, batizar e ensinar", conforme Mateus 28:19-20. Esse trabalho não deve ser feito de qualquer maneira, mas com responsabilidade, empenho pessoal e amor pelas almas. White (2007b) afirma que o pastor, ao entrar na obra, não deve se contentar em pregar, escolhendo o caminho de menor sacrifício, pois isso não é aceito por Deus. A obra de ministério pessoal requer que as pessoas por quem Cristo morreu sejam buscadas e cuidadas, para que não pereçam.

A responsabilidade dos líderes tem início bem antes do batismo da pessoa que aceita o Evangelho. O processo de batismo envolve diretamente o discipulado. O Manual da Igreja Adventista (2023, p. 45), destaca que “o batismo é parte essencial do processo de discipulado, mas não constitui o resultado final desse processo”. Esse processo inicia com a apresentação do Evangelho a uma pessoa, sua aceitação em se tornar discípula de Cristo, seu amadurecimento no conhecimento e na comunhão com Cristo, e na ação de fazer outros discípulos.

A pessoa que se mostra interessada em se tornar discípulo de Cristo deve receber especial interesse dos líderes e dos pastores. Não basta a pregação de sermões. Segundo White (2004a), pregar é relativamente fácil; difícil é lançar mão à obra, fora do púlpito, diretamente com as pessoas. Diz a autora: “O interesse despertado deve ser apoiado por trabalho pessoal — visitar, dar estudos bíblicos, ensinar a pesquisar as Escrituras, orar com as famílias e pessoas interessadas, aprofundar a impressão causada no coração e na consciência” (idem, v. 5, p. 239).

Embora o discipulado envolva a todos os membros da igreja, dando a todos a responsabilidade pessoal de ensinar aos mais novos na fé, a responsabilidade do pastor é inerente. Conforme o Manual da IASD (2023), o novo convertido deve ser ensinado que não basta ser membro da igreja ou atuar em alguma atividade, mas deve crescer continuamente como discípulo de Cristo, num relacionamento duradouro e impactante.

Os discípulos se tornam mais semelhantes a Cristo em caráter em meio às rotinas cotidianas da vida. Mediante as práticas intencionais de estudo diário da Bíblia, oração, serviço e missão, crescemos e nos aprofundamos mais em nosso compromisso com o discipulado. Um discípulo plenamente comprometido “anda” continuamente com Cristo quando fica a Seu lado, imita Sua vida e Lhe obedece nas atividades diárias rotineiras. (IASD, 2023, p. 48).

O processo do batismo, portanto, envolve levar o conhecimento sobre Cristo, Sua oferta de salvação mediante a cruz, a entrada no reino de Deus, entre outros aspectos. A consequência natural da fé em Cristo é o batismo nas águas. Cristo fez do batismo o sinal de entrada para o Seu reino espiritual, uma condição para vier sob o reinado de Deus. Assim sendo, “antes que o homem possa obter abrigo na igreja [...]” deve renunciar ao mundo e ser batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, declarando, publicamente, que se tornou membro da família real, filhos e filhas do Pai celestial (White, 2007a, p. 302).

Para que os novos convertidos sejam aceitos na igreja, os candidatos ao batismo devem passar por “cuidadoso preparo”, devendo os princípios cristãos serem “claramente explicados aos recém-convertidos” (White, 2007a, p. 303). Para tanto, cabe aos pastores a tarefa de avaliar os candidatos ao batismo e realizar o rito batismal. Essa não é uma tarefa livre de responsabilidades perante Deus posto sua relevância. Daí a importância que a IASD dá a essa questão, instruindo aos líderes eclesiais sobre a gestão adequada dos rituais de batismo.

Os pastores da IASD recebem qualificação para dirigir todos os ritos e cerimônias, incluindo officiar a cerimônia batismal. O batismo é a via de ingresso na igreja, e aqueles que se reconhecem como pecadores e se arrependem sinceramente, experimentando a conversão, podem ser aceitos como candidatos ao batismo (IASD, 2018).

Nesse propósito, conforme o *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, “os pastores devem instruir os candidatos nos ensinamentos fundamentais da Igreja e nas práticas relacionadas com esses ensinamentos, para que eles, os candidatos, possam ingressar na igreja com uma sólida base espiritual” (IASD, 2023, p. 50).

Essa instrução deve ser minuciosa, já que se trata de um compromisso para a vida. A decisão do batizando não pode ser meramente emocional, mas também e especialmente racional, posto que a pessoa deverá ter consciência de estar entregando sua vida a Cristo e não

entrando para um clube social religioso. Os líderes têm a responsabilidade de analisar a intenção do batizando para que a igreja cresça em qualidade e não apenas numericamente.

Nesse sentido, Lukass (1967, *apud* Lorini; Wendrechovski, 2006, p. 39), na obra *Evangelismo Eficiente*, afirma que o intelecto e a emoção devem ser equilibrados. O ideal é “contrabalançar a razão e o sentimento, guiadas de tal forma pelo Espírito Santo que o resultado seja a entrega à vontade de Deus, em Cristo”.

Ellen White trata do assunto com seriedade quando propõe que os candidatos ao batismo devem ser examinados mais criteriosamente quanto ao seu discipulado, para ficar claro se estão aceitando a Cristo como Senhor, renunciando ao mundo, ou se meramente adotaram o nome de “adventistas do sétimo dia”. Diz ela: “As exigências do evangelho devem ser estudadas a fundo com os batizando” (IASD, 2023, p. 52).

Assim sendo, segundo o *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*,

Os candidatos devem receber instrução bíblica, individualmente ou em uma classe batismal, sobre as Crenças Fundamentais e as práticas e responsabilidades como membro da igreja. Um pastor deve demonstrar para a igreja, por um exame público, que os candidatos foram bem instruídos, estão comprometidos a dar esse importante passo e, por prática e procedimento, demonstram voluntária aceitação das doutrinas e dos princípios de conduta da igreja, os quais são a expressão exterior daquelas doutrinas, pois “pelos seus frutos vocês os conhecerão” (Mt 7:20) (IASD, 2023, p. 51).

Na impossibilidade de se realizar o exame público, os candidatos ao batismo devem ser levados perante a Comissão Diretiva da Igreja ou a uma comissão por esta designada (como uma comissão de anciãos, por exemplo), e sua decisão em relatório apresentada à igreja para confirmar ou não a aceitação do batizando como membro da igreja (IASD, 2023, p. 51).

Antes do batismo, o novo convertido fará o voto batismal, quando declarará publicamente a aceitação das Crenças Fundamentais da IASD. As perguntas relativas à experiência de aceitação ou não devem ser feitas de forma que o batizando entenda claramente o que lhe está sendo pedido a confirmar. O pastor não deve fazer essas perguntas de modo frio ou reservado, mas com bondade e mansidão. Após o batismo, o novo membro receberá o certificado de batismo e compromisso, para lembrar ao membro que ele realizou um concerto com Cristo, não apenas com a igreja (IASD, 2023, p. 51). Esses procedimentos são necessários para que o novo convertido seja aceito como membro da IASD.

No processo pós-batismo, o novo membro deverá ser atendido em suas necessidades espirituais, de modo que receba ainda maior conhecimento sobre a nova vida em Cristo, para que sua experiência pessoal enriqueça a comunidade de forma positiva. Nesse processo pós-batismal, o crente não deve ser deixado a aprender sozinho, mas deve ser incentivado a participar da comunidade, de grupos de estudo, a fim de estudar as Escrituras para obter compreensão adequada das verdades reveladas e se firmar na comunidade eclesial. Conforme esclarece White (2007b, p. 363), a “compreensão das Escrituras” capacita o crente a “relembrar promessas” que confortam o coração e fortalecem a fé no Onipotente.

4. Impactos Negativos da Má Gestão no Processo de Batismo

No que diz respeito à gestão inadequada do processo de batismo, esta pode produzir resultados negativos para a igreja e para a pessoa que está sendo discipulada ou que se tornou um membro sem a devida avaliação de sua condição espiritual. Ellen G. White (2007c, p. 246) afirma que, quando “recebidas, as verdades bíblicas elevarão a mente e a alma” da pessoa que realmente recebe o evangelho de Cristo. Por outro lado, ela complementa que “Deus ficaria mais

satisfeito com seis pessoas inteiramente convertidas à verdade, do que com sessenta fazendo profissão de fé, mas não estando de fato convertidas” (White, 2007d, p. 369).

A falta de discipulado e de avaliação do candidato ao batismo quanto à sua aceitação das verdades bíblicas e das crenças da igreja pode ser um dos principais erros que prejudicam a qualidade da igreja. A má gestão nesse quesito pode permitir a entrada de pessoas não convertidas realmente, prejudicando o crescimento saudável da espiritualidade e da missão da comunidade eclesial adventista. Ellen G. White (2015, p. 162) aconselha a que se tome cuidado nessa questão tão significativa: “Muitos que não estão convertidos são aceitos na igreja. Tem-se permitido que homens, mulheres e crianças participem do solene rito do batismo sem terem sido completamente instruídos quanto ao significado dessa cerimônia.”

Nesse sentido, White (2004a, p. 162) afirma ainda que “a aquisição de membros que não foram renovados no coração e reformados na vida é uma fonte de fraqueza para a igreja. Esse fato é muitas vezes passado por alto”.

Alguns pastores enfatizam o crescimento numérico da igreja e acabam não realizando uma avaliação criteriosa do candidato ao batismo. Argumentam que no contexto bíblico é enfatizado o crescimento numérico, esquecendo-se de que esse crescimento era devido à aceitação do evangelho de Cristo na evidente urgência de se propagar o reino de Deus.

Numa análise mais cuidadosa, percebe-se que a ênfase dos escritores bíblicos está nos discípulos e na alegria de o evangelho ser aceito pelas pessoas, o que levou ao crescimento numérico. A expansão numérica é demonstração do resultado da ação missionária, de modo que a expansão da igreja era o resultado do poder do Espírito Santo que produzia um aprofundamento do conhecimento sobre Cristo, sobre a doutrina cristã, sobre as questões eclesialísticas, organização da igreja, extirpação de erros e heresias, e, principalmente, a vivência renovada em busca de andar no Espírito (Xavier, 2013b, p. 32)

Ellen G. White também acentua que os pastores não devem enfatizar o crescimento numérico em detrimento da qualidade. O trabalho de discipular candidatos ao batismo não deve ser deixado para depois em vista de se conseguir mais um membro. Ela afirma:

Alguns pastores e igrejas acham-se tão desejosos de assegurar um aumento de membros que não dão testemunho fiel contra hábitos e costumes não cristãos. Aos que aceitam a verdade não é ensinado que eles não podem, sem perigo, ser mundanos em sua conduta, ao passo que de nome são cristãos. Até então, eram súditos de Satanás; daí em diante, devem ser súditos de Cristo (White, 2004a, p. 162).

Como observado no início do cristianismo, o aumento numérico da igreja foi acompanhado de conversões genuínas, garantindo a qualidade do discipulado para que os conversos realmente conhecessem a Cristo e buscassem renovação de vida por meio do Espírito Santo. A entrada de pessoas não convertidas na igreja faz com que o aumento numérico prevaleça em detrimento da qualidade do testemunho pessoal e coletivo.

Outro perigo que compromete a gestão eficiente do batismo está na visão de muitos pastores de que o joio deve crescer com o trigo; por isso, muitos não fazem a devida avaliação da conversão do candidato ao batismo. Essa visão, assim como a dada acima, compromete a qualidade espiritual da igreja e seu testemunho perante o mundo. Embora Jesus tenha afirmado que o joio deve ser deixado a crescer com o trigo para posterior separação (Mt 13:24-30), Ele também reforça a importância de que os chamados para o reino estejam dispostos a usar “roupas adequadas” (Lc 14:10-14), ou seja, dispostos a aceitar a vontade de Deus e a viver em conformidade com o reino.

Sobre isso, Ellen G. White (2008, p. 53) comenta que o fato de haver membros defeituosos na igreja, comparáveis ao joio em meio ao trigo, é algo triste, mas “Deus é longânimo

e paciente” e sabe que, no meio da igreja, existem pessoas que são, realmente, como joio, instrumentos de Satanás que prejudicam a igreja interna e externamente, mas também há aqueles que demoram a aprender, ou a amadurecer na fé; ambos revelarão seu caráter com o tempo e, o fiel amadurecido se distinguirá quando “chegar ao seu completo desenvolvimento”.

Assim sendo, a Palavra de Deus deve ser apresentada a todos, posto ser uma “força viva para transformar o caráter” (White, 2007c, p. 31). E, conforme destaca Wilson (2022, p. 1), “é importante notar que o ato físico do batismo não é o que muda uma pessoa. É a obra do Espírito Santo que faz a diferença. O batismo move o coração do crente para um relacionamento mais próximo com Cristo [...]”.

Nessa perspectiva, causa maior dano extirpar o joio do que deixá-lo crescer, quando este já está na igreja. Isso porque, assim como Deus traz os verdadeiramente convertidos, Satanás também traz pessoas não convertidas, e a igreja convive com duas influências oponentes: uma “opera a favor da purificação da igreja, e a outra a favor da corrupção do povo de Deus” (White, 2008, p. 54). A estes últimos, que não querem mudar sua conduta, White (2015, p. 163), recomenda que “não devem ser mantidos como membros a igreja”.

Conquanto seja verdade que muitos entram como joio, semeados pelo inimigo, a presença dessas pessoas acarreta a necessidade de se dedicar mais tempo a advogar a verdade não para a evangelização de muitos, mas para anular a obra daqueles que, estando na igreja, proclamam uma mensagem adversa, contrária e falsa, contribuindo negativamente para a expansão da igreja e da mensagem de salvação. Isso cria “sobre os verdadeiros obreiros que estão em novos campos crescente responsabilidade”, de acordo com White (2008, p. 52).

Isso faz com que os líderes eclesiais, pastores e a própria igreja tenham maior responsabilidade ao permitirem que entrem pessoas na igreja sem que haja uma avaliação criteriosa. Por isso a importância de gerir com eficácia o processo de batismo.

5. Estratégias para uma Gestão Eficiente do Processo de Batismo

A gestão eficiente do batismo é crucial para o fortalecimento espiritual da comunidade cristã e para o avanço da missão da igreja. Na busca por resgatar os perdidos, a ação humana deve se juntar à divina, por meio do uso de métodos que possibilitem estratégias eficazes. White (2007e, p. 232), destaca que é preciso “trabalhar de diferentes maneiras e idear métodos vários [...]” para cumprir a missão de revelar a verdade e trazer vidas para o Salvador. E complementa: “O verdadeiro obreiro na causa de Deus fará o melhor, pois que assim fazendo pode glorificar seu Mestre” (White, 2007c, p. 273).

Isso quer dizer que, nos tempos atuais, é necessário fazer uso do intelecto, buscando preparo adequado para gerir as situações desafiadoras que surgem no processo do batismo, assim como, na gestão eclesial de modo geral.

5.1. Estratégias para a Gestão Eficiente do Batismo

Uma abordagem sistemática e bem estruturada pode garantir que os candidatos ao batismo estejam devidamente preparados, integrados e comprometidos com a vida cristã. Para tanto, algumas estratégias são apontadas como eficientes na gestão do processo de batismo, descritas na literatura da IASD, as quais são destacadas a seguir:

Preparo dos candidatos ao batismo

Antes do batismo, é essencial que os candidatos recebam uma educação sólida sobre os fundamentos da fé cristã. Sobre isso, White (2004a, p. 91) salienta: “É necessário mais cuidadoso preparo dos que se apresentam candidatos ao batismo. Têm necessidade de mais conscienciosa instrução do que em geral recebem. Os princípios da vida cristã devem ser claramente explicados aos recém-convertidos.” Ela afirma que o candidato somente deve ser aceito se estiver em “conformidade com a vontade divina”, dando evidências de que compreendeu “plenamente sua posição” (White, 2015, p. 163). Isso pode ser feito através de classes de estudos bíblicos que abrangem doutrinas e princípios de vida cristã. Durante o período de instrução, os candidatos devem entender o significado e o compromisso do batismo, e a importância de viver uma vida em conformidade com os ensinamentos de Jesus Cristo.

Acompanhamento e instrução pessoal

Cada candidato deve ser acompanhado de perto por um mentor ou líder espiritual. A importância do acompanhamento dos novos na fé é destacada nos ensinamentos adventistas, sendo esse acompanhamento feito tanto pelos ministros quanto pelos membros da igreja, que devem tornar a primeira experiência dos novos na fé positiva, para que não se sintam abandonados no seu caminho ao conhecimento de Cristo. White (2004b, v. 6, p. 88), falando sobre isso, afirma que diz que os “cristãos fiéis” e sinceros “não devem negligenciar o cuidado que lhes incumbe de instruir com fidelidade, ternura e carinho os recém-conversos, para que a boa obra não fique pela metade”. Esse acompanhamento proporciona uma avaliação pessoal, encorajamento e suporte contínuos. O mentor desempenha um papel vital na preparação do candidato para o batismo, mas também no processo de seu desenvolvimento espiritual pós-batismal, ajudando-o a resolver dúvidas, oferecer aconselhamento espiritual e incentivá-lo a crescer na fé. Momentos regulares de oração pela vida do candidato são fundamentais, criando um ambiente de suporte espiritual e intercessão pela transformação de vida.

Cerimônia de batismo como evento de celebração

A cerimônia do batismo deve ser um momento de grande celebração e testemunho para toda a comunidade, pois se trata de um assunto solene, momento em que os novos conversos renunciam ao mundo e se submetem ao senhorio de Cristo. Nesse rito, Jesus “registra o voto feito por eles de Lhe serem fiéis” (White, 2007e, p. 245). A preparação cerimonial adequada, o testemunho público do candidato e o envolvimento ativo da congregação na celebração tornam o evento significativo e memorável, de modo que o ato batismal pode exercer influência solene e sagrada sobre as pessoas presentes (White, 2015, p. 164). A comunidade é encorajada a apoiar e acolher os novos membros, reforçando o sentido de família e unidade. A celebração do batismo não apenas marca um novo começo para o indivíduo batizado, mas também revitaliza e inspira a fé da comunidade como um todo.

Integração do novo convertido à comunidade eclesial

A integração do candidato na vida comunitária também é fundamental. Conforme o *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, os novos conversos devem ser ensinados a viver em conformidade com a Palavra de Deus por meio de programas de mentoreamento, em pequenos grupos, por estudos bíblicos, participação em serviços, entre outros. Participar de pequenos grupos, estudos bíblicos e atividades missionárias contribui para o desenvolvimento de seus dons espirituais e ajuda a fortalecer os laços com a igreja (IASD, 2023). Essas interações promovem um sentido de pertencimento e compromisso com a comunidade. Além disso, a

participação ativa em atividades da igreja permite que os candidatos experimentem a vida cristã em ação e entendam a importância da pregação do evangelho e da comunhão.

5.2. Impactos na Espiritualidade Comunitária e na Missão

Uma gestão eficiente do batismo traz diversos impactos positivos para a igreja e sua missão. O preparo adequado fortalece tanto a fé individual quanto a coletiva, criando uma base sólida para a espiritualidade comunitária. Dessa forma, a igreja não apenas cresce em número, mas também em maturidade espiritual, o que é essencial para manter uma comunidade vibrante e saudável. Membros bem discipulados são mais propensos a se envolverem ativamente na missão da igreja, promovendo o evangelho e servindo à comunidade.

White (2007c, p. 33) concorda com essa ideia ao afirmar: “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário. Assim que vem a conhecer o Salvador, deseja pôr os outros em contato com Ele.” Esse envolvimento missionário é um claro indicativo de que o novo crente permitiu que a mensagem do evangelho transformasse seu coração, resultando em saúde e vitalidade para a igreja como um todo.

Além disso, a ênfase na preparação e no discipulado antes e após o batismo contribui para que os novos membros sejam mais bem equipados para viver a fé cristã de maneira prática e significativa. Eles estão mais preparados para enfrentar desafios espirituais e apoiar outros em sua jornada de fé. Essa abordagem integrada fortalece a igreja como um todo, criando uma comunidade de crentes que estão comprometidos com o crescimento espiritual contínuo e com a missão de alcançar os perdidos com a mensagem do evangelho, como “mordomos fieis e verdadeiros da graça de Cristo” (White, 2015, p. 163).

Ao implementar essas estratégias, a igreja assegura que o processo de batismo não seja apenas um evento simbólico, mas um marco significativo na jornada espiritual dos novos crentes, com impactos duradouros na comunidade e na missão da igreja. A gestão eficiente do batismo, portanto, é um elemento essencial para o crescimento saudável e sustentável da igreja, possibilitando que cada novo membro esteja plenamente integrado, discipulado e capacitado para viver e compartilhar a fé cristã.

6. Considerações Finais

O batismo é um procedimento ligado ao processo de arrependimento e aceitação de Cristo como Senhor; pode-se afirmar que o ato do batismo significa que o crente respondeu à pregação do evangelho, aceitando a Cristo como seu Senhor. O batismo é uma evidência pública do discipulado, demonstrando que a pessoa se tornou discípulo de Jesus e membro de Seu povo.

A gestão eclesial do processo de batismo envolve os pastores e líderes da IASD, mas também a comunidade eclesial, no que diz respeito ao preparo dos batizando. Na IASD, o ritual do batismo é considerado como o resultado do discipulado, o que indica aceitação do sacrifício de Cristo, das verdades bíblicas e doutrinas da igreja e consequente intenção de viver os princípios da vida cristã.

A gestão eficiente do processo de batismo requer a avaliação pessoal do candidato ao batismo quanto ao seu preparo, a aceitação e compreensão dos princípios doutrinários, o acompanhamento pessoal do pastor, de líderes e dos membros da igreja, quer no processo anterior ao batismo quanto no período pós-batismal, para que o novo converso receba o suporte e encorajamento necessários para continuar a aprender de Cristo e fortalecer a sua fé e a da comunidade eclesial.

Nesse propósito, os líderes e membros da igreja têm o dever de discipular e ensinar os novos convertidos para que eles sejam representantes de Cristo, tarefa esta que não deve ser deixada somente para o pastor, embora este tenha maior responsabilidade em gerir com eficácia o processo de batismo, para que a comunidade eclesial cresça em qualidade e espiritualidade, para cumprir a missão de pregar o evangelho para a salvação de muitos.

Referências

CRENÇAS fundamentais dos adventistas: o batismo. **Notícias Adventistas online**, 7 de maio de 2022. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/crencas-fundamentais-dos-adventistas-o-batismo/>. Acesso em: 20 ago 2024.

DICIONÁRIO BÍBLICO Online. **Poder**. Disponível em: <https://dicionariobiblico.blogspot.com/2007/09/poder.html>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ESPINOZA, B. Baptism. In: BARRY, John D. (Ed.). **Dicionário bíblico Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

FORTIN, D; MOON, J. (Eds.). **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

FRASER, A. R. A significação do batismo. **Revista Ministério**, n. 27, p. 10-11, 1962. Disponível em: https://storage.googleapis.com/data.cpb.com.br/acervos/Ministerio/1962/11/MIN_A1962_M11.pdf.> Acesso em: 23 de maio de 2024.

IASD. **Nisto cremos**: as 28 crenças fundamentais da igreja adventista do sétimo dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

IASD. **Manual da igreja adventista do sétimo dia**. Edição revisada na Assembleia da Associação Geral de 2022. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023.

KIESLER, H. As ordenanças: batismo, lava-pés e ceia do Senhor. In: DEDEREN, R. (Org.). **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LORINI, J. F. S.; WENDRECHOVSKI, J. O papel da música na decisão de pessoas pelo batismo na igreja adventista do sétimo dia. **Kerygma**, a. 2, n. 2, p. 39, 2o sem. 2006.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. 7 Vols. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

TAYLOR, W. C. **Dicionário do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: Juerp, 2011.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja**. v. 5. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004a.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja**. v. 6. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004b.

- WHITE, E. G. para o povo de Deus. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.
- WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.
- WHITE, E. G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.
- WHITE, E. G. **Obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007d.
- WHITE, E. G. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007e.
- WHITE, E. G. **Testemunho para ministros e obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- WHITE, E. G. **Ministério pastoral**: conselhos aos pastores adventistas, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- XAVIER, É. T. Dom de línguas. Salvador, BA: Araújo Gráfica e Editora, 2013.
- XAVIER, É. T. Análise missiológica de atos 1:4-8: capacitação do espírito santo para a obediência cristã e cumprimento da missão. **Kairós**: Revista Acadêmica da Prainha. Fortaleza, v. 16, n. esp., p. 52-70, 2019/2020.
- XAVIER, É. T.; MALHEIROS, I. O crescimento da igreja à luz de Atos 1:8. **Práxis Evangélica** - Revista da Faculdade Teológica Sul Americana, n. 30, p. 141-153, 2018.

TEOLOGIA,
em revista



FAP